



ALMA
NOVA

ALMA NOVA

(Publicação fundada em 1914)

PROGRAMA :

CONTRIBUIR PARA O RESSURGIMENTO NACIONAL, DESPERTANDO O CULTO DAS VIRTUDES PÁTRIAS E O AMOR DAS COISAS PORTUGUESAS; TORNAR PORTUGAL E OS SEUS PRODUTOS CONHECIDOS NO ESTRANGEIRO

Director Literário e Gerente : **Mateus Moreno** * Director Artístico : **Saavedra Machado** * Secretário : **Rebello de Bettencourt**

REDACTORES LITERÁRIOS : Dr. Ascensão Mendonça, Dr. Braga Paixão, Dr. Cláudio Basto, tenente José Brandão, Dr. José Gonçalo Santa Rita, Dr. José Guerreiro Murta, Luis Chaves, Dr. M. Pereira da Silva, Dr. Nuno Cruz, Oldemiro César, Dr. Pedro Júdice e Dr. Teófilo Júnior. **REDACTORES ARTÍSTICOS** : Eduardo Romero, Francisco Santos, Francisco Valença, Jorge Segurado e Samora Barros.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8-1.º (A POLITÉCNICA) — LISBOA

III.ª Série. — N.ºs 25 a 27. — Vol. III

Janeiro - Março de 1925

SUMÁRIO :

Vasco da Gama (desenho)	1	Bernardo de Passos, pela Redacção	24
Heróis de ontem — Vasco da Gama, discurso de Mons. Tedeschini	2	Sonetos, por Bernardo de Passos	25
Heróis de hoje — Saeadura Cabral, pela Redacção; Trindade Coelho e Dr. Gomes dos Santos	3	Aldeia em festa (excerpto), por Boaventura Passos	26
Á memória de Saeadura Cabral e Pinto Correia — Versos de Américo Durão	6	Breves palavras a-propósito da minha terra, por José Dias Sancho	27
Renúncia (História verdadeira), por Ernesto Pereira	7	Carta do falecido poeta Mário Ramos, sobre San-Brás de Alportel	28
Cruel diálogo, por Valeriano de Campos	8	Arquitectura: o Romano-Gótico em Portugal, por Nogueira Gonçalves	29
Interesses Portugueses na América-do-Sul, por J. M. de Bettencourt Ferreira	9	Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra, pelo tenente José Brandão	31
Revista Económica e Financeira, por S. R.	12	Literatura Espanhola: Francisco Camba, por Jorge Ramos	32
Esparsos de Aquem-Tejo, por Júlio Jesus	13	Delas Beiras: Arganil, por M. Silva, e Notas e Factos, pela Redacção	33
Indústrias populares: as olarias de Miranda-do-Corvo, por Álvaro V. de Lemos	15	Crónica dos Livros, por José Guerreiro Murta	34
Iconografia Camiliana, pela Redacção	16	Teatro, Música, Cinemas, pela Redacção	35
Perfil de Camilo, estudo de Saavedra Machado	17	Anúncios	36
«1.º Salão de Outono», quadros de António Soares, Ed. Viana, Lino António, Jorge Barradas e Luís Burnay	18	Capa de Saavedra Machado; ilust. e vinhetas de Saavedra Machado, Cap. Menezes Ferreira, Roberto Nobre, Rodrigues Miguéis, Bernardo Marques e Álvaro V. Lemos.	
Terras do Algarve: Alportel, por Dr. Estanco Louro	21		

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (PAGAMENTO ADIANTADO):

Portugal e Ilhas, Semestre (6 n.ºs) 8\$00; Ano (12 n.ºs)	15\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	20\$00
Brasil e restantes países (idem)	25\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$50. (Cada fascic. o preço correspondente aos números)

AMIGOS DA "ALMA NOVA"

ASSIM consideraremos todas as pessoas que por qualquer das formas seguintes desejarem cooperar no programa da nossa revista:

1.º — Assinando e recomendando a *Alma Nova* às pessoas das suas relações, e obtendo e pedindo a cada novo assinante que por sua vez consiga o maior número de assinaturas de pagamento garantido;

2.º — Concedendo ou angariando subsídios para desenvolvimento geral do seu programa;

3.º — Anunciando ou fazendo anunciar na *Alma Nova*, invocando a larga distribuição da mesma por todo o País, Ilhas, Colónias e principais mercados do Estrangeiro, como garantia da utilidade comercial desses anúncios.

Novos «Amigos» inseritos (Continuação):

Novos «Amigos» inseritos (Continuação):	Assinaturas angariadas	Subsídios — Transporte: 100\$00
75 — José E. de Sousa Gago, prof., Silves	11 — Anuais	—
76 — Dr. Mário Gonçalves Viana, Advogado e jornalista, Lisboa	2 — Anuais	—
77 — Dr. Manuel Gomes dos Santos, ofic. do Exército e advogado, Lisboa	3 — Anuais	—
78 — D. Branca Lopes Martins, prof., Porto	20 — Anuais	—

Todos os «Amigos» tem o desconto de 20 % nas suas assinaturas e 10 % nas demais obras editadas pela Biblioteca da ALMA NOVA (Ed. Ressurgimento). Ver lista das obras, na capa.

■ ALMA NOVA ■

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

DIRECTORES

ARTÍSTICO: J. SAAVEDRA MACHADO

LITERÁRIO E GERENTE: MATEUS MORENO

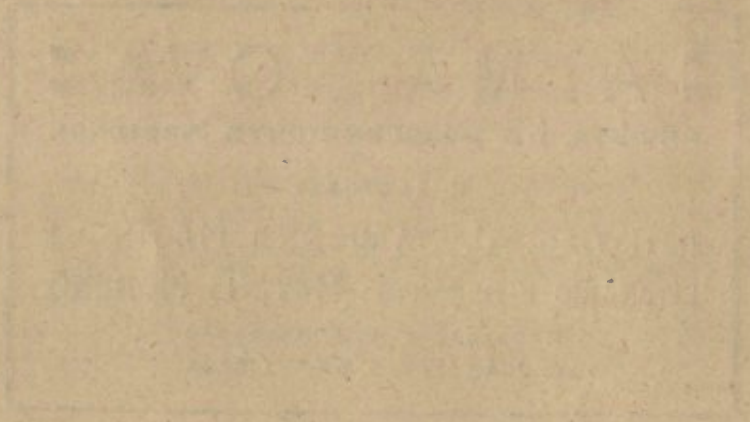
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

C. JOÃO DO RIO, 8-1.º — LISBOA

VOL. III



MCMXXV



REV. JOV



ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

III SÉRIE — VOL. III

LISBOA — JANEIRO-MARÇO DE 1925

NÚMEROS 25-27



VASCO DA GAMA

Foram muito significativas e tocantes, na sua aparente modéstia, as consagrações nacionais levadas a efeito em Lisboa, durante a última semana do mês de Janeiro, para comemorar o 4.º centenário da morte do grande Almirante dos mares das Índias e estrela maior das nossas glórias náuticas. Quasi todas as nações se associaram às referidas comemorações, por meio dos seus representantes diplomáticos e esquadras, que estiveram surtas no Tejo durante todo o período das festas. A evocação dos altos feitos e aventuras do glorioso protagonista dos "LUSÍADAS", foi motivo para calorosas e nobres afirmações de fé nos destinos portugueses, afirmações que não podemos deixar de aplaudir.

HERÓIS DE ONTEM

VASCO DA GAMA

A CONSAGRAÇÃO DAS POTÊNCIAS
NO 4.º CENTENÁRIO DA SUA MORTE
PALAVRAS PROFERIDAS PELO ENVIADO ESPECIAL DA SANTA-SE
■ NA SESSÃO DOS JERÓNIMOS ■

EMINÊNCIA, Monsenhores, Senhoras e Senhores: — Tendo vindo a esta bela e grandiosa capital, nas margens do Tejo, onde nos é dado admirar os sentimentos fraternais de um povo com quem aprendi sempre a amar esta nação;

Tendo vindo das margens do Tíbro, que viu San-Pedro e a barca da Igreja, que viu e vê ainda passar perto d'ele tantas glórias;

E' grande honra para mim, honra que ficará no meu coração, como uma das melhores recordações da minha vida, usar da palavra na vossa presença nesta ocasião, entre todas memorável, da celebração do centenário de Vasco da Gama.

Esse centenário interessa ao mesmo tempo a Religião e as Letras e chama, por consequência, a Lisboa todas Potências e todas as Nações que se destacam pela sua fé e pela sua civilização.

Ninguém mais digno de elogios que esse que merece sem discussão os elogios de todo o mundo.

Por isso venho, Eminência, dizer-vos a razão desta imponente reunião, a qual dá o relêvo do interesse internacional e da simpatia universal a presença do Corpo Diplomático, a que tenho a honra de presidir, e do qual, com o maior desvanecimento, sou aqui o intérprete.

Mensageiros das mais poderosas nações do mundo, sentimentos felizes em tomar parte nas vossas alegrias e em nos associarmos ao vosso legítimo orgulho.

Mas, como Representante do Pontífice Romano, desejo transportar à sua origem o ideal que animou Vasco da Gama e que Portugal sempre conservou.

¿Não foi sempre esse ideal como uma Epifânia, uma manifestação de Cristo às nações da terra?

O vosso poeta Camões, a quem a Espanha fez ultimamente uma comemoração tão espontânea e tão solene, que bem se poderia crer que era feita a um filho seu, Camões é grande como a Musa que desafia os séculos, e aparece belo como poncos entre a lira e a espada: mas bem maior é Vasco da Gama, que inflamou o ideal do poeta e mereceu ser cantado por ele.

E bem maior é ainda o povo do Camões o de Vasco da Gama, porque é o povo que guarda no seu coração o imperecível ideal que produziu os grandes poetas, os grandes navegadores.

Quando considero os limites da vossa nação e quando penso nas suas imensas descobertas, tenho a profunda convicção de que Portugal recebeu de Deus a missão dos antigos Patriarcas, para ser chefe de povos e de nações mais numerosas do que as sereias do mar.

Não receio enganar-me, dizendo que os olhos dos meus illustres colegas reflectem o desejo entusiasta das Nações que representam, de proclamar neste centenário as dividas de reconhecimento e admiração do mundo inteiro a Portugal.

Ler a vossa história é ler a história do mundo; e em todas as épocas gloriosas é preciso reconhecer que o género humano vos deve as vantagens que excitam ao máximo as ambições da Humanidade, descobertas de continentes desconhecidos, reunião do povos cujo número é incalculável, riqueza e bem-estar material que excedem toda a imaginação.

Mas a vossa glória, ó illustre povo Português, é mais alta ainda, porque não é somente uma glória material, mas sobretudo uma glória espiritual e moral.

Nas suas numerosas expedições espalharam os portugueses os princípios da civilização e da fé. Edificando o Império do Novo Mundo sobre os alicerces da religião e da cultura, fizeram o que Deus fez com o primeiro homem, e o homem com os seus filhos: Séros semelhantes a Ele.

O centenário de Vasco da Gama, oh! Portugal culto, Portugal católico, é, acima de tudo, o teu centenário! Po-

des estar orgulhoso de haver dado um tão grande esplendor ao século de Vasco da Gama.

Do Vaticano, onde os acontecimentos nunca passam despercebidos, porque constituem o arquivo do mundo onde o Nosso Grando Papa estudou toda a sua vida e que todos os Papas tem compulsado como arquivos da família, partem como que duas correntes espirituais de que me sinto feliz fazendo aqui menção especial: o 10.º Ano Jubilario e a Exposição Missionária.

Se este Ano Jubilario é celebrado por tantos milhões de cristãos, devemos-lo em grande parte á obra realizada por Vasco da Gama.

Se a Exposição Missionária pôde obter um tão grande êxito e com espanto e admiração dos visitantes lhes pode apresentar os troféus ganhos na imensidade do Oriente por esses pioneiros de Cristo que seguiram Vasco da Gama e os portugueses, devemos-lo também, em grande parte, áquele de quem agora se celebra o centenário.

¿Não é digno dos maiores elogios, Eminência, ter mostrado o Desconhecido áqueles que nem sequer sonhavam a sua existência e que assim foram tocados pela graça de Deus e esclarecidos pela sua luz?

A Nação Portuguesa ouviu a voz de Nosso Senhor: «Ide!» e abriu o caminho aos propagandistas do Evangelho. Ouviu também outra voz: «Ensinai!», e então espalhou no seu caminho a verdade da vida.

Assim, muitos povos, conquistados com sacrificios generosos, foram adicionados aos rebanhos do Redentor.

Tesouro mais valioso que o ouro e a prata, porque foi por eles que Cristo tudo vendeu, quer dizer, deu todo o seu sangue.

Na alma de Vasco da Gama, encarnação da raça portuguesa, que pode o que podem os fortes, que vê o que vêem os génios, ressoou, mais forte do que nunca, a palavra de Cristo; e ao mesmo tempo que repetia as acções do povo de Roma, repetia também aquelas outras, mais gloriosas e fecundas, dos Apóstolos, previstas e ordenadas por Jesus Cristo, quando pronunciou as palavras que se referem pela primeira vez aos povos descobertos por Vasco da Gama: «Omnes gentes!»

Foram estas recordações e estas glórias que aqui vim solenizar, convosco, Eminência, com o sentimento unânime partilhado pelos Chefes de Estado e pelas Potências, que põem assim em destaque, neste dia do centenário, a sincera admiração dos povos.

A prosença do elemento diplomático estrangeiro prova e proclama que as glórias do Portugal são as glórias do mundo o que beneficios resultantes da obra de Vasco da Gama so reflectiram em beneficios e glórias para o mundo inteiro. Mas a presença do representante do Papa, como embaixador extraordinário, acrescentando a tantas provas de alta consideração o prestigio de um trono, tão antigo como a Fé de Vasco da Gama, traz a esta selenidade a autoridade moral dada por quem nunca se inclinou diante de uma obra que não merecesse a homenagem de toda a humanidade o eleva a Deus uma prece fervorosa para que, assim como Vasco da Gama e o seu nome são gloriosos no Céu e na Terra, a Pátria portuguesa receba, em recompensa, toda a prosperidade que merece e para que o grande ideal, sonhado pelos seus heróicos navegadores, tenha um pleno êxito para bem da humanidade, que quer dizer, no amor e no progresso, filho da fraternidade e da justiça o de efeitos imutáveis na Paz de Cristo, e no Reino do Senhor.

MONS. TEDESCHINI.



NO PRÓXIMO FASCÍCULO: ACCÃO E FÉ, — Artigo do prof. Dr. A. Reis Machado

HERÓIS DE HOJE

SACADURA CABRAL

A SESSÃO DE HOMENAGEM DOS NOVOS,
NO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA,
PROMOVIDA PELO NÚCLEO DE "RESSURGIMENTO NACIONAL"



O sr. Presidente da República, o chefe do Governo e o sr. dr. Joaquim Manso, com os promotores da sessão: Tenentes Silvério Lebre e dr. Manuel Gomes dos Santos (à esquerda), e tenente José Rabaça e quintanista de Direito Ernesto Pereira (à direita), no gabinete da Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa

○ «Núcleo de Ressurgimento Nacional» é uma simpática instituição de mōças vontades, que de há muito se impôs pela nobreza do seu idealismo nacionalista e pela sua fé nos destinos da grei.

As comemorações nacionais levadas a efeito, sufragando a alma do heróico aviador Sacadura Cabral, morto em pleno vôo, sôbre o Mar do Norte, com um humilde filho do povo, o não menos heróico marinheiro Cabo Pinto Correia, quis o referido «Núcleo» juntar a consagração dos novos, realizando uma sessão solene em sua homenagem, em 15 de Janeiro último, nos salões do Ateneu Comercial de Lisboa, à qual assistiram o sr. Presidente da República e o Chefe do Governo.

Na sala, que estava literalmente cheia, via-se — formosíssima nota de ternura —, em frente da presidência e na primeira fila de cadeiras, uma criancinha humilde, de olhar entristecido e vago — a filhinha do Cabo Pinto Correia.

Uma brigada de escoleiros fazia a guarda de honra ao sr. Presidente da República e vendia uma *plaque* alusiva ao acto, com belos versos de Américo Durão e capa de Menezes Ferreira, revertendo o produto para a subscrição do monumento a Sacadura Cabral.

A sessão começou às 9 horas precisas, sendo aberta pelo Presidente da Comissão Directiva do «Núcleo», com a brilhante oração que adiante publicamos.

Falaram também os srs. dr. Joaquim Manso (director do *Diário de Lisboa*), tenente Silvério Lebre, 1.º tenente de Marinha Azevedo e Silva e o quintanista de Direito sr. Ernesto Pereira.

O ilustre director de *O Século*, sr. Trindade Coelho, impossibilitado de comparecer enviou a seguinte carta:

Ex.º Sr. Presidente do «Núcleo de Ressurgimento Nacional»:

Um ligeiro incômodo de saúde impede-me de assistir à sessão solene por V. Ex.ª promovida não só em honra de Sacadura Cabral e Pinto Correia, mas em desagravo — porque não? — daquele «inquerito à consciência nacional» que em dinheiro d'olvido e de contado inda não atingiu cinquenta contos. Comovidamente saúdo pois a confraria de mōças actividades que nesse «Núcleo» latejam, esperança da renovação de Portugal pela Instrução e pela Educação, para com justa oportunidade me servir da dedicatória do *Manual Político*, que não pode continuar sendo cinza morta sôbre chão fumegante de rescaldo. Em face do drama dos Heróis cujas memórias V. Ex.ª hoje celebram — prolongado marulho da História Trágico-Marítima — todo o Verbo se estanca. E' que foram sempre mudas as grandes comoções de assombro ou dor. Passada porém a hora volitiva de recolhimento e ascese, que o *Núcleo de Ressurgimento Nacional* clame à Terra e à Raça que ambas são eternas no tempo e no espaço; e que ensine também às novas gerações portuguesas a lição imortal de todos os *documentos vivos* da nossa grande História — Monumentos, Instituições, Obras e Homens —, lição que não pode nem deve ser aprendida nos cafés, nos animatógrafos ou nos *teas-dancing*. Abraça-me uma grande fé nos destinos da Pátria. Sintomas há que não iludem. Nunca os puros artistas da nossa terra e do nosso povo foram tão procurados como agora. As *Viagens de Garrett*; os livros de Júlio Diniz; a *Cidade* e as *Serras* de Queirós; os contos de Arnaldo Gama e de meu Pai, vejo-os em todas as mãos e em todas as estantes, numa reacção decisiva contra a novela francesa a três francos e cincoenta, único e permanente alimento de muitas gerações.

Digne-se V. Ex.ª aceitar e transmitir a todo o *Núcleo de Ressurgimento Nacional* as homenagens de especial simpatia do camarada obscuro e grato — *Trindade Coelho*.

SACADURA CABRAL

A PATRIÓTICA ORAÇÃO DO PRESIDENTE
DO "NÚCLEO DE RESSURGIMENTO NACIONAL",
NA SESSÃO PROMOVIDA À MEMÓRIA DO HERÓICO AVIADOR

Sr. Presidente da República:

As palavras que se vão proferir são as flores da saúde, fervorosamente desfolhadas á memória de Sacadura Cabral e Pinto Correia.

Permita V. Ex.^a que este militar humilde venha também trazer algumas flores que, sendo as mais descoloridas, não são, com certeza, as menos sinceras. Irradiam da minha alma profundas emanações de gratidão e de respeito que eu desejo testemunhar perante V. Ex.^a, no cumprimento de um dever sagrado. Ainda bem que para o desempenho de tão pesado encargo eu posso confiar na solicita gentileza com que V. Ex.^a e todo este auditório acederam ao nosso convite, demonstrando assim que em Portugal ainda há intenções generosas, correspondidas por espíritos generosos.

Transmito a V. Ex.^a, sr. Presidente da República, as homenagens da nossa maior consideração e reconhecimento. Vindo presidir a esta sessão, V. Ex.^a interpreta o sentir da alma dos novos, adivinhando que eles são impulsionados pelo amor da Pátria, não movido do prêmio vil, mas alto e quasi eterno!

Agradeço também ao sr. Presidente do Ministério, às Autoridades e Entidades que se fizeram representar, ao Ateneu Comercial que dum forma cativante nos franqueou as suas salas — como é de velha usança nesta Casa — e a todos V. Ex.^{as} que tão nobremente compreenderam o sentido desta homenagem carinhosa e profundamente sincera.

Sr. Presidente da República:

Celebrar Sacadura Cabral e Pinto Correia é avigorar na nossa alma, na alma da mocidade, aquele génio glorioso e audaz que nos tornou aptos para o cumprimento dum alto destino. Sacadura Cabral representa o intérprete das qualidades imanentes da nossa Raça, como predestinada para uma obra civilizadora e generosa. Realizou, juntamente com Gago Coutinho, essa admirável Epopeia dos ares, traçando na História Portuguesa um novo caminho de luz e de bênçãos que constitui a Via-Láctea da nossa imortalidade.

Somos independentes e havemos de sê-lo, eternamente, porque já mais pode extinguir-se a chama fulgurante que nos tem alumiado nas conquistas pró-Civilização.

— Ei-las, as nossas caravelas, lá seguem outra vez, como há quatro séculos, para a descoberta do Mundo! E' o espirito da Raça, perpetuando-se no sacrificio dos Heróis! Primeiro, firmamos a independência, em perigosas e vitoriosas lutas. Depois,

• O' gente forte e de altos pensamentos
Que também dela não têm medo os Elementos!

desafiámos a fúria dos Mares Tenebrosos, num gesto de audácia consciente, raciocinada; fomos por toda a parte levantar padrões da nossa glória, desvendando os mistérios das regiões longínquas, abrindo, para a Humanidade, maiores domínios, para a Ciência, largos e fecundos horizontes!

Vem muito a propósito este trecho do eloquente discurso de António Cândido ao homenagear o Infante D. Henrique:

• O impulso dado às navegações e aos descobrimentos era irresistível; a grande missão nacional começou em termos tais que seria impossível retroceder ou parar. A Gil Eanes seguir-se-iam Covilhan, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, todos os que tem nome na assombrosa epopeia das nossas aventuras por terra e por mar — e também a imensa multidão sem nome a que as crónicas e os *Lusiadas* se referem menos que esse poético e funerário livro que se chama História Trágico-marítima!

... Tantas desgraças nos aconteceram sobre o Oceano, tantas tragédias medonhas, tantos naufrágios miserandos, que ainda hoje se conserva, na alma popular, a profunda impressão das tristes lendas desse tempo, e continua a rezar-se, à noite, piedosamente, por todos os que andam por *sobre as águas do mar*... Mas é para sempre nossa, incontestavelmente nossa, a infinita honra de termos excedido todos os povos na arte heróica da navegação quasi aventureira; mas ainda não despontava no céu da Itália o sol da Renascença, e já nós o presenciamos na escola de Sagres e na corte do Mestre de Aviz; mas quando ainda, na maior parte da Europa,



Dr. Manuel Gomes dos Santos, — o Presidente do "Núcleo" e principal organizador da sessão

a velha aranha metafísica compunha e recompunha as suas teias, emaranhadas e trêgeas, nós prefeciávamos a vida moderna, e, á concentração mental da Idade-Méidin cristã, opúnhamos a acção, a pátria num sentido mais largo, a aventura e a fantasia num sentido mais humano; mas não se dobrará jámais o Cabo da Boa-Esperança sem que se evoquem as épicas figuras de Bartolomeu Dias e de Vasco da Gama; mas Pedro Álvares Cabral será citado sempre a-por de Cristóvão Colombo e de Fernando de Magalhães; mas na sciência da Náutica, na história da Cosmografia e nos fastos geográficos estão gravados muitos insignificantes nomes de desinência portuguesa; mas, sem o que nós fizemos nos séculos XV e XVI, não se resolveriam tão cedo os problemas do feitiço da terra e da sua posição no espaço, e não adviriam, para a filosofia da natureza e para a filosofia do espirito, as largas, profundas, incalculáveis conseqüências que advieram...

Isto é a glória. E ela é para as nações muito mais do que se pensa vulgarmente. Não é apenas um brasão para deslumbrar estranhos: é também, para a coesão íntima dos povos, um elemento de mais força que a etnografia — hipotética, inextricável na maior parte dos casos — e que a limitação geográfica, e que o principio religioso, e que o interesse politico... Este elemento não o destróem os cruzamentos fisiológicos, nem as revoluções do cosmos, nem as mutações da consciência, nem as contingências dinásticas.

Pois bem. Essa glória, que foi sempre tão propicia aos portugueses, e que na época dos descobrimentos atingiu enorme florescência, obscureceu-se mais tarde, através longos anos, para se mostrar com nova intensidade nos feitos épicos da Aviação Portuguesa. E foi Sacadura Cabral um dos arautos

dessa obra gigantesca, reafando assini a continuidade histórica das glórias nacionais.

¿Que maior exemplo para a nossa conduta do que os actos heróicos do grande Comandante?

Não sou eu — porque me faltam os dotes para tanto — que vou pôr em relêvo toda a grandeza, galhardia e magnanimidade que nós encontramos no estro de Sacadura Cabral. E' certo que para a celebração do seu heroísmo não há, propriamente, grandes artistas da palavra, nem oradores privilegiados. O Ideal da sua vida é por si mais eloquente, fala mais alto do que todos os discursos, porventura, os mais elevados. ¿Que importa que não saibamos expressar, brilhantemente, o que em nós domina, se todos sentimos o salutar influxo da sua virtualidade, se nos achamos em comunhão com os Heróis, numa saúde infinita que para sempre ficará vinculando as nossas almas, condicionando a nossa vida?!

E' na perfeita harmonia das ideias e das acções, do sentimento e da razão, do amor e do trabalho, que reside, fundamentalmente, o enigma do successo. Dificilmente se consegue possuir uma intuição clara dos attributos pessoais e o poder de os fazer convergir, eficazmente, para um objectivo superior. Ter valor não basta; é necessário realizá-lo. As emoções dos poetas, as sublimes concepções dos idealistas devem preceder, como que preparar os elementos para as descobertas scientificas e para a obra dos técnicos. Felizes aqueles que sabem determinar uma correlação íntima, perfeita, dos estados nervosos e dos estados psicologicos. Só esses alcançam a desejada vitória.

Foi o que aconteceu a Sacadura Cabral quando, juntamente com Gago Coutinho, realizou a façanha duplamente maravilhosa — nos aspectos idealista e scientifico — do "Raid" Lisboa-Rio de Janeiro. O que foi essa Epopeia majestosa, que veio deslumbrar o mundo e reabilitar a nossa fama heróica, sabem-no todos muito bem. ¿Com que enternecimento recordamos aquellos horas de apoteose que então vivemos!

Foi o inicio de uma era nova para a Pátria Portuguesa. Pesadelos, tristezas, scepticismo, — tudo se afastou, para de novo raiar uma aurora brilhante, misteriosa. Outra vez a esperança, desabrochando ternamente. E a lé principia a iluminar as almas. Aléluia da Raça! Sente-se palpitar de vida a Nação inteira. Todos partilham dumia felicidade surpreendente, embriagadora. E' a alma lusitana que se revela, em toda a sua beleza, em toda a sua plenitude.

Portugal, que sofria tanto, que alguém já dizia ter morrido, ei-lo, afinal, de novo resplandecente, cheio de sol, perfumado de flores! É mais uma primavera espiritual da Raça.

Alegria perfeita, contagiosa, sã. Alegria toda feita de religiosidade! As almas, em ascensão divina, libertam-se das misérias terrenas, dos preconceitos e das vaidades. Varreu-se dos espíritos a névoa do pessimismo e da descrença, para que as excelsas virtudes que viviam latentes no seio da Pátria de novo se revelassem ao mundo em todo o fulgor do primitivo heroísmo!

— Mas, é como é possível, tanta beleza nos semblantes, tamanha alegria nas almas?!

— É o que é feito desse Portugal velho, scéptico, alquebrado pelas misérias e desvarios? É como se compreende que nesta família tão desavinda, em que as ambições desencadearam lutas fratricidas, todos agora se abraçam, todos sejam amigos verdadeiros, soldados voluntários do mesmo Exército, apóstolos da religião da Pátria?!

Quando lá de fora se vigiavam os nossos erros, desdenhando da incúria governativa e da indiferença dos governados, apodando-nos como incapazes para a formidável tarefa de reconstrução social, exigida pelo cataclismo da guerra, eis que surgiram essas benditas figuras de portugueses — Gago Coutinho e Sacadura Cabral — para salvar esta pátria após o seu naufrágio no pélagio medonho da desventura! Naquelas asas milagrosas foram levar a Cruz de Cristo através dos espaços *nunca dantes navegados*; aproximaram-se de Deus para lhe contar quais os flagelos, as grandes dores de Portugal, implorando a graça da sua bênção para que todos os portugueses, irmãos pelo sentimento, pela língua, pelas tradições, pelo mesmo anseio de felicidade, sacrificassem ao bem colectivo interesses pessoais, ódios e divergências sectárias!

Mas, se aquele empreendimento glorioso muito contribuiu para o ressurgimento de Portugal e foi mais que suficiente para immortalizar os seus Autores, eles é que não se deixaram deslumbrar, nem tam-pouco adormeceram sobre os louros da vitória. Heróis autênticos e já consagrados, em lugar de se locupletarem com as benesses conquistadas, prosseguiram sempre na direcção do Ideal supremo, como verdadeiros apóstolos; até que... naquela manhã sinistra de Novembro — faz hoje 60 dias! — Sacadura Cabral e um filho do povo, herói também, para maior segurança, para maior certeza de sua dedicação, foram imolados em holocausto ao mesmo Ideal!

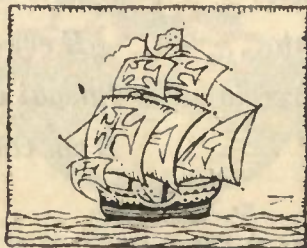
Para que uma ideia vingue, para que um Ideal se realize, não bastam os apóstolos, são necessários os mártires!

É esta a razão, Sr. Presidente e meus Senhores, porque nenhum português pode deixar de sentir na sua alma o orgulho mais legítimo, a mais consoladora esperança de ressurgimento do país. É assim é, para nosso bem. São V. Ex.^{as} que o confirmam, acorrendo solícitamente a tomar parte nesta homenagem carinhosa; são os corações de todos os portugueses que, unisonamente, pelo país inteiro e por todo o mundo, desde os poetas e artistas, nas suas concepções de génio, até às almas mais obscuras do povo, nas suas piedosas orações, formam uma apoteose deslumbrante, divina — porque é sublimada pela fraternidade das almas, confirmada pela identificação dos cérebros e dos corações — esse rosário imenso de flores que a espiritualidade da Raça há-de rezar todos os dias, num desabrochar constante de fé, de concórdia e de progresso!

Sr. Presidente da República:

Em face da crise de confiança, da crise de fé que vem abastardando a sociedade portuguesa, surge a necessidade inadiável de um intenso movimento patriótico. Dêste modo, a acção educativa do «Núcleo de Ressurgimento Nacional» tem por fim avigorar na mocidade da nossa Raça, o sentimento do Dever e da Honra. É uma obra de fraternização, purificadora, tendo por objectivo congraçar numa comunidade de pensamento e acção todos os verdadeiros portugueses, quaisquer que sejam os seus crendos políticos ou religiosos. O problema da educação é sem dúvida o que mais de perto nos interessa, educação desanuviada, progressiva, mas sem desprezar o património moral da Nação. Ser tradicionalista não significa dormir à sombra das glórias passadas, mas construir sobre elas um futuro de resgatos horizontes.

— A consagração do heroísmo lusitano, traduzida nesta homenagem a Sacadura Cabral e Pinto Correia, não tem em vista fazer ostentação banal de palavras, nem mesmo apresentar qualquer programa. Para isso teríamos a tribuna dos comícios ou a sala das conferências. Antes, significa um propósito solene, jurado perante V. Ex.^{as}, de que seguiremos pelo escabroso mas nobilitante caminho do patriotismo traçado por Sacadura Cabral. Símbolo eterno de glória, conquistada valorosamente pelos recursos potentíssimos do seu estro, alma de eleição, ilumina-



da, como pérola de Deus que ficará brilhando com tanto maior fulgor quanto mais sombria for a noite da Desgraça, para este símbolo dirigimos as nossas mais queridas esperanças — nós que ainda temos a ventura de acreditar na redenção da Pátria! E esta crença não é utópica, Sr. Presidente, visto resultar da nossa conduta, dos nossos sentimentos, das nossas aspirações, condicionadas sempre por uma vontade enérgica, perseverante.

Contemplando Sacadura Cabral, nos traços do seu rosto e através dos seus actos, nós descobrimos aquela energia concentrada, aquela força moral intensíssima que não conhece obstáculos, a audácia reflectida e consciente, a persistência no mais alto grau, uma excepcional capacidade de esforço, muita confiança em si-próprio, seriedade, firmeza e decisão. Faculdades estas, não somente reconhecidas pelos seus compatriotas, mas até, e duma forma notável, pelos estrangeiros. Basta citar o depoimento do avidor francês Sadi Lacoine, a propósito do «Raid» Lisboa-Brasil:

«Curvo-me, respeitosamente, perante a audácia calculada, o frio raciocínio científico e a perseverança inaudita de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Sei com que dificuldades se luta para viajar de noite sobre o mar sem perder a bússula... Admiro, sobretudo, que em aparelhos de força exigua, com reservas de gasolina insignificantes, esses bravos marinheiros do Espaço pudessem realizar tão extraordinário empreendimento.»

É como não havia de ser assim? Para se operar milagres de vontade, como neste caso, basta alimentar, constantemente, um desejo intenso, fervoroso. Desde que o queiramos com sinceridade, temos o poder de nos tornarmos mais completos, mais perfeitos, mais aptos para a tarefa quotidiana e, portanto, para chegarmos ao cimo das mais altas montanhas. É porque dentro de nós existem prodigiosas energias — as *forças cripto-psíquicas* — a que Marco Aurélio chama «fonte do bem, fonte que nós encontraremos aprofundando-nos a nós mesmos».

Pela razão da sua vontade inabalável; pela noção clara da missão civilizadora, já realizada através da História pelos nossos marinheiros, e cuja continuidade era necessário afirmar nesta hora decisiva, em que os povos se reconstituem ou morrem; por esse conjunto harmonioso de faculdades excepcionais que constituem o *substractum* da sua personalidade; Sacadura Cabral avulta como estrela de primeira grandeza que, no firmamento da História Pátria, forma uma nova scintilha para se acrescentar à imensa luz de Portugal!

Resta agora referir-me ao Cabo José Pinto Correia, símbolo admirável do sacrificio dos humildes em prol dos grandes ideais. E faço-o com tanta maior devoção quanto eu senti a mesma ansiedade, as mesmas dores e alegrias dos meus camaradas, desses marinheiros e soldados que no Sul de Angola, durante os longos meses da campanha, sob as agruras da guerra, da fome e da desgraça, fizeram o tirocinio mais formidável que põe em jogo todos os recursos do nosso fôro íntimo, as nossas energias, as nossas aptidões, em favor do ideal sacratíssimo da Pátria.

Horas de vigília, horas de sofrimento as que por lá se passam, na ânsia vertiginosa de vencer! Bemditos momentos de confraternização, em que as almas comungam, religiosamente, a hóstia reconfortante da Saúde!

Foi lá, nas inhóspitas regiões da África, onde não há comiserção nem conforto, sob o rigor da disciplina e a ameaça de tantos inimigos, que eu verifiquei quanto vale a alma dum soldado.

O cabo José Pinto Correia é um herói autêntico, irmão daqueles que tombaram no combate da Mongua e na marcha para a Ngiva, sob o comando do bravo Comandante Cerqueira. Foi o mesmo impulso generoso que o fez oferecer-se para acompanhar Sacadura Cabral. Porque na sua alma de marinheiro reflectia-se todo o ardor patriótico do génio português, desse génio abençoado que através oito séculos de existência, nas circunstâncias mais cruéis, sempre se tem afirmado inviolável, puro e destemido.

Mocidade Portuguesa:

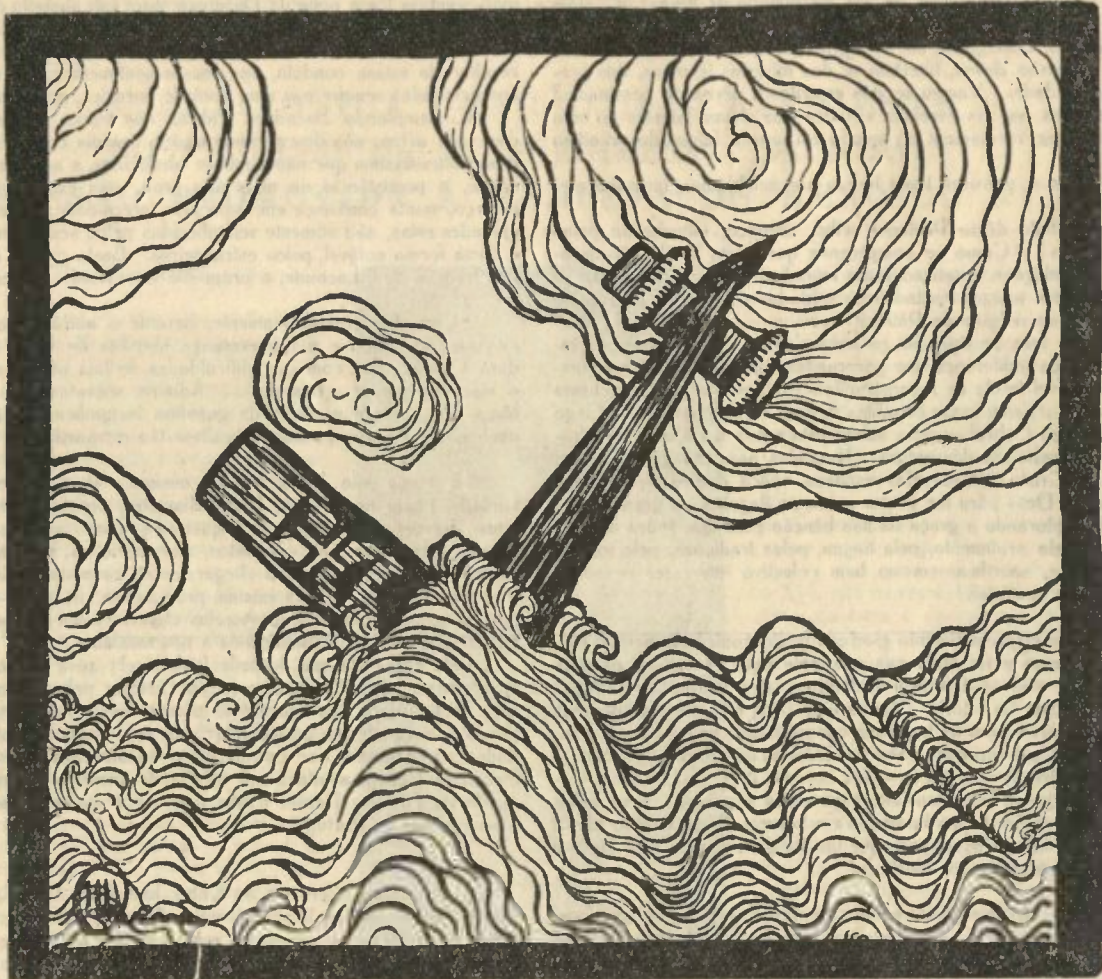
Na batalha de Trafalgar, em que a esquadra francesa foi totalmente derrotada, o célebre almirante Nelson mandara pregar na bandeira inglesa, em grandes caracteres, esta palavra — o *Dever!*

A lição que Sacadura Cabral nos acaba de dar é idêntica. O caminho que nos aponta é o do *Dever Patriótico*.

Sim, Mocidade, sejamos bons discípulos, na certeza de que Sacadura Cabral e Pinto Correia — símbolos da maior glória da Raça — ficarão para todo o sempre, nessa catedral imensa do Oceano, a manter o prestígio de Portugal, como sentinelas vigilantes do patriotismo das gerações vindouras!

Tenho dito.

MANUEL GOMES
DOS SANTOS.



(DES. DE MENEZES FERREIRA).

::: A' MEMÓRIA DE :::

SACADURA CABRAL

E DE PINTO CORREIA

MAIS alto e mais além: eis a divisa
 Duma raça de santos e de heróis!
 Mais alto e mais além!... Rota imprecisa
 De mistérios nocturnos e de sóis!

Vai cada vez mais longe o nosso anseio:
 — E o sacrificio em nossa bôca é santo...
 Mais alto e mais além!... Nenhum receio
 Calou jâmais a voz do nosso canto!

Povo eleito de Deus, cheio de graça,
 Povo que traz no seu olhar, acesa,
 A fé no seu Destino! Eterna raça,
 Infinita de audácia, amor, beleza!...

Depois da morte a Vida principia
 — E em cada herói a alma dum santo habita.—
 Rasgai a treva p'ra que surja o dia,
 E em cada alma exista a Alma infinita!

AMÉRICO DURÃO.

CONTOS E NOVELAS

■ RENÚNCIA ■

(HISTÓRIA VERDADEIRA)

TOMÁS era um grande artista e um erudito, inteiramente devotado aos seus estudos. Era simples e bom, pelo que o Mundo o expulsou. Crente e místico, Tomás decidiu recolher ao claustro e professar.



*

Começara o noviciado. Um dia, o Provincial, que visitava o convento, chamou-o para lhe dizer:

— Irmão, sei que éreis um artista superior e muito culto. A Arte era para vós a própria vida. Pois bem: precisamos do vosso maravilhoso talento; ides dar-nos o melhor do vosso saber, escrevendo uma obra para a qual vos serão dadas as necessárias indicações. E' éste o primeiro serviço que prestais a Deus: confio em vós.

Deram-lhe um ano para realizar a obra; e durante êsse tempo Tomás trabalhou com ânsia, com denodo e paixão. Era o seu Canto do Cisne, a última fulguração do seu espírito, a derradeira afirmação do seu cérebro. Escrevia e orava. Carne, energias, alma — tudo deu a essa obra que ia ser deposta aos pés de Deus.

No fim do ano, Tomás, alvoroçado, dirigiu-se para a cela do Provincial.

Apertava contra o peito, apaixonadamente, o manuscrito que tantas vigílias lhe custara. Ah, era uma obra-prima, na verdade! O Provincial certamente ficaria deslumbrado.

Ao entrar na cela, o Provincial escrevia e nem sequer o olhou.

Permaneceram assim durante muito tempo: Tomás, de pé, imóvel; o Provincial, alheado, escrevendo. Por fim, olharam-se, e o Provincial inquiriu:

— Ao que vindes, Irmão?

— Entregar a V. P. o livro...

— Ignoro do que se trata.

Com certa estranheza, Tomás explicou:

— O livro que V. P. me confiou...

— Ah!... recordo-me... tendes razão...

Dai-mo.

Ao receber o manuscrito, o Provincial folheou-o distraidamente, murmurando:

— Sim... Simplesmente acontece que já não o precisamos... Olhai, ide ao. Irmão cozinheiro para que vos dê um prato e uma acendalha.

Atónito, Tomás cumpriu a ordem.

— Segurai o manuscrito sôbre o prato!

E o Provincial lançou fogo aos queridos, aos sagrados papéis de Tomás.

As chamas elevavam-se, queimavam a mão do noviço — essa mão que durante um ano, de dia e de noite, escrevera febrilmente, dedicadamente...

Duas lágrimas rolaram pelas faces cadavéricas de Tomás — duas lágrimas enormes que caíram no fogo e que o fogo consumiu...

Então o Provincial, que o observava atentamente, disse-lhe com suavidade:

— Irmão, voltai para o Mundo. Ainda lhe pertenceis, ainda não sabeis servir a Deus...

E Tomás regressou, chorando, ao Mundo que o expulsara...

ERNESTO PEREIRA.



(Vinheta de R. Miguéle).

CRUEL DIÁLOGO

— Já vais cansado?
— Não.
— Se queres, paramos e deixamo-nos ficar um bocadinho a olhar para trás.
— Não, não é preciso.
— Não? A ladeira é fatigante.
— Dá cá o braço. E' perto — não é?
— Pouco além da curva; depois é a descida, cinco minutos de caminho.
— Talvez até seja bom fatigar-me.
— Talvez. O cansaço prepara quasi sempre um sono reparador.
— Oxalá!
— Vês aquelas nuvens que se esfarrapam? As sombras que te afligem hão-de também sumir-se.
— Não te atorreces, Fernando?
— Com quê?
— Comigo.
— E's tolo! Isso nem tem resposta.
— Obrigado. Há quanto tempo, hein!
— Há quanto tempo! Lembrava-me dum irmãozito que tinha: eras ainda quasi um garfo quando nos separámos.
— Já não podias recompor a minha cara — não é assim?
— A tua cara? Fugia-me qualquer coisa constantemente. Fugia, fugia. Mas os teus olhos...
— Recordavas-te deles?
— Os teus olhos que eram como duas imensidades! Sim, via-os perfeitamente. Perfeitamente? Poderiam os teus olhos ser vistos perfeitamente?
— Então! É porque te calaste?
— Eu não ia a falar?
— Há já alguns instantes que vais calado. Paramos aqui; sentamo-nos nestas pedras — queres?
— Vamos andando.
— Ouve o mar?
— Não sei que impressão me faz este rumor profundo! Parece que um grilo de remorso me abala cá por dentro.
— Remorso?!
— Não faças caso. É uma coisa que de-certo não comprehendes.
— Porquê?
— Olha, André, conta-me a tua mágoa.
— Enfratecer-te?
— Não sou alegre, descansa. E hoje, menos do que nunca. Não reparaste ainda nos que envolvem as suas frases com um riso forçado? Teem uma dolorosa contração na boca e no olhar uma frágica fixidez. Não reparaste? Pois sou como eles, André.
— Tu?! É dor antiga?
— Não. É impossível dizer-lo... A's vezes — não sei, não sei — é como se nada tivesse acontecido e, pelo contrario, tudo estivesse ainda para acontecer. Não sei explicar; é uma sensação illusória...
— Que provém do passado. Se pudessem apagar-lo...
— Entre o passado e o presente há um abismo terrível e subtil, através do qual a vontade humana se despedaça ao tentar destruir os factos. Apenas a memória o atravessa, inexoravelmente. E' ela, afinal, que faz que a nossa vida não seja uma série de instantes, mas um tempo unico, uma fusão de tempos. ¿Para onde estás a olhar?
— Bem ouvi o que disseste. As nuvens estão quasi dissipadas.
— Vamos, conta-me o que tens.
— As árvores murmuram com tristeza; parece que me entendem.
— E' o vento.
— O quê? ¿Porque não falas?
— Nem sei. Escuta.
— E' o vento.
— Dize, vamos.
— Que queres que te diga?
— Amas — não é verdade? ¿E' um amor doloroso o que te põe nesse estado?
— Amei.
— Ah!
— Morreu.
— Amava-te?
— Amava.
— Foste feliz então.

— Feliz?!
— Sim. Imagina que...
— Com franqueza, ¿como podes tu dizer-me isso?
— Perdão. Mas tu guardas, eternamente fresca e pura, como dádiva suprema, uma saúde cujo perfume se derrama em tua alma com doçura resignada. Não te exaltam violências, não te perturbam dúvidas, não te amofinam crimes. Bem vês.
— Morreu. ¿Ouviste bem? Morreu ao pé de mim.
— Mas a morte não é a mais tenível separação. E' infrangível, implacável, absoluta, quanto aos corpos; mas não impede os vãos do pensamento nem desliga as almas.
— Nunca te morre nos braços uma criatura amada.
— André!
— Que tens?
— Nada. Um arrepio em todo o corpo.
— Frio?
— Talvez.
— E' melhor regressarmos.
— Não, não: vamos para diante. E' perlo.
— Bom; vamos.
— Já está escuro.
— Já.
— Um mocho a piar. Outro.
— Desagradate ouvir um mocho?
— Desagrada.
— A noite em que ela morreu foi uma noite horrível! Sacudia-a brutalmente uma tosse que parecia esmigalhá-la. Eu estava como que alucinado. Lembro-me de ter saído do quarto, de ter aberto depois uma janela qualquer; havia estrelas no céu e reinava uma tranquillidade que me ofendeu como uma injúria.
— Creio que é sempre assim.
— Não ha luta mais desoladora que a dum moribundo com a morte.
— Sim, sim, debes ter razão.
— E há quem provoque tais lutas voluntária e conscientemente!
— Oh! cala-te...
— ¿Foi um soluço? ¿Que tens? Eu bem dizia: comovete as minhas palavras. Não acrescento mais nada.
— Continua, peço-lo. ¿Porque não? Simplesmente, fala mais baixo. As tuas palavras lentas e doloridas adquirem no silencio da noite uma aonora repercussão. Fala mais baixo.
— Vejo que também soffres.
— Continua.
— ¿Que te hei-de dizer? Foi assallada no fim por um delirio lancinante. Estremecia; a boca enrodilhava sons inúteis; os braços procuravam qualquer imagem invisível; os olhos lixavam-se num brilho cortante. ¿Que veria ela? ¿Em que abismos se perderia a sua razão? Não poderíamos rasgar, esfarrapar o véu que nos separa do mundo estranho em que essas visões tomam vida! ¿Que veria ela?
— Não fentes sabê-lo.
— Depois — recordo-me lão bem! — quebrou a ansiedade muda com uma estridula gargalhada — ¿sabes? — uma dessas gargalhadas que nos fazem estremecer, quasi inumanas, como que se as contrações da boca e da face de repente adquirissem um som agudo, incomparável, quasi tangível...
— Sim, um horror!
— Caiu no leito, pesadamente. Duas



Capilão Valeriano de Campos

lágrimas desciam-lhe dos olhos cerrados. Há lágrimas que condensam a alma!
— Outras são gotas de sangue; outras, ainda, gotas de veneno.
— Aquelas continham a sua alma. Beijei-as; bebi-as.
— Pobre amigo!
— Depois... Depois... Não posso, Fernando, não posso mais. Já sabes o resto; já sabes tudo.
— Já sei. Acalma-te. Olha, chegámos.
— O mar!
— Perdão, André; mas quem sabe se não foste feliz!
— E's cruel.
— O amor, o amor... Se tu soubesses...
— O quê?
— Hei-de contar-lo; hei-de confessar-te a minha tragédia.
— Também tu!
— Foi ali, foi ali...
— Mas o quê, Fernando?
— Hei-de contar-te um dia.
— Um dia?!
— Ou agora; não sei.
— ¿Porque teimaste em vir até aqui?
— A lua! ¿Não vês a lua entre os pinheiros?
— ¿Mas que impressão te faz a lua?
— Da outra vez também rimpia o luar.
— ¿Quando? ¿Que queres dizer?
— Oh!
— Foi um mocho.
— Sempre estes mochos! Como da outra vez!
— Acaba. Conta-me tudo. Parece que um péso intolerável te oprime a alma.
— ¿Parece? Talvez.
— Desabafa. Deves contar-me tudo. ¿Que aconteceu na tua vida? Já não podes retrair-te, não podes guardar segredo. E' preciso que me digas o que foi. Há pouco ainda soluçaste. ¿Porquê? Fernando, Fernando, tu inquietas-me...
— Ouve.
— Dize, dize.
— Tinha os cabelos pretos e os olhos azuis.
— Sim.
— ¿Não te admiras?
— Vamos, desabafa.
— Afinal, ¿porque é que te havias de admirar?! Mas tu não sentiste nunca esse olhar profundo, perturbador, infinito e miserável ao mesmo tempo. Era um olhar perigoso.
— Pobre de ti!
— Imagina que tinhas amado, contra toda a razão, uma rapariga corrompida...
— Oh!
— Imagina que não podias vencer o ímpeto inexplicável do sentimento que te prendia a ela... ¿Quebravas os preconceitos?
— Eu sei lá... ¿Como queres que te responda?
— ¿Quebravas os preconceitos?
— Se a amasse...
— E' claro.
— Se a amasse a valer, com uma apaixonada veemência...
— E' claro, é claro...
— Creio bem que a arrancava do lódo...
— E a redimias com o teu amor — ¿não era?
— Sim.
— Ah!
— Mas então, Fernando... Sossega. Estás a apertar-me o braço com uma tal força!

— E' horrível.
— O quê?
— Foi o que eu fiz.
— Compreendo. ¿E então?
— Então? Depois de algum tempo de felicidade illusória, de efêmero renascimento, sumiu-se tudo.
— Não quis salvar-se.
— Fugiu com um homem grosseiro, abandonando uma filha.
— ¿Tens uma filha? ¿Onde está?
— Não preguntes isso, André; não perguntes, deixa-me continuar.
— Uma filha!
— Cala-te. Era pequerrucha; deio a criar a uma mulherzita conhecida.
— ¿Não sabe que és o pai dela?
— Ouve. Não me dei a conhecer. Antes que queira explicar-te o motivo, não posso, não sei. Adorava-a, e no entanto queria evitar falar-lhe na mãe, ouvir-lhe talvez os seus rogos infantis, acceder a caprichos torturantes. Não sei, não sei. Pretendi esconder a lembrança daquela que era feita de vício, apagar-lhe os vestígios dentro de mim. ¿Compreendes porventura? Era uma filha adoptiva. Foi crescendo. A's vezes, um pensamento maldoso gelava-me o sangue: se em também fosse...
— Oh! Pois tu...
— Sim, sim, um horror!
— Mas isso não!
— ¿Não? Um dia caiu sobre mim uma palavra tremenda, uma destas palavras que paralizam, enloidecem ou matam.
— ¿Não seria calúnia?
— Fiz eu próprio essa pergunta, no auge do tormento, querendo iludir-me ainda. Mas aquele pensamento cruciante que tantas vezes me assaltava! Era verdade, não podia deixar de ser verdade. Uma gargalhada estrondosa abalava-me o cérebro, implacavelmente.
— Fernando...
— Souhe tudo. Era verdade.
— Não...
— Era, sim. Já se entregava como a outra, já se vendia talvez...
— Oh!
— E uma noite encontrei-a nestes sitios com um rapaz; encontrei-a de modo que era impossível duvidar...
— Não digas mais.
— Ele lutou por entre as árvores, mas ela ficou, prendeu-me, tentou justificar-se; não o conseguindo, mudou de tática: fez-se arrependida, implorou-me o perdão, quasi chorosa, enquanto a voz, o olhar, as mãos, se tornavam aflitivamente carinhosas, numa súplica prometedora.
— Fernando...
— O meu tremor enganou-a de-certo e deu-lhe mais afretimento. Ah! não sei, não me recordo, tudo se me embaralha na cabeça...
— Não digas mais.
— Chegou a falar-me em ciúme, disse palavras que eu mal ouvia e me escaldavam contudo; pouco a pouco, aperlou-se ao meu corpo, enleou-me nos braços, quis beijar-me na boca... Eu nada via nem pensava, com certeza. E quando ela... ¿Hein? ¿O quê? ¿Disseste alguma coisa? ¿Não? Arrastei-a doidamente, senti as mãos cravadas no meu pescoço nu, estas mãos, estas mãos... André, estas mãos que a arremessaram depois dali abaixo. O baque do corpo causou-me espanto. Havia luar. Caiu na mancha luminosa e os olhos faisceram-lhe. ¿Não? Caminhei, caminhei ao acaso...
— Meu Deus!
— Vamos-nos embora.
— Dá-me o braço.
— Malditos mochos!
— ¿Que queres? E' natural. Não faças caso.
— Parece que os ouço cá dentro.
— Não penses. Não te recordes. Quem diria, meu pobre irmão!
— Vamos, anda mais de pressa.
— Pois sim; a casa não é longe.
— Mais de pressa.

VALERIANO DE CAMPOS.

No próximo fascículo: «Anatole France», — artigo do Dr. Teófilo Júnior, com belas ilustrações : : e «Noite de Maio», — conto regional, por Barbosa Sueiro, com ils. de Saav. Machado : :

Brevemente, a nova secção: «Porto — artístico e mental»

INTERÊSSES PORTUGUESES

NA AMÉRICA-DO-SUL

SUMÁRIO: — O nosso problema de emigração. — Possibilidades do nosso comércio para a América-do-Sul. — Transportes sob bandeira nacional. — A colónia portuguesa na Argentina. — Intercâmbio com a Argentina. — Os vinhos portugueses na Argentina e no Chile. — Situação económica na Argentina e no Brasil. — Intercâmbio com o Brasil. A questão do tratado de Comércio.

A colónia portuguesa no Rio Grande-do-Sul. — Comunicações e intercâmbio com o Rio Grande. — Vinhos, conservas, cortiça e outros artigos portugueses no Rio Grande. — Banha, arroz, carnes conservadas, couros e outros artigos rio-grandenses em Portugal. — Relações de inteligência com o Brasil.

(Continuação)

MERCÊ das qualidades de que o português sempre soube dar provas no estrangeiro, como em toda a parte, na república Argentina é imposta a consideração e a simpatia dos poderes públicos e de toda a gente, devendo ser um orgulho para nós o poder registar tal facto. A título de exemplo, que não por outro motivo, de-sejo citar aqui os nomes dos srs. Mendes Gonçalves, vice-presidente do Banco da Província de Buenos Aires, A. F. Castro, da firma Francisco Mendes & C.^a, Manuel Cotelo, inteligente, educado e culto comerciante que muito nos honra, João Calé e Joaquim Alexandre, sócios da firma João Calé & C.^a (Plantas e Sementes), e Faustino da Rosa, empresário dos teatros Colón, Cervantes e Odeón, que são três dos principais teatros de Buenos Aires. Qualquer destes senhores, para não citar outros, digo com satisfação que mantem bem alto o bom nome da raça e concorrem lá fora para que sejamos respeitados no meio de todas as perturbações e maus quartos-de-hora que o país tem atravessado, sobretudo nos últimos vinte anos.

Também o espírito de associação e o sentimento da Pátria se mantem vivos nos nossos compatriotas da Argentina. Só em Buenos Aires alimentam quatro sociedades com fim benéfico ou recreativo, e até há pouco, pelo menos, existia um pequeno jornal, que ao tempo da minha encarregatura, e dirigido pelo bom nome e seriedade do sr. L. Fernandes da Silva, vinha prestando o excelente serviço de ligar o mais possível os elementos um pouco dispersos da colónia.

Estes factos são para apreciar num país de forte poder de assimilação, onde se não fala o português e onde os nossos se acham tão afastados pela distância das cousas portuguesas.

Guardo da minha permanência na Argentina, no que respeita às relações com a colónia, boa recordação que entendo do meu dever dizer aqui do meu reconhecimento, e com elle da minha admiração pelas suas qualidades de inteligência, de carácter e de trabalho, que fazem da colónia, sem dúvida, uma das que mais atenção deve merecer dos governos.

Já falei do desinterêsse nos últimos anos pelos mercados da América-do-Sul. E' esta a nota que tenho de fazer, tratando em especial do intercâmbio de produtos com a república Argentina. Ainda tem sido possível chamar com resultado a atenção dos nossos intellectuais para o mundo sul-americano das ideias, e obter, como já obtive com a sua diplomacia o sr. dr. Alberto de Oliveira, que a América espanhola decididamente comece a estreitar connosco relações de pensamento. Foi até agora impossível conseguir que as chamadas forças vivas — a indústria e o comércio — reparassem, como atrás digo, no campo que permanece aberto à sua actividade.

O sr. Carvalho Neves, adido à nossa Embaixada no Rio, e que um dia o Governo mandou ao Uruguai, Argentina e Chile para averiguar da troca comercial existente e seu possível incremento, chegou também, já lá vão mais de três anos, à conclusão de que o nosso comércio com a Argentina depende mais do critério dos comerciantes e industriais do nosso

país do que da falta de condições do mercado argentino para os nossos produtos. (1).

E é pena, porque tempo há-de vir em que seja então inútil enviar para lá os nossos produtos. Porque à medida que nós abandonarmos um mercado, naturalmente que outros mais ouvidos se instalem e de modo a ser muito difficil depois deslocá-los.

Assim já vai acontecendo com o mercados sul-americanos. De tal modo outros nos tem tomado o lugar que começa a ser difficil para os que ainda, desacompanhados, efectuem transacções, tirar daí real proveito, e para a diplomacia fazer acreditar aos países de Além-Atlântico que tem vantagem em negociar connosco na base dum regimen convencional!

O meu cavallo-de-batalha, nos meus pequenos estudos, é há muito, nos problemas económicos, o desenvolvimento do comércio externo — a falta de navegação que transporte em boas condições o que precisamos importar e exportar, e, finalmente, a conclusão de acordos com os países com que nos interessa apertar relações de ordem mercantil.

Passemos mais uma vez esse disco, para mim de côr, da necessidade duma frota de comércio, como condição *sine qua non* do desenvolvimento do intercâmbio. Torna-se indispensável que os homens de iniciativa, e capital, no nosso país, se tem os olhos abertos e não separam o seu patriotismo dos seus interêsses (e neste caso elles não se contrariam) tomem a exploração dos navios ex-alemães. A guerra pôs na mão do Estado, da Nação, a frota de comércio de que precisávamos e precisamos. Ela está, pelas vidas que caíram em França e na África, suficientemente cara para que seja uma vergonha continuar a fê-la, na sua maior parte, a eriar ostras nos nossos portos. Façamos desses navios

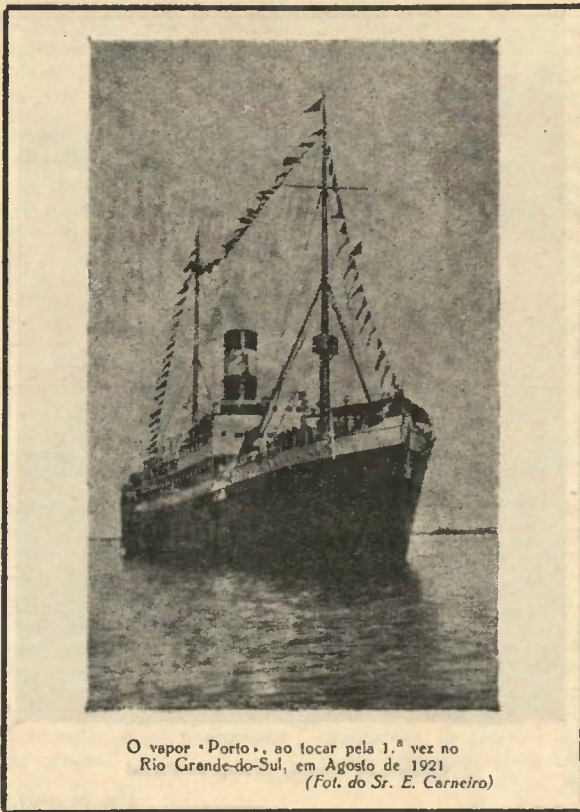
os veículos das nossas pessoas e dos nossos produtos, a nossa esperança numa situação económica e financeira que se não pode alcançar senão pelo equilibrio da troca (2).

A já alludida carta de 22-2-23 do sr. Carvalho Neves a *O Jornal Português* de Buenos Aires fornece, creio, ainda agora, os dados mais recentes apurados sobre o valor e espécie do intercâmbio com a Argentina. Referem-se esses dados às transacções efectuadas em 1920, e adiante transcritas com a devida vénia e homenagem ao esforço que a sua difficil compilação representa. Veremos que mesmo em más condições são para considerar a importância, o montante das trocas.

Seguem os quadros:

(1) Vidé carta do sr. Carvalho Neves a *O Jornal Português* de Buenos Aires, de 22-2-23, inserta no número de 25 do mesmo mês e ano.

(2) *N. da R.* — Recentemente foi constituída em Lisboa, por capitais portugueses e brasileiros, uma grande Companhia transatlântica de navegação, que se espera venha a contribuir bastante para a intensificação das relações comerciais entre Portugal e a América-do-Sul.



O vapor "Porto", ao tocar pela 1.^a vez no Rio Grande-do-Sul, em Agosto de 1921 (Fot. do Sr. E. Carneiro)

EXPORTAÇÃO DE PORTUGAL PARA A ARGENTINA EM 1920

	Toneladas	Pesos ouro	Escudos ouro
Conservas de peixe	1:612	1.204:114	1.075:101
Vinhos do Porto e Madeira	175	314:600	280:892
Cortiça	154	222:096	198:300
Palhos	31	57:453	51:297
Frutas secas, castanhas e nozes	193	30:604	27:325
Ferro em obra	31	9:589	8:561
Isoladores de barro e de louça	13	4:458	3:791
Cordas para alpergatas	7	3:983	3:556
Águarrás	8	3:637	3:247
Papel para fumar	2	3:191	2:849
Diversos	124	230:021	205:388
Total	2:350	2.083:746	1.800:487

NOTA. — Nas conservas de peixe avulta a sardinha em lata, com 1:430 toneladas. Nos vinhos do Porto o de barris, com 115 toneladas. Na cortiça avultam a de quadros 116 tons., e pranchas, 131 tons. Nas frutas secas, a castanha verde, 131 tons., e as nozes, 45 tons.

Pelo que respeita ao vinho do Porto, que é um dos artigos que mais avulta pelo valor no quadro das exportações, devo dizer que é mais ou menos sobre a base da sua protecção nos mercados da América espanhola que se tem feito todas as negociações para um acôrdo comercial, tanto com a Argentina como com o Uruguai e o Chile. E isto porque justamente os nossos vinhos licorosos são, na América-do-Sul, como em toda a parte, mais ou menos, objecto de adulterações e falsificações por vezes descabeladas. Já o sr. Carvalho Neves afirma na sua citada carta a *O Jornal Português* de Buenos Aires que o vinho do Porto é talvez o artigo que mais largamente se imita e falsifica na Argentina. Justifica-se, portanto, a orientação da chancelaria portuguesa, quando pretende medidas realmente protectoras para os nossos vinhos.

O nosso adido à Embaixada no Rio, especialmente encarregado dos estudos económicos, julga que o mercado argentino para os nossos vinhos do Porto pode vir a ser o segundo, sendo o inglês o primeiro.

Tem a nossa chancelaria encontrado certa resistência em conseguir a adopção de medidas protectoras dos vinhos licorosos, por várias razões. Em primeiro lugar há a considerar que nenhum país pode hoje conceder benefícios, ou o que quer que seja que se traduza em benefícios, sem que daí lhe venha qualquer compensação. E não me consta que até agora se hajam oferecido concretamente vantagens aos produtos uruguaios, argentinos e chilenos. Temos de pensar se nos convém, por exemplo, importar em maior escala trigo, milho e aveia, e importar também carnes conservadas da Argentina para, em troca de facilidades aduaneiras e doutra espécie a estes produtos, obter melhor tratamento e protecção dos nossos vinhos.

O Governo argentino, como os de todo o mundo, luta por manter em equilíbrio as suas receitas com as suas despesas; não prescinde facilmente de um centavo nos direitos de alfândega que cobra, e ainda o último aumento geral de 25 % das taxas da pauta de importação teve, quanto a mim, mais o fim de arranjar dinheiro do que outro qualquer. Por outro lado, é natural a pressão que sobre os governos exercem quantos fazem a indústria e o comércio das imitações e falsificações de vinho do Porto. Em resumo, são interesses enormes que os governos escutarão enquanto outros maiores se lhes não antepuserem.

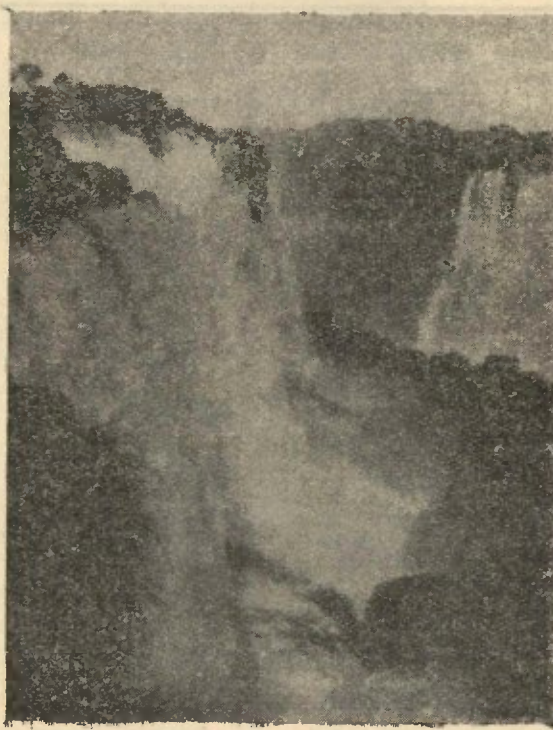
Os governos da Argentina e do Chile tem-se limitado a responder-nos que as respectivas leis da propriedade industrial, de marcas, etc., protegem em sua opinião suficientemente os nossos vinhos das contrafacções, mas no meu entender isto não passa de elementar diplomacia para nos fazer ver que vantagem alguma se obtém hoje gratuitamente.

O problema da importação de carnes conservadas acho que também devia ser pôsto mais uma vez em discussão, estando como estão nêc interessadas a economia nacional e as exportações brasileira e argentina. Os governos brasileiro e argentino favorecem o mais possível a exportação de carnes conservadas e nós continuamos a comer aqui em Portugal carne

EXPORTAÇÃO DA ARGENTINA PARA PORTUGAL EM 1920

	Toneladas	Pesos ouro	Escudos ouro
Trigo	19:531	1.263:133	1.127:797
Extracto de quebracho	904	150:523	134:395
Aveia	534	17:194	15:351
Milho	396	12:014	10:726
Alpista	80	6:170	5:509
Linho	22	2:374	2:120
Diversos	3	95	86
Total	21:470	1.451:503	1.295:984

NOTA. — A estatística argentina acusa a exportação anterior para Portugal: em 1913, pesos ouro 575:633; em 1916, pesos ouro 1.435:142; em 1919, pesos ouro 5.745:132. Uma libra esterlina vale, ao par, 5,04 pesos ouro, ou 11,45 papel. Um escudo ouro, ao par, corresponde a 1,12 ouro argentino. Cada peso papel corresponde a 0,44 ouro, ou enda peso ouro a 2,27 papel.



Catarata do Iguassú, afluente do Paraná

(Fot. do autor)

por um preço inconcebível. Entendo que nos convinha procurar o estabelecimento das instalações que permitem a importação das carnes conservadas, a pensar, como por exemplo a Câmara de Lisboa tem pensado, em importar gado em pé nas péssimas condições em que isso actualmente é possível.

Há certos artigos que devemos importar, e cuja importação por contra-partida nos pode facilitar a colocação de certos dos nossos produtos. E' por aí que deve avançar a nossa diplomacia nas negociações para a conclusão de tratados ou simples acordos comerciais.

A crise da exportação de gado e produtos derivados, que assaltou o Rio Grande-do-Sul, o Uruguai e Argentina, em consequência da guerra, vai passando, felizmente. A guerra veio provar que a interdependência económica dos povos não era uma frase vã dos estudiosos, mas uma dura realidade mesmo para aqueles países que quisram conservar-se alheios ao grande conflito armado.

Hoje os criadores, tanto no Rio Grande como no Uruguai e na Argentina, vão-se libertando dos sérios compromissos em que estavam para com os seus banqueiros, e o boi, como outras espécies e produtos derivados da pecuária, vão tendo preços remuneradores, mas é muito tempo de aproveitar as actuais circunstâncias, que reputo favoráveis para a importação de carnes conservadas e de couros. Pelo que respeita à importação do Rio Grande, a questão está ligada até certo ponto com a do tratado de comércio a negociar com o Brasil, como o aumento da troca em geral com esse país.

Este problema do tratado de comércio com o Brasil é há longos anos objecto das mais sérias cogitações da nossa chancelaria e dos governos, e tem-se prestado, aliás como tantos outros em Portugal, às mais descontraídas demonstrações. Até há pouco dizia-se que a grande dificuldade estava no perigo que havia em conceder vantagens aos produtos brasileiros similares a certos de algumas das nossas colónias africanas, e afirmava-se que o Brasil não deveria competir com esses produtos, e enfim, também, que não podendo o Brasil aumentar a sua exportação, muito diminuta, para Portugal, impossível era chegar a um acôrdo.

Depois começou-se a demonstrar que certos produtos, como a borraça do Amazonas, não concorriam com os similares das nossas colónias, por terem características diferentes. Inventou-se ainda uma zona franca em Lisboa para os produtos brasileiros. O Brasil, mesmo sem tratado, tem todavia conseguido aumentar constantemente o valor das suas exportações para o nosso país, ao par-e-passo, seja dito, que nós, com as nossas eternas conversas, para o Brasil exportamos cada vez menos. Hoje vai-se até ao ponto de afirmar que o Brasil nos manda quasi o que quer, e como quer, e que nestas condições não pretende negociar connosco tratado algum, pois não precisa dêlc para aumentar a sua exportação para aqui.

Chegamos, portanto, na nossa bela inercia, a esta linda conclusão: o Brasil não queria tratado porque não exportava; o Brasil não quer

tratado porque exporta! Entretanto a vida embaratece e acabaremos por não exportar cousa alguma, se não acabarem com as discussões inúteis e o caminho não for deixado livre a quem deve, pela sua competência, levar o País aos seus verdadeiros e gloriosos destinos.

E' evidente que tanto nós como o Brasil necessitamos aumentar as nossas trocas reciprocas. Nós necessitamos aumentar a nossa exportação, porque ela é pequena e até já foi maior; o Brasil necessita aumentar a sua, porque pode vender-nos mais ainda do que já vende, naturalmente lhe convido vender o mais possível sem limitação alguma.

Não posso entrar aqui, dada a minha posição official, na critica das negociações até agora realizadas, e muito menos revelar o que sei e tem carácter reservado. O que pretendo dizer é que a falta de um tratado nos acarreta prejuizos só comparáveis áqueles que resultam da ausência de navios portugueses em portos brasileiros.

A nossa colónia no Rio Grande, mais do que as outras existentes no Brasil, porque poucos são os navios estrangeiros que vão directamente ao Rio Grande, vive em fraco contacto com a Pátria distante, e ainda por cima numa região que pelo clima e outros factores convida ao estabelecimento definitivo do colono.

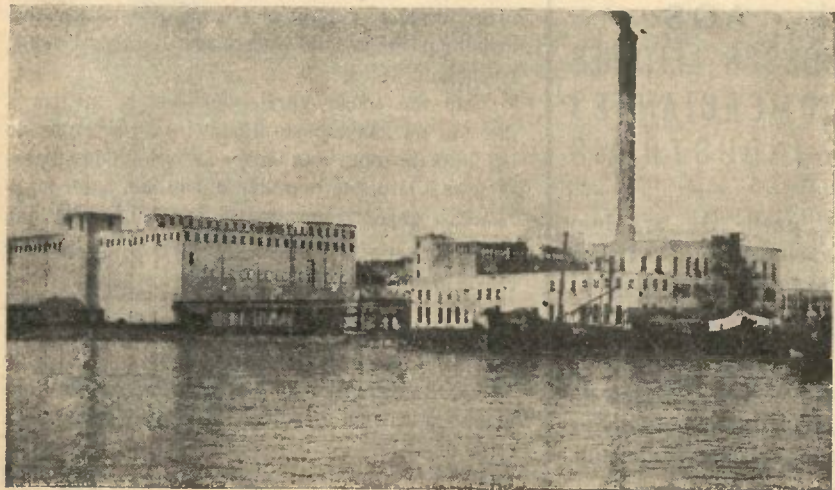
Julgo sufficientemente conhecidos os relatórios do meu illustre colega Carlos de Sampaio Garrido apresentados à Sociedade de Geografia de Lisboa em 1912 e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1919, — o primeiro dos quais estuda a nossa Colónia no Rio Grande, referindo-se o segundo à nossa emigração para o extremo sul do Brasil, — para me dispensar aqui daquelas considerações de ordem mais geral que ponham em relevo a riqueza da região e a importância dos interesses portugueses nela existentes.

Por outras palavras, creio que em Portugal se sabe já que o Rio Grande-do-Sul é um dos mais interessantes e prósperos Estados da União brasileira, e que, a-pesar-de se ter interrompido desde há muito tempo a nossa corrente emigratória para ali, são ainda assim bastante grandes os valores que lá temos, para não poderem ser esquecidos e abandonados.

Mais de 15.000 portugueses labutam no Rio Grande. O meio é a todos os respeitos favorável à aquisição da fortuna, bem se podendo dizer que foi isso que lá chamou emigrantes menos resistentes que os nossos, como homens, mas melhor preparados para vencer na indústria ou no comércio. Para a agricultura sabe-se que o nosso emigrante, chegado ao Brasil, regra geral, não vai, a-pesar-de serem na sua maioria antigos agricultores. Alemães e italianos, principalmente, aproveitando-se da benignidade do clima e apetrechados para a luta, ou ao menos dispostos a continuarem ali os mesteres que exerciam no seu país de origem, a pouco-e-pouco se substituíram ao português, que, pode-se afirmar, já não emigra para o Rio Grande. Ainda alguns vão, é certo, talvez mais por ignorância que outra cousa. Porém, a sua ida apenas compensa, no número, aqueles que morrem ou saem para outras regiões.

Chegando ao Rio Grande-do-Sul, para ocupar o lugar de Cônsul, o melhor informado possível pela leitura e pela conversa com antecessores, eu levava, entre outras cousas, no meu programa de trabalhos, o estabelecimento de comunicações directas e a organização de um inquérito para o desenvolvimento das trocas com o extremo sul do Brasil.

Tive a fortuna de poder levar a cabo com felicidade essas duas iniciativas, e posso hoje dizer que se os barcos portugueses deixaram de ir ao Rio Grande e as forças vivas do meu País não tiraram maior partido das minhas informações, não é culpa minha. Os navios portugueses já não vão a porto algum do Brasil; o nosso comércio melhor, a nossa exportação para este país tem decrescido única- e exclusivamente porque imaginamos que outros mercados nos devem merecer maior atenção.



Rio Grande-do-Sul — O Frigorífico Swift

(Fot. do sr. Ed. Carneiro)

Já noutro lugar me pronunciei contra esta, a meu ver, errada orientação.

Certas unidades dos falecidos Transportes Marítimos do Estado foram ao Rio Grande durante cerca de um ano, fornecendo durante esse ano o serviço mais incerto e desanimador para o cliente que é possível conceber, a-pesar-dos meus esforços, dos dos agentes no Rio Grande e dos do ex.^{to} agente no Rio-de-Janeiro — o illustre comandante Júdice Biker. Nestas condições, através de todas as queixas, é que a Direcção dos Transportes entendeu dever suprimir a escala do Rio Grande com o fundamento... de que ela não era compensadora!

A-pesar-das excelências do serviço dos Transportes, nunca os seus navios deixaram de recolher no Rio Grande carga e passageiros. A verdade é que tendo ido ao Rio Grande numa época em que só tinhamos como concorrente sério a Mala Inglesa, não nos quisemos aproveitar das vantagens dessa situação. Depois, as companhias hamburguesas, através de todas as dificuldades em que se debate a Alemanha, souberam reorganizar os seus serviços de navegação para o sul do Brasil, e de tal maneira que são as únicas mesmo a explorar o transporte de passageiros. Eu próprio, tendo de vir à Europa em Maio do corrente ano, tomei lugar a bordo do «Madeira», da Sudamerikanische Gesellschaft, só podendo dizer que os alemães fazem todo o possível por readquirir a situação de que desfrutavam antes da guerra, sem que ninguém possa afirmar que o não fazem com inteligência e honestidade.

¿Dos resultados do meu inquérito para a expansão do comércio com o Rio Grande, que hei-de dizer que não me pareça já axiomático? ¿Que há campo para vender e possível vantagem em comprar, desde que queiramos voltar um pouco os nossos olhos e as nossas vontades para aquelas paragens?

Já nas vésperas da inauguração da nova linha de vapores para o Rio Grande, em circular às associações comerciais de Lisboa e Porto live ocasião para salientar quão importante é o papel desempenhado na vida moderna dos negócios pelo caixeiro viajante, e tive a felicidade de ser ouvido pela Câmara lisbonense, que fez publicar na íntegra, no *Jornal do Comércio e das Colónias*, as minhas palavras.

Pedia que se aproveitassem as facilidades de comunicação conseguidas; que se considerasse que nem todos os produtos susceptíveis de exportação são conhecidos ou sufficientemente conhecidos no mercado; que, mesmo na melhor das hipóteses, nem tudo se pode oferecer por carta, etc., etc. Julgo não ser este o lugar para repetir quanto então afirmei. Mas aqui entendo dever acrescentar várias cousas. Tendo em atenção a enorme distância a que estamos do Rio Grande, para muitos dificultando ou até impedindo a organização de viagens comerciais, convém altamente que as casas que trabalham com artigos diferentes conjuguem os seus esforços, a fim de tornarem possível a ida dos seus agentes a um campo de acção quasi por explorar em nosso beneficio.

Tratando-se do Rio Grande — creio que se deveria com justiça dizer do Brasil — é necessário pôr de lado o processo sentimental de tudo confiar do patriotismo da colónia portuguesa. E' que não são, realmente, as preferências possíveis pela situação das colónias que devem ser postas em primeiro plano: são apenas os factores de ordem puramente comercial, antes de mais nada! A maior ou menor influência da colónia, quanto a mim, só é de utilidade quando se está resolvido a entrar em luta com armas iguais.

O facto de que, para conseguir a colocação de muitos dos nossos produtos ou o aumento do consumo de outros, se torna necessária a acção do viajante, é não importante, a meu ver, que não bastará mandar quaisquer pessoas melhor ou peor iniciadas nos métodos da arte de vender. Para conquistarmos a posição que de direito nos pertence, precisamos enviar viajantes instruídos e educados, capazes, com o auxilio de catálogos ou mostruários, de fornecer indicações completas a respeito de preços, qualidades, capacidade das indústrias, acondicionamentos empregados, condições de venda, etc., etc. Quando não seja possível ou valha a pena enviar viajantes, é indispensável nomear agentes. Duma maneira geral, foi isto o que eu disse em resposta aos inúmeros pedidos de informações comerciais que recebi na América-do-Sul, durante três anos, tanto no Brasil como na República Argentina, e parece que não tem de todo-em-todo sido julgados inúteis os meus informes, sobretudo porque já-mais deixaram de me ser agradecidos. Também já-mais uma carta dirigida à minha pessoa deixou de ter resposta.

(Conclue no próximo fascic.)

J. M. DE BETTENCOURT FERREIRA.

◆◆◆

Acaba de regressar dos Estados-Unidos da América-do-Norte, no gozo de licença, o nosso querido amigo e illustre Cônsul em Boston, autor do belo estudo acima, dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, que publicará num dos próximos fascículos algumas curiosas notas sobre os interesses portugueses naquele país.

: REVISTA ECONOMICA E FINANCEIRA :

AS CRISES MONETÁRIAS E O COMÉRCIO, EM PORTUGAL E NO BRASIL

SABIDO é que não só em Portugal e nos nossos dias se manifestaram crises monetárias. Pela nossa especial situação a respeito do Brasil, tem particular interesse recordar uma das crises por que este país passou e a forma por que a resolveu.

A' data da proclamação da República no Brasil cotava-se o câmbio acima do par (27), a 27 ³/₁₀. País novo em plena transformação, ou antes plena formação, tinha o Brasil a sua balança comercial desequilibrada e, além do ouro de que precisava para pagar as mercadorias que importava, tinha de pagar todos os anos os juros dos capitais estrangeiros que lhe tinham sido emprestados, quer ao Estado quer a particulares. Muitos bancos estrangeiros, como o «London and River Plate» e outros, recebiam do Brasil importantes somas. Igualmente despesas diversas do Estado e não penso importantes de brasileiros que viajavam no estrangeiro e os salários importantíssimos de operários estrangeiros concorriam para a difícil situação das finanças públicas. Para acudir às necessidades entrou o Estado no caminho do aumento da circulação fiduciária: cada emissão provocava uma nova baixa e para acudir aos encargos resultantes da baixa fazia-se nova emissão que a agravava ainda. Os resultados desta política financeira, sempre má e sempre seguida, traduzem-se nas cotações:

de 1890 a 1894	a cotação média foi	18 ⁷ / ₁₆
de 1891 a 1894	» » » »	12 ¹⁷ / ₃₂
de 1895 a 1897	» » » »	9 ¹ / ₄

Em 1898 e 1899 as cotações oscilaram entre 6 e 7!

Foi para acudir a esta situação que o presidente Campos Sales contratou com a casa Rothschild de Londres, a operação conhecida por *funding loan* que restaurou o crédito do Brasil. Não podendo pagar em ouro os juros dos seus empréstimos, o Brasil de 1 de Janeiro de 1898 a 30 de Junho de 1901 pagava-os com títulos consolidados (*funding*). A casa Rothschild emitia dez milhões de libras esterlinas em títulos com o juro de 5% garantido pelo rendimento das alfândegas e à medida que os títulos eram emitidos o Brasil entregava ao câmbio de 18 o equivalente das emissões em papel, que era imediatamente destruído. A redução da quantidade de papel em circulação melhorou desde logo o câmbio: em 1900 tinham sido queimados 50 milhões de escudos e o câmbio estava a mais de 8, em 1908 tinham sido destruídos 145 milhões (um quinto da circulação!) e o câmbio estava a 16.

Pode parecer que a melhoria do câmbio causaria uma satisfação geral, mas não sucedia assim: os interesses dos produtores não são os mesmos que os dos consumidores.

O público via com satisfação o restabelecimento do crédito, aos consumidores de artigos estrangeiros agradava igualmente a alta, mas a

situação dos produtores, dos exportadores, é diferente: estes não são nada prejudicados com um câmbio baixo, pois vendendo os seus produtos para o estrangeiro, quanto mais baixa está a moeda do país mais recebem: é a situação em que, em Portugal, o comércio e as pessoas que recebem rendimentos do Brasil se tem encontrado, recebendo tanto mais escudos quando mais o escudo perde valor em relação à moeda brasileira. E' evidente que uma excessiva desvalorização acaba por prejudicar todos, estancando as fontes de riqueza do país. Deve notar-se ainda que como os salários não acompanham imediatamente a baixa e as classes operárias não consomem artigos importados do estrangeiro, mas artigos de produção nacional, em que o câmbio só influe por repercussão, se estabelecem dois factores favoráveis ao exportador de país de moeda desvalorizada que recebe imediatamente o aumento de numerário proveniente de desvalorização.

Assim no Brasil, que por ocasião da Revolução exportava 258 milhões de escudos ouro, os exportadores convertendo em papel ao câmbio 27 ³/₁₀ receberam apenas 253 milhões; dez anos depois uma exportação de 216 milhões ouro produziu 814 milhões papel.

Esta questão tem sido, em Portugal, muito debatida por economistas e financeiros. A maioria é de opinião que a alta dos preços que resulta da desvalorização da moeda é favorável aos negócios. E' esta a opinião do distinto financeiro Sr. Anselmo de Andrade. E' certo que os lucros provenientes da abundância de moeda são em parte imaginários, mas dessa abundância resultam despesas excessivas ao passo que a falta de moeda produz restrição de compras e economias forçadas. A elevação dos salários e a maior valia dos produtos produz uma agitação de capitais favorável aos negócios. Como a maior parte das pessoas não exporta, os queixumes dessa maioria fazem por vezes supor que a situação só tem inconvenientes para todos, mas para os exportadores tem ela mais vantagens. Para esses vale mais uma moeda desvalorizada do que uma excessiva valorização, que é muito mais prejudicial aos negócios, como tem acontecido depois da guerra aos Estados-Unidos, Espanha e Suíça.

De um modo geral, considerada apenas a questão no seu aspecto financeiro e não entrando em linha de conta com outros factores, pode dizer-se que a situação tem sido e continua a ser favorável às exportações para o Brasil, e a alta que se esboça deixa, também, margem para resultados favoráveis às importações.

O mais desfavorável seriam oscilações bruscas com que só os cambistas lucram: no Brasil manifestou-se esse fenómeno, mas o presidente Afonso de Pena atalhou-o criando a Caixa de Conversão que com o melhor êxito funcionou até a crise de 1914.

S. R.

AOS NOSSOS LEITORES COMERCIALES E INDUSTRIAIS

A partir do próximo fascículo a "ALMA NOVA" procurará, por meio desta página, trazer todos os seus leitores ao corrente da situação económica do país e das suas relações comerciais externas.

O MUSEU COMERCIAL DE LISBOA vai promover, brevemente, com a "Alma Nova", várias exposições regionais de indústrias portuguesas.

::: ESPARSOS :::

DE À QUÉM-TEJO

AO DR. LUÍS QUERREIRO JÚNIOR

Évora, 1924.

É na tepidez melancólica e evocativa duma noite de Junho, ouvindo o barulhar monótono dos retardatários, que nalguma caturra esquecem o ramerrão da quotidiana recolha, misturada do cantar pachorrento dos grilos que povoam as janelas das romanescas cidadãzinhas de olhos chamejantes, é neste suave contemplar de olhos semi-cerrados que ou estou apreciando bem o que a minha alma pode vibrar ao contacto d'este Alentejo pujante de tranqüilidade e em que a vida parece brotar da própria atmosfera recamada de tonalidades lilazes.

E ao quartejar rítmico dos relógios, que adornam as tórres vetustas da cidade, o meu pensamento barafusta em recordações, desenterrando todo o passado do velho burgo,—coração da mais característica e vigorosa província de Portugal.

A tradição, o quasi liturgismo do povo de àquém-Tejo, faz-nos, de facto, reviver o encanto das simples lendas que o engenho moirisco concebeu, deixando de, religiosamente, indicar-nos o lugar onde formosas moiras de negros cabelos expiam o encantamento imposto por algum deus maometano.

Através do temperamento meridional, acalentado pela tradicional e ingénua poesia, delicadas islamicas, transformadas em brancas pombas, esvoaçam ainda em redor de cristalinas fontes, procurando o miraculoso finalizador das suas penas...

Uma brisa morna excita-me, e, em evocações, vejo as alvejantas casinhas de pátios moiriscados e vasario rubro, em que a sardineira campeia garridamente, desafiando os parreirais trepadores, e onde, à tarde, sobre os balcões de colunelos esguios, a raparigada casadeira estridula gargalhadas, que ecoam nos jardinzinhos perfumados pelos mangericos e resedás.

O pensamento meditativo encontra por aqui o bálsamo vivificante, que robustece, que inspira, tornando contemplativos os menos dados à reflexão.

Évora é ovidentemente isto — uma cidade perene de poesia. Desde as tórres ao ribeiral, que aos seus pés dorme, tudo é homogéneo de interessante e artístico. A Sé, a vetusta Sé, na

mole formidável, tantas vezes interrogada pelos estudiosos, não desvendou por completo a sua emmaranhada história, que anda à mercê de hipóteses mais ou menos fundamentadas; é ela, como guardião vigilante, que coroa o casario disposto em tortuosas ruínas, arrebitadas aqui e além por elementos da hera medieva.

San-Francisco, igreja mononáutica à laia bizantina, encerra em cripta a conhecida «Capela do Senhor da Casa dos Ossos», engalanada por dois torços, dependurados quais chouriços em fumeiro; e Gil Vicente, o chufador crítico da fradalhesca, repousa entre os taludes do templo duzentista, ignorado pela quasi totalidade dos visitantes.

Mais além, a ruína do pseudo templo de Diana, graciosa, mirando o horizonte atapetado de loiros triguais, bordejado de papoilas e boninas. E olhando o velho templo, na expressão do seu denegrido envasamento e colunata, há a ovocação dessa imensa civilização latina, que logou ao mundo como património, além de muitos vícios, os seus magistras códices, que ainda regem os destinos da maioria dos povos.

Vítima de barbarismos sofridos em épocas várias, o velho templo pagão viu, pelo século XVI, entaipar os seus intercolúnios, servindo de celeiro, e depois de açougue à matança regular, alimentadora da cidade.

Mas não é apenas este, o primoroso recheio artístico do Évora.

A série de conventos repletos de verdadeiros mimos de arte, excede, sobe ainda muito, para que ela seja colocada a-par das grandes cidades em que passadas gerações se obstinaram em nos legar maravilhas inimitáveis.

! Quanto é benéfico a um temperamento artístico passar as horas absorto no estudo de muitos outros monumentos desta velha cidade!

Por mais ostudados que estejam, sempre nêles se encontra algum pedaço que de novo nos revele uma fase da sua história, que nos mostre a concepção rica do seu deliniador.

! Quantas maravilhas, quantas preciosidades! ! quantos, verdadeiramente admiráveis, e mal aproveitados recursos!

Se Évora não é, já hoje, uma grande cidade de turismo, se nenhuma das condições complementares, de facto, tem,



ÉVORA — A Sé Catedral (fachada)





por enquanto, para o ser —; quanto custa e magôa dizê-lo! — é simplesmente porque não a tem sabido engrandecer, porque não tem feito conhecidas as suas belezas, como tanto seria para desejar.

Um péssimo e mal combinado serviço de caminhos de ferro impede, além disso, que ela viva pouco menos que isolada do resto do país; — e no pouco que há tudo se recente dum abandono entristecedor. As carruagens dos combóios não oferecem a mínima comodidade. Tudo escangalhado, dismantelado, janelas sem cortinas, o estôfo dos assentos caindo de podre e dando ao turista um aspecto degradante.

Depois, não existe um único rápido que permita a pronta ligação com a capital do país; e, completando este desinteresse, um péssimo e emporcalhado serviço de hospedagem faz aumentar a relutância de inúmeras pessoas, que por mero passeio por aqui estacionariam alguns dias.

Organizam-se grupos para promoverem o turismo na região, mas não atacam o mal, o grande mal, aquele que se opõe, como invencível barreira, a que o dito turismo seja em Évora um facto, e a que uma cidade como esta, encerrando infundáveis maravilhas, caminho e se coloque a-par das grandes cidades de província estrangeiras, nas quais a arte e os esplendores dos seus monumentos, por vezes duma inferioridade bem evidente, são o chamariz incontestável duma riqueza imensa, riqueza que favorece, implicitamente, todos os ramos, quer industriais quer comerciais, do maior ao mais modesto.

*

* *

Em tórno da cidade, contemplo extasiado a vastidão dos campos.

Coleiro formidável, este Alentejo, em que as searas se perdem em intermináveis horizontes, trepando as

serranias azuladas, ondulantes ao sopro acariciador do vento!

Em várias *fóllhas*, ranchos denegridos de segadores abatem as alcatifus sazoadas pelo sol intenso, que ilumina desmedidamente os alvacentes casais colocados nas cumieiras dos montes, erguendo-se de entre o ramario severo dos sobreiros e azinheiras. Sob as copas sombrias, o tradicional pastor, envergando o pesado fato de saragoça, ataviado dos coçados çafões, apascenta, indiferentemente, a ovelhada ou a cabrada, de teta a abarrotar.

Ao entardecer, magotes de *ratinhagem* encaminham-se lentamente para o *ranchinho*, enchendo os ares com os seus cantos melancólicos, entoados em cõro, na certeza dum repasto succulento de *almêce* e toucinho entremiado.

Assim vivem, a tudo indiferentes, aqueles que, longe das cidades, encontram apenas no seu rude e extenuante trabalho a alegria compensadora das suas restrictas ambições, amando a terra que cultivam, acariciando espiritualmente as espigas que pesadamente caem ao golpe rápido das suas foices.

E por esses intermináveis campos, envoltos no véu diáfano da noite, quantos milhares de seres adormecidos não confiam apenas na força redentora do seu braço e na fecundidade exuberante da terra que amam?

*

* *

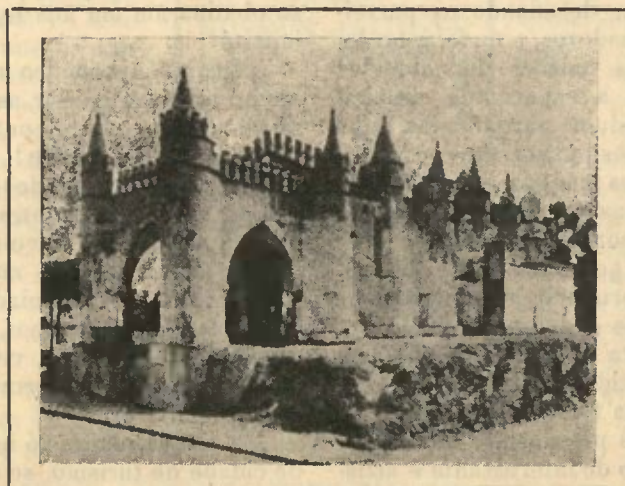
A manhã apròxima-se. As primeiras claridades do alvorecer entreabrem-se...

E engolfado nestes pensamentos truncados, quasi sem uma ligação justificável, nesta espécie de modorra meditativa, desperto, enfim, ouvindo ao longe o monótono cantar dos ralos, excitados por uma bela noite alentejana.

JÚLIO JESUS.



ILUSTRAÇÕES DE



ÉVORA — Capela de San-Brás

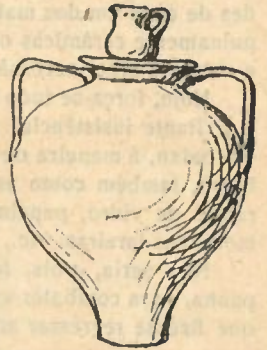
BERNARDO MARQUES

INDÚSTRIAS POPULARES

AS
OLARIAS
DE
MIRANDA-DO-CORVO



Asado à moda de Coimbra



Asado à moda da Serra

TEXTO E ILUSTRAÇÕES
DE
ÁLVARO V. LEMOS

O elegante asado de têsto e pucarinho e a sua companheira, a talha, mais ornamentada, de asas mais trabalhadas e bôca alta, que se vêem na região do Mondego, são as vasilhas, para água, mais elegantes de todo o país e lembram clássicas formas gregas, a-pesar-da pobreza do seu material, da modéstia do seu mister, e da humildade dos seus autores.

Dizem-se, os asados e talhas de Coimbra, porque as tricenas, a cujo corpo donairoso se assemelham, as popularizaram, pelos séculos fora, no carrear da água do rio, por entre alas de académicos, amorosos e poetas.

Ter-se-iam fabricado, outrora, na própria cidade de Minerva, mas, há mais de um século que o centro produtor é o concelho de Miranda-do-Corvo, a cinco léguas de Coimbra, onde, ainda hoje, há uma indústria que se pode chamar próspera, a-pesar-da sua feição primitiva e verdadeiramente popular.

As povoações dos Bujos e do Carapinhal, são os principais centros de produção onde toda a população é *doublé* de agricultor e oleiro.

Homens, mulheres e crianças, famílias inteiras, tudo trabalha nas duas ocupações. Segundo o estado do tempo ou o apêto do serviço, assim se dirigem as atenções para a agricultura ou para a olaria. E'-se oleiro nas horas vagas (às noites trabalha-se à roda, à luz da candeia) e nos dias chuvosos que impedem a labuta nos campos. A louça vai-se cozendo, quando está enxuta e completa a fornada, e depois, vai-se armazenando a mercadoria por todos os cantos das pequenas casas, dos palheiros, dos currais, nos telheiros, por cima das arcas, debaixo das camas e móveis, até que, pelo ano fora, vá abastecendo os mercados próximos. Mas o verão com as grandes feiras e romarias é que é o belo tempo da venda.

Com umas canas e varas cruzadas fazem uma armação alta sobre o carro, distribuem-se em volta os bojos dos grandes potes, cânta-

ros e asados.—Calçam-os com palha e metem no meio as peças miúdas, desde as bilhas, cabaças, vasos, púcaros e panelas, até às mais reduzidas, que hão-de servir de brinquedo às crianças. No fim atrelam-se os bois de trabalho, e lá vão cantando pelas léguas das estradas até Arganil, Poiães, Cantanhede, Montemór ou Figueira, etc.

Chegados ao local do destino, a qualquer canto do arraial e sobre a palha em que transportaram os frágeis produtos, lá fazem o estendal. Ali vivem e dormem, guardando a louça, os dias que dura a romaria. São, em geral, os primeiros feirantes a chegar e os últimos a levantar. O que se não vendeu nem se escaqueiron, volta a carregar-se e lá vai para outra feira, passando assim o verão com umas mantas, uns pedaços de brôa e sardinha, alguns, enquanto os outros membros da família lá ficam na aldeia a tratar das terras e dos animais.

Levam uma vida de trabalho, mas variada e alegre, sem grandes preocupações e relativamente desafogada, pois a boa qualidade do produto e a sua abundante apresentação nos mercados, desafiam toda a concorrência.

Miranda-do-Côrvo, porém, modernizou-se, já tem caminho de ferro e a exportação dos seus barros já se não faz só pelas estradas: — lá se carrega de vez em quando o seu vagon na estação para a Figueira-da-Foz ou para Lisboa, onde facilmente se vende e tem procura.

Infelizmente, hoje, as belas formas primitivas e tradicionais, vão-se abastardando e prostituindo pelas exigências da nossa meia-civilização burguesa, e pelo contacto com as formas vulgares de lata, alumínio, vidro e ferro fundido da indústria moderna, que fornecem ao oleiro os mais desastrosos modelos!

Antigamente influenciavam-se mutuamente, na inspiração da forma, apenas a vasilha de barro e a



Brilhoedos de barro das olarias populares de Miranda-do-Corvo

vasilha de cobre. Os exemplares participavam das possibilidades de cada um dos materiais e havia formas espontânea e genuinamente cerâmicas ou genuinamente metálicas. Assim livres e naturais eram necessariamente belas!

Hoje, força-se tudo! Já aparecem com uma desconsoladora e irritante insistência, cântaros de barro com asa em cima e em baixo, à maneira de cântaros de lata citadinos, cafeteiras de barro, também como as de lata, bilhas como as garrafas e garrafões de vidro, painéis de pés como as de ferro-fundido das modernas lareiras, etc., etc.

Não seria, pois, fora de propósito, uma verdadeira campanha, para combater estas caricaturas cerâmicas de mau gosto, que fizesse regressar aos belos e simples modelos tradicionais.

Além dos asados e talhas, a característica mais notável das olarias de Miranda, é a confecção de brinquedos para crianças em barro, que constituem, nada menos que uma colecção reduzida, perfeitamente paralela ao mostruário industrial da casa. Este material vende-se óptimamente em certas feiras, onde faz o encanto da pequenada, que naqueles pobres barros tem uma variada baixela para as suas bonecas e cozinhados.

Algumas destas pequenas peças, tem requinles de graça que ninguém diria poderem sair das rudes mãos daqueles oleiros cavadores. Um caso curioso, bem diverso do que costuma suceder em todas as regiões industriais, é que, aqui, ninguém se especializa num só género de trabalhos. Modelam todas as peças indistintamente, e, quando muito, fazem-nas por séries. As bujigangas infantis, essas fazem-nas quasi sempre por desfastio nos intervalos das peças de responsabilidade e dos cuidados do forno ou do amanho das belgas de couves, milho ou batatas do pequeno património que todos possuem.

Nas próprias formas tradicionais havia ainda vários tipos, que hoje se vão fundindo e abastardando. Variavam segundo os usos ou os mercados a que se destinavam. Assim, fabricava-se o asa-

do à moda de Coimbra, de pé fino, asas muito alçadas, bôjo bastante elevado, bem próprio para figurar à cabeça de lindas mças, ou nas lavadas mesas das cozinhas da cidade, e morrerem no caminho gostoso da fonte e do rio ou no velho jôgo da panela escapando-se das mãos desastradas dalguma tricana mais distraída. Os asados à moda da Serra, mais grossos em baixo e o bôjo mais descido, asas menos elegantes, mas fortes, eram próprios para conterem mais líquido e morrerem afinal inglória- e obscuramente, ao serviço das azeitonas, depois de terem passado uma monótona e trabalhosa existência nas tóscas cantareiras de enfarruscadas e fumarentas choupanas.

Se os barros de Extremoz são celebrados pelo agradável aspecto da sua côr e pelas qualidades que transmitem à água, os de Miranda não lhes ficam atrás. A-pesar-do barro ser menos macio e mais descôrado, não desmerece em decoração, polida à pedrinha, bem apropriada e bem distribuída.

Os motivos são simples e pouco variados, reduzindo-se a linhas continuas, ondeadas ou cruzadas, corações, fôlhas e flores numa estilização rudimentar que não deixa de ter o seu encanto e mesmo beleza.

Quanto às qualidades de gosto e frescura que comunicam à água, são muito apreçáveis, no dizer de entendidos, em especial os produtos da povoação do Carapinhal, por ali serem os barros amassados com água corrente, ao passo que os dos Bujos o são com água de charcos e poços, por vezes corrompida.

Estas, como outras indústrias populares, não as pode abandonar um verdadeiro movimento a favor do turismo nacional; são para muitas terras a única curiosidade duma inconfundível característica, que ali pode levar curiosos e artistas e, nas etapas do excursionista, destruir-lhe a monotonia enervante das estâncias de águas, a banalidade dos hotéis e civilização barata que o perseguem e... aborrecem!

31 - Dezembro - 1924.

ÁLVARO V. LEMOS.

ARTE POPULAR PORTUGUESA

"OS PÚCAROS CÁ DA GENTE"

—
POR
LUÍS CHAVES

(Com ilustrações de Saavedra Machado)

PUBLICAREMOS NO PRÓXIMO FASCÍCULO ESTE PRECIOSO ESTUDO, QUE HÁ ALGUM TEMPO JÁ NOS FOI : ENTREGUE PELO SEU AUTOR :

"ICONOGRAFIA

É notável o trabalho sobre este assunto, organizado pelo nosso director artístico para o grande «IN-MEMORIAM DE CAMILO», que a casa Ventura Abrantes, num verdadeiro rasgo de audácia editorial, pôs à venda por ocasião das festas do centenário do nascimento do glorioso Mestre : : da prosa portuguesa : :



J. SAAVEDRA MACHADO

CAMILIANA"

Vários Camilianistas e amigos íntimos de Saavedra Machado, artista dos mais probos e apreciados, e também escritor já distinto, resolveram comemorar a saída desse belo trabalho, refinando-se num almôço de homenagem, para o qual se recebem inscrições na redacção da ALMA NOVA e na livraria «Ventura Abrantes».



PERFIL DE CAMILO — ESTUDO
DE SAAVEDRA MACHADO.

(Do «In-Memoriám de Camilo», editado
pela Casa Ventura Abrantes)

1.º SALÃO DE OUTONO

RESULTOU UMA BRLIHANTE PARADA DE FÔRÇAS DO MODERNISMO PORTUGUÊS, A EXPOSIÇÃO DE ARTE, COM ÊSTE TÍTULO, ORGANIZADA PELO CONHECIDO PINTOR SR. EDUARDO VIANA E ÚLTIMAMENTE REALIZADA NA SOCIEDADE NACIONAL :: DE BELAS-ARTES ::



A "ALMA NOVA", SEMPRE SOLÍCITA EM APLAUDIR TODAS AS INICIATIVAS QUE TENDAM A VALORIZAR A ARTE PORTUGUESA, DÁ HOJE A REPRODUÇÃO DALGUNS DOS QUADROS QUE MAIS FORAM APRECIADOS PELO PÚBLICO VISITANTE DO REFERIDO SALÃO

DR. MOTA CABRAL EM TRAJE DO PAÍS
POR ANTÓNIO SOARES



PAÍSAGEM ALGARVIA, POR EDUARDO VIANA
(Quadro destinado à Brasileira do Chiado)

1.º SALÃO DE OUTONO

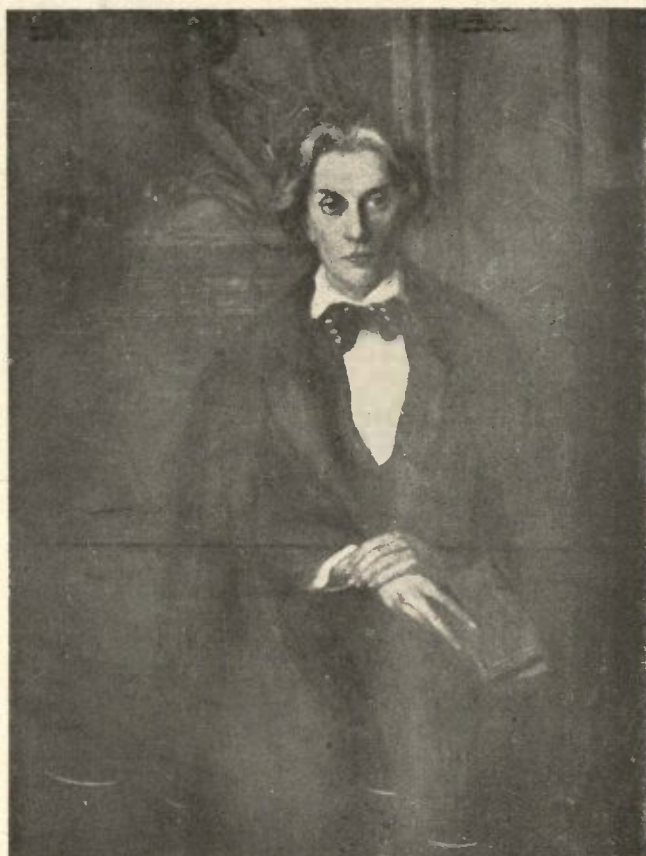


VARIAS, POR LINO ANTÔNIO



LAVADEIRAS, POR JORGE BARRADAS

(Quadro destinado à Brasileira do Chiado)



O VIOLONCELISTA, POR LUIZ BURNAY

(1.º SALÃO DE OUTONO)

TERRAS DO ALGARVE

ALPORTEL

ALGUMAS NOTAS E ALGUNS NÚMEROS,
 :::: DOS DE MAIOR INTERESSE, ::::
 ACÊRCA DO REFERIDO CONCELHO

SITUAÇÃO, LIMITES, SUPERFÍCIE. — *Alportel* é o concelho sertanejo do Algarve; o coração do sôtavento algarvio. Com efeito, o plano alentejano fica-lhe muito ao N., quasi tão longe como lhe fica, para leste, a estrada lisa e azulada do Guadiana; ao Sul, em tórno, a cêrca de duas dezenas de quilómetros, contempla-se, do alto das suas montanhas, a faixa esbranquiçada da costa atlântica e, para oeste, à mesma distância da costa, serpenteia a linha férrea, de alto a baixo, pela abertura que as montanhas deixaram e que, por convenção, separa o barlavento do sôtavento. Parece pois que o pobre concelho se isolou entre os de Loulé, Faro e Tavira, para morrer, fugindo da vida — a via férrea, o rio, o largo mar.

Os pontos extremos do concelho estão entre os paralelos $37^{\circ} 7'$ e $37^{\circ} 15'$ de latitude norte e os meridianos $1^{\circ} 15' 43''$ e $1^{\circ} 21' 3''$ de longitude ocidental de Lisboa. A altitude mínima do Alportel regula por 140^m e a máxima por 530^m . A sua superficie é de $139,50$ quilómetros quadrados, ou seja a $33,9^a$ parte da superficie do Algarve e a $633,98^a$ da de Portugal, como se vê no mapa A.

CONFIGURAÇÃO, ESTRUTURA. — A região alportelense é extremamente montuosa; a superficie mais ou menos plana, mesmo com desprezo de alguns metros de cota, deve computar-se em cêrca de 12 km^2 , constituídos pelos vales, mais ou menos largos, entre as cordilheiras de montanhas. O relevo — se bem que nítido — é muito accidentado, complexo. A espinha dorsal da Serra do Algarve occidental, depois da sua curvatura nos Cavalos (*cumeadas grossas*), dirige-se para Sul, aos zig-zagues, e vem morrer junto ao sítio do Alportel, entre este sítio e o Juncais, no sêro da Atalaia. De um e de outro lado desta espinha dorsal N-S, brotam cumeadas montanhosas para oeste e para leste, cumeadas que conservam no seu percurso um notável paralelismo. É como se tirássemos perpendiculares a uma linha vertical. E o que é mais interessante, é que, configurando a este sistema orográfico, desde a linha Alportel (sítio)-Juncais até ao limite Sul do concelho, se ergue outro sistema orográfico muito semelhante, porque também é constituído por cordilheiras paralelas dispostas de leste para oeste. Estas cordilheiras ou cumeadas estão dispostas em altitude crescente de sul para norte, de modo que a região alportelense tem o aspecto geral de um anfiteatro com bancadas gigantescas, com um caminho para elas, que é a espinha dorsal da serra algarbiense; anfiteatro a que as fendas de erosão, cortando duas cumeadas — as digitações ou subcumeadas, — dão um aspecto de ruínas.

A orografia alportelense traz para a região o papel notável de um centro ou maciço divisorio de águas. Estas correm naturalmente para leste e para oeste da espinha dorsal que apontámos: umas para o Guadiana (ribeira de Odeleite, ribeira da Ameixeira); outras desagüam em Tavira (ribeira de Alportel); outras em Quarteira (ribeira da Corte); outras ainda em Faro (ribeira dos Machados), porque a cumeada que limita o Alportel pelo sul, lhes deu passagem, abaixo dos Machados, numa apertada garganta de erosão.

O sistema orográfico do Algarve oriental, chegando, como vimos, até à linha Juncais-Alportel (sítio), abrange toda a parte norte do concelho, cêrca $\frac{2}{12}$ da sua superfi-

cie. É a região a que os naturais chamam Serra: — a última ramificação austral, derreada, esbatida, torturada, do aspecto geotectónico da meseta ibérica, denominado sistema mariânico. É o *culm* do terreno primário ou paleozóico, do carbónico inferior, grupo antracolitico. O sistema orográfico contíguo a este, a que C. Bonnet dá o nome de *fico-ceratónico*, abrange

toda a parte sul do concelho, cêrca de $\frac{1}{12}$ da sua superficie. É a região a que os naturais chamam barrocal ou algarve: — o *dóger* do mesozóico, da família caloviana, do oolítico inferior do grupo jurássico. Entre a massa calcárea do mesozóico e a xistosa do paleozóico, no vale de Alportel, cêrca de $\frac{1}{12}$ da superficie da freguesia, está a faixa do grês de Silves, *trias* e *infralias*, na transição do *triássico superior* para o *liásico inferior* do jurássico. Ainda nesta faixa se encontra o *lias* e zonas minúsculas de *ofites*. Concebe-se bem que tamanha variedade petrográfica (o Vale de Alportel é um rico museu que já há muito pede o estudo consciencioso dos competentes), dando origem a terras de mil colorações, dá à região, já cheia de contrastes, um aspecto muito particular, encantador, ao mesmo tempo que denuncia um parto, uma tectónica torturada e laboriosa. A disposição paralela das cordilheiras parece ter obedecido a um movimento uniforme, constante, da bácia, à medida que iam emergindo da água, primeiro a Serra, depois a faixa de grês, depois o maciço calcáreo. A faixa de grês, pela qual passa a linha sismo-tectónica Boliquireme-Loulé-Santa Cetarina, foi quem sofreu sacudidas mais violentas, a avaliar pelos estratos encavalitados, torturados, sobre o maciço xistoso, sacudidas a que não seriam estranhos factos sismológicos ou vulcânicos.

CLIMA, ETC. — Não é uniforme o clima da região alportelense, mesmo diminuta como é. Dentro da mesma espécie — mediterrânico, sub-tropical, etc. — é licito distinguir três variedades; *quente* no maciço calcáreo; *transição* na bacia da ribeira de Alportel; *frio* na restante parte da serra, principalmente para norte da cumeada da Manta. O Sr. Dr. Geraldino Brites, que estudou este capítulo com toda a proficiência, diz-nos que, em todo o Algarve, é no privilegiado sítio do Alportel (e a 7 km a norte d'ele, no Barranco do Velho, já fora do concelho) que se encontra o clima mais belo.

Nenhuma particularidade de importância se nota na fauna alportelense em relação à conhecida fauna algarvia; pode dizer-se outro tanto quanto à flora. Devemos porém acentuar que a vegetação, mais sensivelmente que a fauna (espécies inferiores), se distribue de harmonia com as variedades

climáticas, o que ainda, neste campo, dá ao Alportel o lugar de maior destaque nos contrastes imprevistos e sucessivos da região algarvia. Com efeito, é na zona quente que as árvores atingem o maior porte, que há maior riqueza de espécies, que a vegetação é densíssima, quasi compacta; na zona fria a vegetação é monótona, uniforme; na zona de transição, está o limite norte da figueira, da alfarrobeira, da amendoeira, já de pequeno porte, perdida muita energia na luta de resistência e adaptação ao meio.

HISTÓRIA. — Como é bem sabido, foi no Algarve que sempre se revelou mais duradoura a estada dos diversos povos que vieram à península e que, uns após outros, se sobrepuaram aos autóctones. Para alguns desses povos, podemos



Dr. Manuel F. do Estanco Louro, advogado e professor efectivo dos liceus, natural de San-Brás de Alportel, e que está trabalhando com muito carinho numa monografia da sua terra, prestes a entrar no prelo.



SAN-BRÁS D'ALPORTEL. — Um pitoresco aspecto da vila, vendo-se ao fundo o ridente sítio da Campina (Fot. do sr José Pontes).

A — Relações várias entre o ALGARVE, o ALPORTEL e os outros CONCELHOS da província, relativas a 1920

CONCELHOS	Superfície km ²	Fracção da superfície	Número de ordem	População		Fracção da população	Número de ordem	Densidade	Número de ordem	Porcentagem de analfabetos	Número de ordem	Casamentos	Fracção por 1.000	Número de ordem	NASCIMENTOS		Número de ordem	Fracção por 1.000	Número de ordem	Óbitos	Fracção por 1.000	Número de ordem	Número de emigrantes	Fracção por 1.000	Número de ordem	
				Legítimos	Illegítimos																					
ALGARVE	5:018,90	—	—	268:294	—	—	53,5	—	87,1	—	2.747	9,55	—	8.415	1:157	35,32	—	5.599	18,79	—	373	1,30	—	1.099	4,0	—
Albufeira	138,50	36,2	14,0	13:632	19,6	8,0	98,4	5,0	93,6	14,0	151	11,0	5,0	447	39	35,6	7,0	237	17,5	4,0	11	0,8	16	1,1	9,0	—
Alcoutim	571,80	8,7	4,0	7:881	34,0	14,0	13,8	16,0	95,7	15,0	73	9,2	12,0	275	8	35,8	5,0	165	20,9	9,0	3	0,5	1	0,1	15,0	—
Aljezur	341,10	14,7	6,0	6:134	43,6	15,0	18,0	15,0	92,4	11,0	60	9,7	10,0	173	54	37,0	3,0	125	20,3	7,0	6	0,9	2	0,5	14,0	—
ALPORTEL	139,50	35,9	13,0	10:961	24,4	11,0	78,6	7,0	71,2	1,0	155	12,3	2,0	306	32	30,8	15,0	225	20,5	8,0	11	1,0	260	23,7	1,0	—
Castro Marim	298,50	16,7	7,0	8:224	32,6	13,0	27,6	14,0	92,6	13,0	73	8,8	15,0	262	21	34,4	11,0	143	17,3	5,0	4	0,4	5	0,6	12,0	—
Faro	210,50	23,8	8,0	24:128	11,1	5,0	114,6	4,0	75,9	2,0	168	6,9	16,0	703	145	35,1	9,0	544	23,3	15,0	41	1,6	265	10,9	3,0	—
Lagoa	92,40	55,3	15,0	12:759	21,0	9,0	138,1	3,0	85,6	6,0	140	10,9	6,0	426	46	36,9	10,0	272	21,3	10,0	18	1,4	35	2,4	6,0	—
Lagos	213,70	24,4	9,0	15:950	16,8	6,0	74,7	8,0	78,3	3,0	116	7,5	15,0	391	88	30,0	16,0	363	22,7	14,0	21	1,3	21	1,5	8,0	—
Loulé	786,60	6,5	1,0	43:937	6,1	1,0	55,9	10,0	90,8	10,0	532	12,1	3,0	1.498	148	35,1	11,0	943	21,4	11,0	54	1,2	316	7,1	4,0	—
Monchique	380,70	13,1	5,0	12:626	21,2	10,0	33,2	13,0	89,9	9,0	121	9,5	11,0	358	70	33,1	12,0	207	16,3	3,0	27	2,1	2	0,1	16,0	—
Olhão	150,20	33,2	12,0	24:491	10,9	4,0	163,1	1,0	86,8	7,0	215	8,7	14,0	725	129	34,8	10,0	540	22,0	12,0	45	1,8	271	11,0	2,0	—
Silves	684,00	7,5	2,0	32:441	8,2	2,0	47,4	10,0	92,5	12,0	332	10,2	9,0	1.036	125	35,7	6,0	573	17,6	6,0	42	1,3	14	0,4	13,0	—
Tavira	594,40	8,4	3,0	24:660	10,8	3,0	41,5	11,0	87,7	8,0	270	10,9	7,0	725	51	31,4	13,0	402	16,3	2,0	33	1,3	75	3,4	5,0	—
Vila-do-Bispo	179,00	28,0	11,0	6:027	44,5	16,0	33,7	12,0	95,9	16,0	70	11,5	4,0	170	17	31,0	14,0	82	13,6	1,0	5	0,8	4	0,6	11,0	—
Porfimão	179,20	28,0	10,0	14:958	17,9	7,0	83,5	6,0	84,6	5,0	189	12,6	1,0	544	136	45,3	1,0	365	24,4	16,0	35	2,3	24	1,6	7,0	—
Vila Real-de-Santo António	59,00	85,0	16,0	9:481	28,2	12,0	160,7	2,0	81,5	4,0	102	10,7	8,0	376	48	44,7	2,0	213	22,4	13,0	17	1,7	11	1,1	10,0	—
PORTUGAL CONT. TAL	88:740,30	—	—	5:621:997	—	—	63,3	—	72,6	—	51:804	8,66	—	163:173	27:606	31,89	—	133:731	22,35	—	8:629	1,44	—	50:141	8,5	—

OBSERVAÇÃO. — Incluímos, no fim, os números respectivos a PORTUGAL CONTINENTAL. O nosso quadro — que se compreende a um simples olhar. — toma assim um relevo mais nítido, tornando as comparações mais curiosas e flagrantíssimas.

B — ESTATÍSTICA AGRÍCOLA. — PRODUÇÃO EM LITROS E QUILOS [K]

ANOS	TRIGO		MILHO		CENTEIO		AVEIA	CEVADA	ARROZ	FEIJÃO	FAVA	GRÃO DE BICO	BATATA	MOSTO	VINHO	AZEITE	CORTIÇA	LANDE E BOLOTA	FIGO	AMÊNDOA	
	Em grão	Em farinha	Em grão	Em far.	Em grão	Em far.															[K]
1915	424:635	—	35:817	—	—	—	—	—	—	—	—	29:020	—	—	8:400	7:182	—	[a]	[a]	[a]	[a]
1916	404:748	—	41:835	—	18:723	—	111:867	46:087	—	3:275	105:934	64:546	13:681	52:060	22:480	4:174	278:645	id.	id.	id.	id.
1915	569	—	99	—	—	—	—	—	—	56	—	106	—	—	10	29	—	[a]	[a]	[a]	[a]
1916	395	—	73	—	62	—	225	166	—	38	320	330	135	34	8	8	83	id.	id.	id.	id.
1916	399	—	80	—	63	—	232	173	—	39	327	332	135	37	8	8	83
1916	4	—	7	—	1	—	7	7	—	1	7	2	—	3	—	—	—
1916	12:320	17:010	26:105	70	120	—	12:320	9:900	50	—	4:630	150	—	14:000	660	—	—

DECLARANTES

DETENTORES QUE NÃO SÃO PRODUTORES: NÚMERO E QUANTIDADES DETIDAS

OBSERVAÇÃO — [a] Estes números, estabelecemo-los nos por cálculo que exporemos no nosso livro: representam a média anual da produção. A delicia da maior parte deões é flagrante para quem conhece a região. A cevada é óbvia: muitos produtores não vão dar a nota das suas colheitas: os poucos que lá vão mencionam sempre uma quantidade menor da que realmente têm, levando nulos a redução até quasi a zero. Assim, para o número de produtores em 1915 e 1916, ha diferenças invosinificas. O número que exprime a produção da cortiça não representa a média anual, bem menor; nelle esta compreendida cortiça da serra algarvia, manufacturada em Alportel. O Alportel importa, principalmente, trigo e vinho; em pequena quantidade: milho, cevada, aveia, arroz.

N. da R. — Por conveniência gráfica, são suprimidos d'este quadro os n. os, alias sem grande interesse, referentes á área produtora, sementeira, percentagem desta sobre a colheita e existencias em 1915 e 1916.

dizer, muito aproximadamente, os atos da sua estada no Algarve: romanos — 569; visigodos — 293; mouros — 539. No Alportel tem-se encontrado e recolhido vestígios destes povos — além de vestígios de população desde as civilizações mais remotas, — as idades da pedra polida e lascada. Os vestígios achados e perdidos são tantos, tantos... que se não dá um passo que se não diga: "aqui achou-se isto, ali aquilo..." Houve então na área alportelense alguma povoação notável durante as idades destes diversos povos? A resposta é impossível, porque a destruição tem sido sempre impiedosa... No entanto, a tradição concorda com os vestígios, na existência de aldeolas mouras na Alcaria e na Mesquita.

A primeira notícia histórica de San-Brás de Alportel é de 1517, ano em que D. Jorge, grã-mestre da Ordem de San-Tiago, filho natural de D. João II, lá mandou fazer uma visitação. Era então San-Brás uma ermidazinha, de telhado de ripa, tendo o corpo da igreja coberto de madeira de castanho, com três altares, um de pedra e cal, dedicado a San-Brás; outro dedicado à N. Senhora e outro a S.^{ta} Catarina. Em torno da ermida, que tinha também pia de baptizar e campanário, estaria uma meia-dúzia de casas bem pobrezitas. Tal como se apresentava, a dita ermida era já uma reedificação, com reparações.

Ora a região alportelense passa para o poder dos cristãos em 1250; em 1320 ou 1321 só havia igrejas nas povoações importantes do Algarve. Só nos primeiros anos do século XIV, D. Denis se esforça por povoar melhor o reino conquistado pelo pai. Se marcarmos pois aí por 1350 a data da construção da ermida de San-Brás, ficam-nos 167 anos até 1517, o que não é muito para fazer, deixar arruinar, reedificar e reparar uma casa de Deus.

Em 1565 — já então freguesia — havia na área do actual concelho de Alportel, 150 fregueses ou fogos e por isso, pela costumada média, uns 700 habitantes. Estes homens, eram mouros fôrros e escravos, na sua grande maioria; já, certamente, em grande parte, prole dos mosárabes, multiplicaram-se, *moirejando* sempre, na labuta febril da conquista da terra à penedia quasi compacta. E, pelos séculos fora, à custa de muito suor e de muitas lágrimas, transformaram numa cidade de fantasia, quasi imensa, o solo da sua aldeia: em roda de cada casinha, um canteiro de flores, minúsculo, uma horta, um jardimzinho; de casa para casa, de sítio para sítio, os caminhos, avenidas tortuosas, fantásticas; e tudo isto no lugar outrora ocupado pelos pedregulhos gigantescos que, em maciça falange, pareciam asfixiar toda a vida. Foi este trabalho insano que os nossos maiores nos deixaram como brasão; se algum dia o heráldico nos der algum, outro não poderá ser senão o simbolismo dele.

Os dois quadros juntos condensam, sob vários aspectos, o labor alportelense, em prol de uma pátria ingrata.

E a vida da grei alportelense — se não contarmos com o inapreciável labor da iniciação e desenvolvimento da nossa indústria corticeira — tem-se passado quasi tranquillamente, nesta espantosa pertinácia de fazer de um rochedo e de um matagal bravo de Portugal, um solo lindo e ubérrimo. Dizemos quasi, porque são bem poucos os factos retumbantes da sua história. Em Junho de 1596, alguns dos ingleses que desembarcaram em Faro, fizeram uma sortida para o interior, no intuito de rapinagem. Diz a tradição que os alportelenses os expulsaram de San-Brás, com mocas ou *cachamoras*. A essência do facto parece-nos verídica. Depois, só em 1834, a garra hedionda e sangrenta da guerra civil se estende sobre o Alportel, com o desbarato de guerrilhas miguelistas pelas tropas liberais de Sá da Bandeira. Já há quasi um século... e é tão vivida ainda a tradição de tal horror! Se à erecção da Ermida, aí por 1350, e à formação da freguesia, aí por 1550, juntarmos a criação do concelho de Alportel pela lei 178 de 1 de Junho de 1914, temos os cinco factos mais emocionantes da história alportelense. O resto tem passado despercebido: — o sangue derramado pela Pátria, — nela, na Ásia e na África, principalmente. O que nós não deixaremos passar em silêncio é o esforço social gigantesco do trabalho in-

sano traduzido pelos números citados que apresentamos nos quadros A e B; é a enorme quantia — como descejaríamos sabê-la! — que o fisco, hediondo, implacável, vai arrebatando, de ano a ano, já há séculos, e que só no nno económico transacto se elevou a 223:124\$38 em contribuições predial, industrial e de registo; e em impostos: de transacção, de selo e pessoal de rendimento.

Em compensação, como melhoramentos sensíveis, tem os míseros alportelenses o seu concelho atrevessado por duas estradas — a de Faro a Beja e a de Sagres a Vila Real de S.^{to} António —, além de quatro pequeninos ramais que somarão uns 10^{km}; e meia-dúzia de professores primários, quasi todos com escola em horripilantes casebres de aluguer! Por isso, já de longa data há no Alportel um sentimento radicado e inextinguível, não digo de rebelião — como se poderá supor pela queima dos papéis da secretaria de finanças e câmara em 3 de Abril de 1916 — mas da maior separação possível, administrativa e financeira, do pai, — o Estado — que o tem tratado como impiedoso padraço, a ele que tem trabalhado tanto para a prosperidade e *prodigalidade* da casa!

Agora o que dissemos, das variadas manifestações sociais só a religiosa tem absorvido a actividade dos alportelenses. Por isso, tem uma igreja matriz sumptuosa e três belas capelinhas — tudo feito com o seu dinheiro, o seu suor. Pena foi que uma boa parte deste esforço se não carresse para obras de interesse social mais concreto, menos particular — porque tudo lhes falta.

NECESSIDADES MAIS URGENTES. —

As notas que aí ficam, embora dispersas, justificam de sobra algumas das necessidades do concelho de Alportel, necessidades das mais urgentes, daquelas que *escorrem sangue* e que vamos apontar:

a) — construção de um ramal do caminho de ferro até San-Brás (15 a 17^{km}).

De propósito, não justificamos, nem contamos a história já fabulosa deste assunto, porque nos irrita. Para todo o alportelense, deve tal construção implicar uma *guerra santa*, porque é, de facto, uma questão de vida ou de morte:

b) — sulcar de estradas a região alportelense, principalmente a *serra*, para a cultivar completamente, o que se faria em dois ou três anos, desde que se pusesse à disposição dos proprietários o guano necessário, pagável no fim da colheita com juro baixo. É simples... e, pelos nossos cálculos, só a cultura da *serra* bastava para dar ao Alportel um apreciável *superavit* na produção de trigo. Mas é também urgentemente preciso arborizar as cristas da *serra*; intensificar a produção do solo do *barrocal*, por um melhor trabalho da terra e aplicação conveniente do adubo que o seu estudo indicar, para que se colha dez ou mais sementes em vez das costumadas cinco; que tenham lá residência fixa, um agrónomo e um veterinário, para que não fiquem entregues à sua própria sorte, os gados, as sementceiras e as plantas, doentes. É também preciso tornar regadio, com o inextinguível lençol de água da Tapada, todo o vale de Alportel;

c) — substituir os casebres abomináveis das escolas por edificios próprios, com balcão, cantina, horto escolar, campo de jogos, etc.; e construir, na sede do concelho, uma escola primária superior, onde, a-par da cultura mental exigida a todos os cidadãos do nosso tempo, se ensine a cada um um officio, conforme as possibilidades e necessidades do concelho;

d) — construir, sem demora, um hospital, com maternidade anexa; um asilo; um amplo edificio para as associações de classe, quasi todas por organizar; dois ou três para mutualidades, amplas cooperativas de consumo, e um edificio para as repartições públicas, ... ligações telefónicas, etc. — Emfim... está tudo por fazer!

... E talvez não se faça sem que os alportelenses deixem de enviar para o erário do padraço a melhor parte das suas economias, porque é quasi impossível a sua saída do abismo... São já de maior idade para a administração das suas coisas.

Lisboa, 25 — I — 25.

M. DO ESTANCO LOURO.



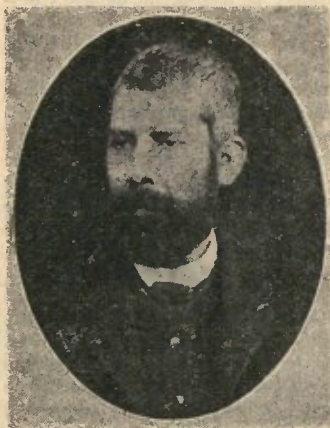
SAN-BRÁS DE ALPORTEL. — O Sanatório Vasconcelos Porto
(Fot. do sr. José Pontes)

■ BREVEMENTE ■

TAVIRA, — A LINDA!

ALFÔBRE DAS MAIS GLORIOSAS TRADIÇÕES ALGARVIAS.
HISTÓRIA — MONUMENTOS — INDÚSTRIAS
COM BELOS DESENHOS E FOTOGRAFIAS

BERNARDO DE PASSOS



Bernardo Rodrigues de Passos
O pai do Poeta



O Poeta
(Retrato oferecido ao Director
do "Alma Nova")



Boaventura Passos,
Irmão do Poeta

O poeta algarvio Bernardo de Passos, embora ainda não tivesse sido como tal devidamente consagrado pelo país, é um dos nossos maiores líricos da actualidade.

Poucos em Portugal se podem arrogar tão desassombradamente o direito à lira de João de Deus.

Como aquele, nasceu também numa povoação sertaneja do Algarve, povoação que é um dos mais pitorescos retiros da encantadora provincia, — a actual vila de San-Brás de Alportel. Seu pai, que aos 29 anos já se afirmara como poeta e jornalista local de mérito, cedo lhe despertara o gosto pelas letras; e ei-lo, dos 12 aos 15 anos, com o pseudónimo de *Brás Brasil*, ou simplesmente *Passos Júnior*, colaborando nos jornais, ao lado de seu pai, e aos 16 escrevendo inflamados artigos políticos, a-par de poesias dum lirismo embalador.

São dessa época todas as poesias do seu primeiro volume «Adeus», que tanto êxito obteve. A sua feição característica está aí vincada. É um lirismo que não se compraz apenas com a aparência exterior das coisas,



BUSTO DE D. MARIA JOAQUINA
DIAS PASSOS,

mãe do Poeta, — executado por D. Rosalina Dias Passos, irmã do mesmo e uma curiosa artista, que, sem haver tido qualquer aprofundizado, tem produzido trabalhos muito apreciáveis.

mas que as interroga e sonda. Beleza rude e simples, mas onde há penetração filosófica — preocupação esta que mais se acentua em «O Grão de trigo» (1907), «Portugal na Cruz» (1909) e «Bandeira da República» (1913).

Para breve tem Bernardo de Passos um formoso poemeto, em que canta as avesinhas e as crianças, e o seu anunciado «Entardecer». Ambas serão peças literárias que, muito dignificando as letras pátrias, tornarão mais apreciadas ainda as altas virtudes do Poeta.

Bondade inata ao serviço duma peregrina sensibilidade artistica, todas as poesias de Bernardo de Passos são verdadeiros hinos à natureza e ao amor. E não há nelas uma frase dúbida ou palavra mal colocada, saindo também, em consequência disso, o pensamento sempre límpido e são.

Dedicando algumas páginas do presente fascículo ao estudo e propaganda de San-Brás de Alportel, não podíamos deixar de arquivar aqui o nome dum dos seus mais ilustres filhos, que é, simultaneamente, um dos mais genuínos continuadores da obra poética de João de Deus.



FRISO DE TIPOS ALGARVIOS, de Roberto Nobre.
artista illustrador muito talentoso, de ascendência sambrasense

: SONETOS :



SAN-BRÁS D'ALPORTEL. — Igreja matriz,
:: onde foi baptizado Bernardo de Passos ::

VAGABUNDO

COMO alguém que menino se partisse
de casa de seus pais, aventureiro,
e envelhecido, e só, e sem dinheiro,
em pátria estranha a morte, emfim, sentisse:

E que lembrando então a meninice,
o lar distante, e o seu amor primeiro,
já tudo crêsse um sonho (o derradeiro...)
uma incerta miragem da velhice:

Saúdoso e triste, assim eu vou lembrando
êsse bem que perdi num vão viver,
e que em menino e moço andei logrando...

— Bem tão distante já, se o busco ver,
que eu penso que, se o tive, foi sonhando:
que eu sinto que o perdi, sem nunca o ter...

REGRESSO

MINHA aldeia, voltei! Avé-Marias...
Teu crepúsculo d'ouro até parece
que me canta, e me embala, e me adormece,
a florir a amargura dos meus dias...

Como a urze das tuas serranias,
poeta aqui nasci, sem que o soubesse!
E aqui, — visão de estrêlas e de prece, —
vi meu primeiro amor, quando me vias!

Minha aldeia, voltei! Anoiteceu...
Sobre o meu coração, como num ninho,
estendes a asa d'ouro do teu céu...

E êle dorme e sorri, — o abandonado! —
como dorme e sorri um passarinho,
sob a asa da Mãe agasalhado...

ÀQUELA QUE PRIMEIRO AMEI

JÁ esquêci teu nome, essa harmonia
que, como um mel, a bôca me adoçava,
mas não o teu amor, rolinha brava,
ó meu sol de quando eu amanhecia!

Se lá na infância, amor, quando te via,
eu te houvera deixado a alma escrava,
já ela, assim perdida, não me andava;
já, triste, eu não sonhava noite e dia!

Escuta a nossa história... Era uma vez...
um puro Amor, — o nosso... Mas parti;
menina, te deixei num vale em flor...

Como êsse amor de rosas se desfez!
— Eu amei castelans, que longe vi;
e tu, depois, amaste um cavador...

SOMBRA...

NESTES êrmos, ouvindo a voz das fontes,
de humildes alegrias fui pastor.
meus rebanhos guardava com amor,
contemplando os longínquos horizontes...

Árvores maternais que ergueis as fronteas
verde-tristes, num gesto criador,
junto a vós semeei sonhos em flor,
que vestiram de rosas estes montes...

Mas tudo, — riso e sonhos, — me levaram...
Perdi meu gado; meus jardins secaram,
— já nêles não há rosas nem alfombras!

Doura a tarde estes ermos de abandonô...
E eu passo, — fôlha morta dum outono;
sombra vaga a errar por entre sombras...

BERNARDO DE PASSOS.

ALDEIA EM FESTA

(EXCERPTO)

Prega, ao Evangelho, o Rev. Félix do Rosário

— Trinta mil réis! ¿Quem mais lança, quem mais dá, p'lo ramo a San-Sebastião?

E p'lo ar, um rumor de bombas deflagradas, grita júbilos hieráticos ao céu azul distante, donde Deus e os anjos, como é crença ingénua, se debruçam, enlevados, p'ra espreitar a Terra, que os glorifica e apoteotiza.

«...¿Não será, acaso, o nosso Deus, o mesmo Deus de Moisés e de Isaac, cujas descendências lhe mereceram tantas e tantas bênçãos?» — continua, o padre. — E o sacrificio de Isaac, meus irmãos, não foi além da vontade, não foi um sacrificio efectivo. Por isso, ¿os merecimentos de Sebastião, com base num sacrificio real, serão, acaso, menos dignos das atenções do Altíssimo?»

«Mas atentai, irmãos, que pedir a Deus, por intermédio do glorioso Mártir, o livramento duma moléstia do corpo, quando a alma enferma de pecados, é ter a cerleza de que é rejeitada a nossa petição.»

E o arrazoado termina com muitos incitamentos às práticas salutaras da religião e de elogio fecundo às virtudes heróicas do Santo, que, sofrendo «de bom ar e com gosto as perseguições», tem, por isso, nos céus, recompensas copiosas: *Merceres vestra copiosa est in caelis. Amen.*

No al'ar-mór, os padres, genuflectem, e salmodiam versículos bíblicos, e do velho côro, muito florido por cabeças juvenis de mulheres, a música irrompe, súbito, avassalando o coração do ar, todo impregnado de incenso, enquanto cantores de fora tenorizam alto o Credo, co'os papéis na mão, articulando *hosanas* fortes e bem timbrados. Então a minh'alma, todo o fluido emocional do meu sêr, palpitou, difusa, em vibrações sonoras.

E ritmo, e harmonia, lancionou, fremente, na nevrose alta dos sons, meditando toda a elegia intensa da Bíblia, desde as águas do Jordão, té à noite do Calvário. E hauriu toda a sua essência trágica, adentro dos scenários mais estranhos, prêsna do mais alto subjectivismo.

Tardes roixas caem na desolação outoniça das paisagens de Israel, e a sua luz dorida, toda impregnada de mnêus bíblicos, funde-se, cadaveriza-se, nos tons mórbidos da folhagem, que o vento arranca e leva de vencida, p'lo ar, em remoínhos.

João Baptista, o formidável Iokahann, há manchado de sangue e luto o prato da Salomé, e por toda a Canaan, de Judá té à Sidónia, p'la Síria e p'la Arábia, o Verbo de Jesus ressoa no coração das tribus como um canto misterioso do Além. Das margens de Genesareth, onde assenta Cafarnaum, té ao horto do Cedron, onde o ósculo de Iscariote marca o preço vil duma traição, tudo perpassa em mim, ritmicamente, lutuosamente, como num *écran* de vividas evocações longinquoas.

E mêdito a interrogação de Pôncio: — ¿Cristo ou Barrabás? — o furor dos sacerdotes, que se rasgam a púrpura das suas túnicas, ante o *blasfêmo*, p'ra aplacarem iras a divindades, e o pranto amaríssimo de Maria, no caminho do Calvário.

E ouço e vejo: os gestos agressivos das multidões brutais, que ululam, ferozmente, em redor do Mestre: — À morte o Cristo! À morte o Cristo! — e o crucitar dos corvos negros, sangüinários, batendo asas, em bandos, por sôbre os palmeirais da Jerusalém maldita, já quando, sob a umbela roixa do poente, o Sol, viático imenso que o Dia leva sob os paramentos lutuosos,

unge a Tarde que deliquesce e tomba, numa crispação, súbita, de côr. Cristo é no Calvário: há subido à Cruz. E um luar álgido, rasgando as nuvens densas dum céu negro, espreita, pálido e mudo, sôbre o Gólgota, a agonia doce, macerada e triste do Rabbi da Galileia.

— ¿Que é verdade? ¿Que é Verdade? ¿Onde está Deus? — pergunta, ansiada, a minh'alma, olhando a inutilidade e desvairo de todas as filosofias. — ¿Que é Verdade? ¿Que é Verdade? ¿Onde está Deus?

E onda sonora, encheu os vãos soturnos dos nichos e dos altares, símiles litúrgicos das catacumbas, com seus túmulos em arco e suas câmaras sepulcrais, que alâmpadas suspensas alumiam ao livor incerto das suas luzes. E molhou-se nas grandes chagas sangrantes do Supliciado, que jaz, desnudo, pregado à Cruz.

E num arrepiro, roçou-lhe a coroa de espinhos legendária e exauriu-se, em scismas, p'lo dorido da sua túnica roixa de martírio.

Corujas feias e funestas fogem, espavoridas, dos buracos, e a piar sinistramente, traçam no ar, ao longo das naves cruciformes e rente dos tetos, em forma de caixões, seus vãos maléficos de agoiro e maldição.

E, horrorizada, penetrando os desvãos lúgubres dos altares, encheu o esquite de Jesus e tocou velharias litúrgicas de arripiantes simbolismos, e foi frémito e eco alucinado na eça alta e mortuária, com sua côr negra, lutuosa, e seus relevos fulvos de tíbias e de cãveiras.

Por toda a parte, a minh'alma, ritmo e som em vibração, encontrou abominações e luto, se molhou de lágrimas e de sangue.

Senhor! Senhor! ¿Que Deus é êste que se adora aqui?

Missais enormes, nas estantes, rebrilham no tom vivo das iluminuras, sob o macerado das velas dos altares.

E tocou as aras santas, p'la tecitura fina das toalhas alvas; as hóstias mais os cálices reluzentes; cabeças decepadas de mártires santos; troncos contorcidos de dor; esgares de supliciados e espadas afiadas mordendo carnes a gotejarem por mil feridas abertas.

E acordou no órgão mudo, notas perdidas duma canção longinqua e pungente.

Flores policromas pretendem dar, do alto dos castiçais e andores, um tom alacre de frescura e vida a esta necrópole imensa, velha de longos séculos, mas a minh'alma hauriu do seu perfume e subjectivou da sua côr, sénius duma flora nada à margem de sepulcros.

Uma janela esguia mostrava-me, ridente e belo, o céu lá fora. Então o Sol me levou à plena Vida, ao pleno Azul, p'r'ó Alto, p'ra Longe, em demanda da Verdade, em demanda de Deus, que aqui não pude sentir nem compreender. E palpitou, liberta, a minh'alma, no coração da Luz, oração no Céu, cântico na Terra em flor, enchendo o Espaço, circundando os Mundos.

O Sol vibrante, fonte de Luz eterna e excelso colorista das Alturas, apagara-me do peito as frias sombras, e estuando fundo, nas minhas veias, refluía-me, rubro, ao coração.

Eh lá! Eh lá! ó Sol amigo, ó bizarro pintor das alvoradas e poentes fulvos da minha terra: *Gloria in excelsis! Gloria in excelsis!*

BOAVENTURA PASSOS.

BREVES PALAVRAS

A-PROPÓSITO DA

MINHA TERRA

NUMA prega da beira-serra, onde dizem alguns que nasceu o grande Poeta árabe Ibn-Amar, confidente e companheiro de Motamid, príncipe dos moiros e também artista de valia, levanta-se a casaria branca de San-Brás, aldeola humilde elevada às pompas de vila, que tem como cenário a formosa vegetação das encostas que erguem no cimo moinhos de asas desfraldadas no azul e sonham sob os beijos desta puríssima luz meridional sonhos antigos e pagãos, amores rubros de faunos, nudezes frescas de ninfas e evoês frenéticos de ritos báquicos.

San-Brás de Alportel desabrocha, como uma flor da Paisagem, em temperamentos ardentes e coloristas; em devoções de trabalho; em miragens de aventuras longínquas noutros continentes, demandando a alegria da riqueza; em bucolismo; em sãdia graça. As mulheres daqui são córadas como rosas e trazem sempre nos olhos um deslumbramento de sol.

Foi esta Paisagem que modelou o estro mavioso de Bernardo de Passos; e eu ouvi dizer ainda a uma mulher que se chamava Cândida que João de Deus compusera à sua beleza, aqui, os seus primeiros versos.

Cândida, mimosa Cândida,
És tão linda, meu amor!

dizia-me ela de-cór...

Há um artista que vive neste paraíso escondido, ignorado, absorvido pela luta diária do pão-nosso, conseguindo todavia roubar à sua dor e aos cuidados por seus filhos que já não tem mãe, uns escassos momentos, o suficiente para escrever páginas preciosas sobre a vida campônia, páginas vigorosas e esbraseadas onde há ridículos e sentimentos grandes, e onde a pujança de Fialho se desdobra numa orquestração mais viva, ainda que mais desequilibrada. Esse artista é Boaventura Passos, autor da *Aldeia em Festa*, trabalho ainda inédito por escassez de editores.

O Algarve tem ali o seu mais completo prosador.



JOSÉ DIAS SANCHO

Bacharelado em Direito, poeta, prosador e crítico muito apreciado, natural de San-Brás de Alportel

É pena que as contingências da vida não permitam o desabrochar completo do seu temperamento e o estudo necessário a toda a obra sólida.

¿Quem é que formou este artista que nasceu espontaneamente como as florinhas da serra? A Paisagem! A Paisagem que lhe acordou a sensibilidade fina—

Como a urze das tuas serranias,
Poeta aqui nasci sem que o soubesse...

escreveu num belo soneto Bernardo de Passos, irmão do prosador.

De facto, o panorama não é de acordar pintores: é de acordar Poetas, contemplativos, devaneando em amores de fantasia e adorando de cabeça descoberta o sol.

Na verdade distingue-se entre qualquer outra a população de San-Brás, notável pelo amor à sua terra (onde a propriedade é adquirida

quási a palmos), pela energia que põe no trabalho, pela sua grande tendência para o comércio, revelando sob certos pontos-de-vista, é inegável, vincadas semelhanças judaicas.

Onde há transacções comerciais, campo de luta para o trabalho, lá está o sambrasense,—na província, em Lisboa, na Inglaterra, na América, no Brasil, na África, passando muitas vezes privações para ao cabo de anos comprar a pêsse de oiro qualquer bocado de terreno na sua antiga aldeia. A propriedade está assim retalhada, dividida. Os arredores de San-Brás estão todos cultivados; e como a serra é rica de pedra, arrançam a pedra, a marrão, com

barras, a dinamite, como calha, gastando o que gastarem, só para terem alguns metros de terra de sementeira com o mesmo dinheiro com que noutra parte comprariam um pomar.

Este carácter voluntarioso que não conhece obstáculos é um grande exemplo de tenacidade. O que choca é que esta tenacidade na região apenas se aplique à terra, e não se detenha nas indústrias, levantando grandes emprêsas.

É que o sambrasense é muito egoísta, e se vê o vizinho construir uma fábrica, logo êle constrói a sua, de forma que tudo se fracciona, divide, subdivide.



SAN-BRÁS DE ALPORTEL—Elegantes da localidade, no terraço duma habitação, posando para a "Alma Nova" (Fot. do sr. José Pontes)

Tem impulsos, mas não tem continuidade. Sem estradas capazes, sem caminho de ferro, esquecidos entre uma roda de montes, os sambrasenses apenas sonham com o estrangeiro onde o trabalho se aluga, e lagares de azeite, noras, azenhas, processos de cultura, são ainda os dos primitivos tempos dos avós moiros.

Indolentes é que eles não são, ao contrário do que se dá no litoral, mas o seu trabalho acabrunhante muitas vezes se limita a uma quixotesca luta com os barrocais para os libertar das pedras, e o chão sorve de cada aurora a cada triste sol-pôsto vigorosas energias que noutras formas de actividade teriam uma compensação prodigiosa.

Ainda sob este aspecto é a Paisagem a grande embruxadora.

O cavador, o pequeno proprietário, o industrial reduzido, não podem separar-se dela por longo tempo. E ela em troca dá-lhes sonhos impossíveis como todos os sonhos, e eis que cada filho dessa terra de trabalho, ainda o mais judaico, é um doce contemplativo. Andem eles por onde andarem, leve-os perto ou leve-os longe a sua ânsia de aventura, é aqui que virão passar as horas derradeiras.

San-Brás de Alportel, quando aldeia, já foi a terra do Algarve que mais estudantes deu para os Liceus e Cursos Superiores. Hoje não sei. Isto demonstra uma séria vontade de progredir. Mas não progride!

As estradas continuam intransitáveis, não se fizeram os eléctricos, não se faz o caminho de ferro... Isto é que a mata! Nada se combina para a valorizar, desde o momento que se precise da política. Só na política é que reconheço



SAN-BRÁS DE ALPORTEL — Aspecto da vila

(Fot. do sr. José Pontes)

aos meus conferrâneos uma indolência brahmanica: não se organizam, não pedem, não instam, não fazem valer os seus votos, estiolam-se em lutas à cerca duma pobre Câmara, e deixam aos senhores deputados o orgulho de os representar sem a menor preocupação com o seu bem-estar.

Verdade seja dita, esta é a pecha de todo o Algarve, provincia abandonada, escorraçada dos ministérios, embalada numa politica musical que a delicia e a vai empobrecendo em

beneficio de outras regiões que não trabalham e só folgam.

O regionalismo algarvio é uma doce balada, como a do Rei de Tule, — é taça rica deitada ao mar. Fica em palavras, em jôgo celestial de hipérboles.

Se não, digam-mo os meus comprovincianos, onde está a associação, o núcleo, o grupo, o jornal, que nos apareça com um carácter colectivo e representando a força colectiva... Durante uns anos o Algarve devia, antes de qualquer outra, de fazer a sua politica, sem distincção de côres.

Assim existia o regionalismo consciente e são, que só poderia ser útil ao país dentro do seu pessoalismo.

Doutra forma, os rouxinóis continuarão a cantar nos freixos que deveriam cortar as linhas férreas, as rãs a coaxar nos charcos dos barrancos que outrora foram estradas, e a pobre provincia do sul que engorda a «coisa pública» cada vez mais magra, trabalhadora e expoliada.

JOSÉ DIAS SANCHO.

UMA CARTA DO FALECIDO POETA MÁRIO RAMOS SÔBRE SAN-BRÁS DE ALPORTEL

San-Brás de Alportel, 27-4-1910.

Meu querido João:

ESTOU em San-Brás. Todo o desequilíbrio de uma mocidade franca, todo o desprezo pelos arranjos da vida, toda a ironia pelo necessário, todo o desamor e desprezo pelo conchêgo burguês, ai estão confididos nessa frase.

Estou morto e estou só.

Nem uma pétala dessas flores que estimei na vida, me ficou nas mãos arrefecidas. Frio e só.

Quando olho pelo meu cêrro abaixo, ponho-me na scisma de que me ergueram um patíbulo... cujo carrasco...

Morro com uma espécie de ansiedade na alma; da moral indefinida; tristeza vaga que o coração não me explica. E soffro muito.

Que tempo arrastarei ainda o meu penar é que não sei. Muito tenho passado; sinal de que o meu fim se aproxima. Vinte anos levei a caminhar o circulo pedregoso da minha vida. — Vinte anos só? e tantos! Dessa área que eu vi enflorçada pela minha inesperada de criança; de todo esse estrondo enganador e empolgante; de toda essa harmonia deliciosa; desse brilho fudo, e de tanta luz, restam-me três palmos de terra, onde eu cultivo as rosas, que hei-de legar áqueles que me estimaram.

Tenho um sinal nua que é tua.

Mas... ora adeus... outra conversa.

Espero-te num dia de Maio com o desejo que deves supor.

Tua boa Senhora, calculo, não faltará ao prometido.

Um pequeno aparte, João: — Se os nossos amigos quiserem vir não os inpeços; não sendo éla da idéa obsequias-me não os convidando.

• A razão d'isto é ter muito poucas rosas o meu canteiro.

Agora tu vem, que sabes quanto eu te estimo.

Vem, que isto é lindo.

A imponência iguala a delicadeza. A intensidade da perspectiva sublima-se com a doçura das côres.

Cêrros imensos, encadeados em circunferência, formam ao centro uma planície toda verde, linda, inegalável. Pelos montes até quasi acima, aobem manchas esverdeadas de arvoredo em flor, semelhante pedreiras de esmeraldas. Aqui e além, num horizonte largo, centenas de casinhas muito brancas, lemhram uma ceara de mal-me-querer. E tudo, a variedade dos tons, a destacar na graça da disposição dos montes, lemhrm a coroa dalgum rei extraordinário.

Eu é que não vi nada mais lindo.

! É que boa gente! Não há precisões desde que a vizinhança saiba o que nos falta. E é todo o dia: — vizinha tome lá este mólhinho de agrações para o seu menino... E logo: — vizinho, é gosta de griseus? eu trago-lhe aqui uma manchinha, mas queira desculpar, são muito ruizinhas... queira desculpar...

E são azeitonas, figos, amêndoas, alfaces, o coração, a alma, tudo, que esta gente dá a rir e a pedir desculpa.

! Que bela gente!

A destacar desta população simples e dadiosa, há um curioso exemplar de personalidade. Fino e manhoso na escassez dos seus recursos, sabe histórias morais que applica a tempo, reservando para si o direito de não acreditar em coisa que não perceba. Neste ponto... Diz que se não deve comer batatas, porque se criam debaixo da terra. Em compensação e reforçando o dito, — visto a uva nascer á luz — emborca todos os copos que os vizinhos lhe propinam. Depois de bêbado faz rir. Por estribilho chama compadre até ao bispo (tem a atenuante de já ter baptizado onze filhos), e pelo mínimo gesto pede mil perdões e mil desculpas. O amigo Menezes chama-lhe filósofo. Eu chamo-lhe José Arroja, que é o nome dele.

Se fivesse de crismá-lo punha-lhe Nicola.

Pois é este Nicola o meu único companheiro.

Quando me não aborrece faz-me rir. Mas lá que é curioso é. Dava outro Jao fidelissimo se eu fivesse eternamente ás costas um barril de carrascão. Outros de nenhum modo o dariam.

Já deve ter-te passado a má impressão do começo desta carta. E ainda bem.

Repara tu, e medita aqui um pouco!

Eu, que estou a findar a vida, vejo-me rodeado da força geradora da Natureza;

O meu cemitério é uma flor a abrir-se.

Parece uma ironia e é uma lição. E' encostado à morte que eu vejo bem o valor da vida.

Repara no meu cadáver e teme-a. Teme-a e vive.

... Adeus João, até breve que espero ver-te.

Põe as minhas lembranças respeitadas aos pés de tua Senhora e recebe um abraço franco do teu

MÁRIO RAMOS.

Dá lembranças ao Coelhinho.



ARQUITECTURA



O ROMANO-GÓTICO EM PORTUGAL

A CAPELA DE SAN-PEDRO, EM AVÔ

Ao Architecto sr. Jorge Segurado

POR uma manhã de Abril, fresca e perfumada, nas minhas férias de Páscoa, fui outra vez àquela meiga capelita.

Em todo o mês de Setembro visitei-a inúmeras vezes, e todas as que o meu deambular me levava para os lados de Avô, para a região do granito, onde as portas são graciosamente chanfradas e as janelas, de vez em quando, se abrem em sorrisos manuelinos, não podia passar sem, torcendo um pouco o caminho, a ir ver e ao seu San-Pedro, que tem o jeito de quem chora.

O céu muito azul, tinha ligeiros farrapos de nuvens brancas. Águas enchem, com a sua chalice, o valezito por onde eu seguia. E como fôsse o tempo do esflorar das cerejeiras, perguntava-me qual o noivado, que tinha tantas flores, tão brancas, tão imaculadas!

Na pequena várzea da Foz-da-Moura os melros cantavam. Um sorriso claro vinha da Senhora-das-Necessidades, no alto do Colcurinho.

Rociei de leve a fachada barrôca da igreja de Pomares (1), atravessci a ribeira por uma ponte mansa, e ao seu cabo, uma cruz enorme, rudemente lavrada, abençoou-me paternalmente; na frente um pequeno edículo de alminhas, meio desconjuntado, sorria.

Passada ainda mais uma povoação, comecei a subir o caminho forcido, até ao mutilado e trágico cruzeiro de Anseris (2).

De longe vinha um esparso chocalhar de rebanho.

Segui à direita, por todo o viso do monte, entre tristezas de pinhal, paralelamente à ribeira da Moura, e fui dar à familiar capela, ao pé de pacíficas oliveiras, a um cantinho dum largo.

É muito pequena, de pouca altura e grande simplicidade; parece a vovô das capelitas que o nosso povo ainda ergue suavemente, à beira dos caminhos e no aconchêgo dos povoados.

Tem uma só nave e correspondente ábside quadrangular, a que nos últimos anos do século passado ou primeiros deste, juntaram, em continuação de seus muros, uma sacristia, que deu à construção aquela forma desgraçada de dois corpos iguais.

Na fachada, olhando o poente, abre-se a porta de um só arco em ogiva. A seus lados há duas frestas pequenitas, a desigual altura do solo, tapadas interiormente.

A meio da parede norte está outra porta, com a vèrga em semicírculo, e tão exígua que só tem 1,70 de altura.

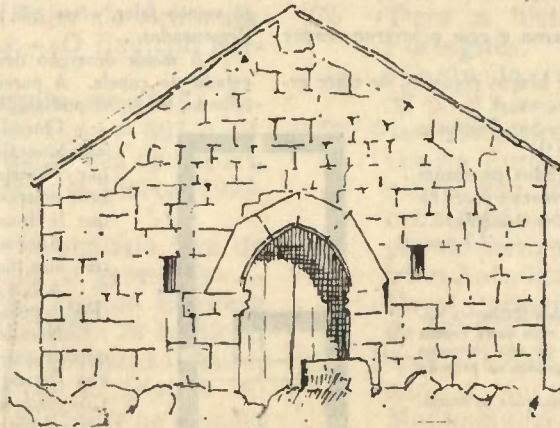
No tópo da nave, ladrilhada de largas pedras de granito e de teto singelamente apanelado e muito baixo, abre-se o arco triunfal, semicircular, bastante largo e com pilastras curtas, pintado actualmente a vermelho.

No altar muito pobre, simples táboas aplainadas e cobertas grosseiramente de tinta que está a cair, a imagem de San-Pedro do século XIV, da estatuária medieval coimbrã, estatuária de que tenho encontrado exemplares interessantes, dos quais me ocuparei mais tarde.

Não é a representação do *Pontifex maximus*, que sentado na cadeira gloriosa, a cabeça alta e coroada da tiara, o simbolo do seu poder — a chave — erguido másculamente, vai dar a bênção *urbi et orbi*, como no San-Pedro, que o sr. A. Gonçalves publicou na *Estatuária Lapidar*, ou como o que o architecto sr. Jorge Segurado nos mostrará em breve; mas o humilde apóstolo, descalço como na iconografia medieval se representavam os apóstolos, segurando lassamente o evangelário e a chave, de barba encaracolada e cabelo lazendo coroa, o rosto enfrustecido, quasi num chôrro. O pecado antigo de negar o Mestre, tortura-o ainda ali, na paz da altura.

Outrora houve mais dois altares na capela, provavelmente um de cada lado do arco cruzeiro. Fala neles o termo da visita da igreja de Avô no ano de 1744, em que se mandavam retirar.

* O m.º R.º Parroco no termo de quinze dias fará demolir os Altares que estam na dita capp.ª de S. Ildelfonso e de N. S.ª da Pied.ª vt.º não estarem ornadoz, nem haver q.º os orne: e a Imagem de S. Ildelfonso fará collocar no Altar do Glorioso S. Pedro (1).



Avô — Fachada da capela

(Des. de Jorge Segurado; sobre apontamentos do A.)

Santo Ildelfonso já se não encontra na capela. Procurei-o inutilmente por Avô e pela vizinha Anseris, e todos a quem me dirigí desconheciam tal imagem. Em 1775 ainda ali se encontrava, porque na visita desse ano, em virtude do estado da capela, eram mandados retirar os santos para a igreja paroquial. Desapareceu porventura quando do maior abandono daquela.

A Senhora da Piedade não seria mais que alguma gravura, e por isso o visitador não faz a seu respeito recomendação nenhuma.

Iluminando o altar, há do lado da Epistola uma pequena fresta horizontal, a única que agora, depois do tapamento interior das de poente, ilumina a capela; mas abertas as portas, a luz e ar lavado da serra inundam-na; i pois se ela é tão pequenina!

Ainda do mesmo lado do altar abre-se a porta para a sacristia, que, como a outra que faz a comunicação desta com o exterior, foi feita à imitação da lateral da nave, e para

cuja abertura desmancharam quasi metade da parede do fundo da ábside (2).

Quando da construção daquela dependência, altearam todo o corpo da capela cerca de meio metro, o que nitidamente se conhece pela diversidade de silharia.

As paredes de granito só exteriormente são revestidas de silhares em fiadas horizontais irregulares.

A ornamentação é nula. Somente as arestas das portas e arco triunfal são chanfradas, sendo os chanfros no arco cruzeiro côncavos. As impostas deste e da porta poente tem simples molduras.

(1) O edificio actual foi começado a construir em 1691, como o atesta a data gravada na frontaria, junto à porta, e o assento de óbito de 7 de Dezembro de 1691, que diz: "... está sepultada no adro da Igreja velha e que vem a ficar dentro da nova para a parte direita...". Em 21 de Dezembro do mesmo ano já se encontra: "... esta sepultado dentro da igreja nova...". (Tomo 2.º do Registo paroquial de Pomares, no Cartório do Seminário de Coimbra).

Por os assentos de óbito de algumas freguesias, podem-se reconstituir antigas igrejas e mesmo localizar o seu mobiliário; porém, com Pomares não se dá bem isso. Por eles somente se pode dizer que era duma só nave (a actual tem três, do que apparece menção logo nos assentos de 1692), uma ábside, tendo uma porta ao norte e outra ao occidente com um alpendre sufficientemente espaçoso para lá se abrirem sepulturas.

Dessa antiga igreja resta unicamente uma arcada românica na sacristia, em cujo preenchimento se abre a porta que faz a comunicação desta com aquella. As arestas das pilastras e do arco são chanfradas, e sob as impostas há uma rosela sexifolia e outra quinquefólia.

(2) Nos quatro lados da base o canteiro insculpiu os symbolos da Paixão, e num gracioso regionalismo, em lugar dos dados tradicionais, pôs uma airosa pitorra.

Foi junta a este cruzeiro que a quadilha de João Brandão, para se livrar das justias de Arganil, veio simular a morte do Ferreiro, dando uma descarga no seu cadáver. Vid. Joaquim Martins de Carvalho — Os Assassinos da Beira. Coimbra, 1890, pag. 10.

(1) Livro das Visitas, fl. 73 v.º — Arquivo da Irmandade do SS.º de Avô.

(2) Em Avô, por influencias vagamente eruditas, pretendeu-se, nas modificações de algumas capelas, imitar o estilo da sua construção; além de San-Pedro, na do Mosteiro abriram umas horribes portas com arcos pseudo-ogivais, muito interessantes...

Não há um florido capitel, cachorros ornados (o friso assenta directamente sobre as paredes), singelas cruces a bronzá-la, nem até na empêna da frontaria se levanta airosa uma sineira. É rude e austera como convém a uma serranilla que vive isolada, fora dos caminhos onde passa o viver quotidiano, sem olhos lindos que a namorem.

A sua história . . .

Não sei que mãos piedosas a fizeram erguer.

Os documentos que pude encontrar são somente do século XVII para cá, desde o começo da sua má ventura.

O tombo velho da igreja paroquial, que ainda pelos meados do século XIX serviu para derimir a questão da sua posse entre Avô e Anscris, como mais adiante direi, desapareceu.

Do tempo em que ela foi acarinhada pelos povos em volta, das antigas romagens litúrgicas, restam somente leves indicações nos documentos encontrados, a tradição no povo, e a visita actual das freguesias de Avô e Pomares, pelas ladainhas menores nos três dias anteriores à quinta-feira da Ascensão, e no dia do Apóstolo, em que, no largo onde se fez outrora uma pequenina feira, se baila no pó e no calor de Junho.

Das Ladainhas

Dezoito freguesias, no dizer de testemunhas coevas, com *estremada devoção*, como diz um visitador, com a sua cruz e o seu clero, na quinta-feira depois do domingo da Páscoa, vinham terminar aqui a melopécia queixosa das Ladainhas (!).

Eram as de ao pé — Avô, Anscris, Pomares, Feira, Alvoco . . . as de mais longe — Middões, Seivo do Ervedal . . . e outras, até dezoito (!²).

Não se sabe quando começaram a vir. Um velhinho que encontrei em frente da capella, e que, encostado ao seu cajado, me contou a história daquela velhita, como a ouvira, criança, à lareira, disse-me que nem os antigos (o velhinho antigo!) o sabiam dizer. Já em 1755 o vigário de Avô, Caetano de Sousa, dizia que vinham *por costume antigo que excede a memória* (!³).

O mesmo se dá com o motivo que levou no mesmo impulso de fé, as dezoito freguesias para a capella.

Ouvi algumas vezes, por aquela região, a lenda que se conta como tendo dado origem às procissões, e que no fundo talvez contenha alguma verdade.

Havia sete anos (todos dizem sete, até a um rôr de léguas, no Seixo) que o céu finha aquela côr baça e nuvens prenes o não manchavam, uma gota de água não caía.

Nas ribeiras fundas, cheias de lés-a-lés nos anos abençoados, mal passava entre rochedos, brancos como ossadas, um silencioso fio de água. A sua beira havia muito que os moínhos não cantavam as suas canções do milho humilde, do trigo loiro. Mas nem tampouco nos outeiros aspas brancas rodavam ao vento. As searas mal tinham erguido nos primeiros anos as espigas prometedoras já um sol maldito as queimara. «Que pois se havia de deitar nas moegas?»

Uma esperança nova vinha com o inverno e com o inverno sempre se ia.

E a terra desolada era uma floresta de braços erguidos, de mãos erguidas; as igrejas estavam cheias; mães choravam.

E foi de ver como se lembraram de ir ao San-Pedrinho com as invocações litúrgicas das Ladainhas (!).

Veze e veze pelos caminhos empocirados passaram lentas e doridas as multidões para a capella; veze e veze na pequena nave os sacerdotes entoaram: *Ut nobis indulgeas . . . Ut fructus terrae dare et conservare digneris . . . Ut con-*

(¹) As *Notícias das Igrejas do Bispado de Coimbra* (Biblioteca Nacional de Lisboa) a fl. 238 do tomo II, dizem: «Ha mais outra capella de San Pedro na mesma distancia a que por antigo voto sam obrigadas a vir como de presente vem em romaria dezoito freguezias na primeira quinta fr. depois da Paschoa.»

No relatório do vigário de Avô, Caetano de Sousa, para as *Memórias Paroquiais de 1758*, vem o mesmo número.

Para não esfalçar o pouco dessas notas que se refere à capella de San-Pedro, transcrevo integralmente:

«Fora desta villa quasi hum quarto de legua se venera em sua capella o principe dos Apostolos o Senhor San Pedro achasse esta fundada em lugar alto, espaçoso, que se lhe descortina largas distancias, he huma das mais antigas e frequentada Romaria perque todas as sextas feiras de Mayo vam a ella em procissão as cruces desta villa Pomares e Anscris, e por costume antigo, que excede a memória, na primeira quinta feira depois de domingo de Paschoa se ajuntavam naquella capella dezoito freguezias em procissão, e como succedem algumas desordens por virem de duas e tres legoas de distancia o Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Conde deste Bispado commutou-lhe o voto a algumas das mais distantes e em esse dia no mesmo sitio se fâs huma pequena feira, franca.»

Memórias Paroquiais de 1758 — T. v, fl. 939. *Tôrre-do-Tombo*. Devo a cópia destes dois documentos ao distinto architecto, sr. Jorge Segurado, a quem apresento os meus agradecimentos.

(²) Os seus nomes vão-se perdendo na tradição, donde só pude colher aqueles.

(³) Nas há pouco citadas *Memórias Paroquiais*, loc. cit.

(⁴) O culto daquele santo tem fundas raizes na alma do nosso povo. Em Portugal são numerosas as capellas e igrejas que lhe são dedicadas. Quando percorri, na Câmara Eclesiástica de Coimbra, os livros de registo de licenças para bênçãos de capellas, encontrei inúmeras da sua invocação, e dela são também dois dos nossos mais velhos santuários — Balsemão e Lourosa.

grucntem pluviam fidelibus tuis concedere digneris . . . e vozes gemeram — te rogamus audi nos.

Crianças choravam pedindo o peito, mas para que a sua dor também comovesse Deus, só completas as preces, as mães lho davam, — disse-me o velhinho.

E o Senhor, pela intercessão do Apóstolo, ouviu-os: as primeiras águas caíram, e vieram outras, e mais e mais . . .

Aquelas freguesias continuaram a ir agradecidas a San-Pedro, que talvez ficasse desde aí, com aquele jeito de quem chora

Quer esta lenda tenha algum fundo de verdade ou não, parece-me certo que estas ladainhas tiveram principio nalguma calamidade pública, e foram continuadas por voto que se fez.

Como é sabido, as fomes e pestes que por vezes invadiram o nosso país, provocaram da parte do povo, das câmaras, das colegiadas, procissões penitenciais, e não raro se lhes juntava o voto de as repetir annualmente.

Estas a San-Pedro, pôsto que próximas das Ladainhas maiores ou de San-Marcos, são-lhes distintas; as de San-Marcos tem o seu dia fixo — 25 de Abril, dia em que já no século IV, em Roma, havia súplicas especiaes; distintas também das Ladainhas menores, que desde o século V antecederam a festa da Ascensão (!).

As de San-Pedro realizavam-se na quinta-feira depois do domingo de Páscoa, como o dizem testemunhas, já atrás citadas, que as viram desenrolar, que muito provavelmente tomaram parte nelas.

Não eram, indubitavelmente, por isso, deslocação do dia daquelas outras, deslocação impossivel de se admitir se atendermos que eram dezoito freguesias que devriam ser concordes nisso; como impossivel de admitir é, que só para satisfazer ao carácter processional e estacional das Rogações se viesse de tão longe, como do Seixo-do-Ervedal, onde perdura a sua lembrança.

Tiveram, pois, principio nalgum facto que documentalmente não sei qual fôsse; talvez o da falta de chuvas por algum tempo, como diz a tradição.

A existência dum voto é certa. O já citado vigário de Avô, Caetano de Sousa, em 1758, refere-se-lhe, dizendo que o Prelado conimhricense o comutara a algumas das freguesias mais distantes; mas não acrescenta a causa por que foi feito, nem tampouco diz quais fôsem.

Aquella comutação foi o primeiro passo na decadência das ladainhas, que a falta de documentos não nos deixa acompanhar.

Em 1775 há uma nova referência.

O visitador no arceidiagado de Seia, a 11 de Novembro daquele ano, ordenando reparações na capella que estava bastante arruinada, como se verá adiante, diz:

«Constame q̄ a capella de San Pedro de entre as moufas desta freguesia he munto antiga, e a ella concorrem com estremada devoção os povos destas vesinhanças e indo muntos delles com sua crus em prociação a dita capella repetidas vezes no ano» (!²).

Não obstante aqui haver uma certa confusão com as ladainhas das sextas-feiras de Maio, das freguesias de Avô, Pomares e Anscris, de que já vamos falar, vê-se que então ainda iam bastantes, talvez todas as não dispensadas.

A maior deserção deveria começar depois desta data, em virtude do estado da capella. A parede norte encontrava-se arruinada, bem como o telhado, e não se podiam lá celebrar os actos do culto.

Quando viesse o ano de 1815, em que o visitador a interditiu (já o anterior citado, o de 1775, tinha declarado que o ficaria se, passados dois meses, não fosse composta), bem poucas seriam as freguesias, se ainda algumas eram, que lá fôsem; e depois deste ano o abandono foi total.

Abandono causado não somente pelo seu estado material, mas ainda mais pela censura imposta.

Avô, quere-me parecer, já há tempo que não ia a San-Pedro na quinta-feira da semana paschal.

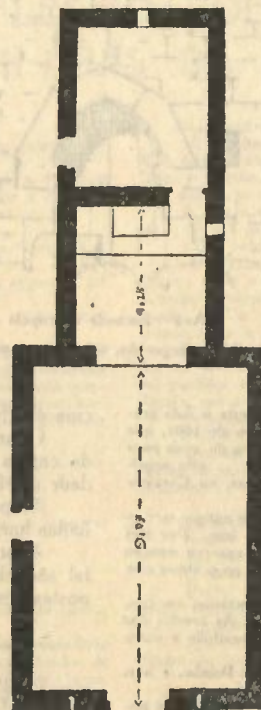
Num livro do arquivo daquela igreja — *Titulo das obrigações assim do Parroco, Beneficiados, Thizoureiro, como dos Parroquianos: e dos uzos, e costumes desta Igr^a e Colegiada da Villa de Avô*, escrito em 1817, não encontrei referencia a estas ladainhas, não obstante no capitulo *Lembranças dos uzos e costumes desta Igr^a pelos mezes do ano — Maio*, falar dos pontos terminais das procissões das ladainhas menores, sendo um dêles San-Pedro, na terça-feira, pelos seguintes termos:

«Nas Ladainhas geraes vão na segunda fr.^a a Sr.^a do Mosteiro, na terça a S. Pedro, e na quarta ao Altar do Apóstolo S. Thiago na capella do Mosteiro, onde se dizem as preces.»

«Adverte-se que a capella de S. Pedro esta arruinada, e suspença, e p.^r este impedimento nesses dias que era costume ir a S. Pedro, se vai à Capella de N. S. dos Anjos» (!³).

(*Continua.*)

NOGUEIRA GONÇALVES,



Planta da capella

(¹) Mortier, *La Liturgie Dominicaine*, Desclée, a. d., vol. v, pags. 167 e 168.

(²) *Livro das Visitas*, fl. 32, v.^o — Arquivo da Irmandade do SS.^{mo} de Avô.

(³) Não posso afirmar com certeza que todo o livro seja escrito em 1817, mas o que não datar daquele ano pouco posterior será. Dada a sua importância, resolvi em Setembro, vê-lo cuidadosamente quando me fôsse possível fazê-lo com mais vagar; o que ainda me não foi possível.

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE.— OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS.— TÍTULO I.— LIVROS (PROSA)

ADENDA (1)

- 162 **Amado** (Fernando) — "O nosso lugar. Conferência" — folh. 51 p., (0,090×0,145), Tip. da Livraria Ferin, Lisboa, 1922.
- 163 **Andrade Gomes** — "O Amor e a Guerra" — Contos, 71 p., c. il. por Alberto Sousa e vinhetas de Sousa Gomes, Livraria Portugalia, Lisboa, 1924.
- 164 "Aquisição de navios alemães. Discurso proferido na Câmara dos Deputados pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Afonso Costa, Presidente do Ministério, em 25 de Fevereiro de 1916" — folh. 15 p., Imprensa Nacional, Lisboa, 1916. Edição do Grémio José Estêvão.
- 165 **Assis Gonçalves** (Horácio) — "Chama da Pátria. Esforço de Portugal na Grande Guerra". Sub-título: "Homenagem da Quinta Divisão do Exército aos Desconhecidos Heróis de Portugal na Grande Guerra da África e da Flandres. A batalha do Lys. Provas da valentia do Exército Português. O monumento de Santa Maria da Vitória. Para a história do lampadário *Chama da Pátria*" — folh. 47 p., il. com 2 fotografias do lampadário "Chama da Pátria" e 1 do mosteiro da Batalha, (0,083×0,155), Tip. da Gráfica Comnibricense Lim.^{da}, Coimbra, 1924. Edição do Autor. Separata do "Correio de Coimbra".
- 166 **Brás de Oliveira** (João) — (Major de Artilharia, do 5.º G. B. A. do C. E. P.) — "O Exército Português na Grande Guerra".
- 167 "Campanha do Sul de Angola em 1915. Relatório do General Pereira de Eça" — 697 p., il. com numerosos mapas e gráficos das operações, (0,090×0,166), Imprensa Nacional, Lisboa, 1923. (Publicação oficial).
- 168 **Campos** (Agostinho de) — "Comentário leve da Grande Guerra — IV — Latinos e germanos" — 317 p., c. il., (0,074×0,126), Tip. da Empresa "Diário de Notícias", Lisboa, 1923. 79 crónicas.
- 169 **Carvalho** (Vasco de) — (Major de Estado Maior, Sub-Chefe de Estado Maior da 2.ª Divisão do C. E. P.) — "A 2.ª Divisão Portuguesa na Batalha do Lys (9 de Abril de 1918)" — 414 p., (0,091×0,153), c. il., il. com fotografias de oficiais, desenhos e cartas do sector português. Com um prefácio do General Fernando Tamagnini, Comandante do C. E. P. Tip. Lusitânia, Lisboa, 1924. Edição da Lusitânia Editora, Lisboa.
(Nos 10 capítulos desta obra é feita a história do "9 de Abril", seus antecedentes e causas, segundo o critério do Autor).
- 170 **Cértima** (António de) — (2.º sargento miliciano do Bat. de Inf. 28) — "A epopeia maldita. O drama da guerra de África" — . . . p., c. il.
- 171 **Coelho** (Manuel Benjamim Rodrigues) — (Cap. do S. A. M., do Bat. de Inf. 12 do C. E. P.) — "Horas de Guerra. Memórias de um Miliciano" (2) — 174 p., c. il. por J. R. Vieira, il. com fotografias, desenhos e um croquis, (0,092×0,144), Tip. Mondego, Fornos-de-Algodres, 1924. Edição do Autor. 12 capítulos; prefácio do Autor.
- 172 **Falcão** (Garibaldi) — "História ilustrada da Grande Guerra" — Impr. de Manuel Lucas Tôrres, Lisboa, 1915. Edição de Guimarães & C.^a, Lisboa. (20 volumes).
- 173 **Ferreira** (Carlos) — (Agente comercial de Portugal em Bruxelas) — "Os alemães na Bélgica. A inviolabilidade e neutralidade da Bélgica e o direito das gentes perante a Convenção da Haya ou os crimes da Alemanha na Bélgica" — 216 p., (0,090×0,160), Guimarães & C.^a, Lisboa. Com uma carta do Ministro da Bélgica em Lisboa.
- 174 **Magalhães Lima** (Sebastião) — "Páginas da Guerra. Terras santas da liberdade. França imortal. Portugal heróico" — folh. 72 p., Soc. Tip. Editora, Lisboa, 1917. (Conferências realizadas no Teatro de San-Carlos e Ateneu Comercial de Lisboa e Teatro Águia de Ouro e Societé Amicale Franco-Portugaise do Porto).
- 175 **Meyer** (Paulo) — "O conflito das nações e a Paz Universal" — folh. 32 p., il., c. il., Sociedade Internacional de Tratados, Lisboa, 192. (Tem 5.ª edição, 1923).
- 176 "Para a história do Corpo Expedicionário Português. Transcrição do diário lisbonense "O Mundo", de 9 de Fevereiro de 1914" — folh. 32 p., 8.º, c. il., Macau, 1924.
- 177 **Pimenta** (Alfredo) — "A significação filosófica da Guerra Europeia. O imperialismo contemporâneo" — folh. 63 p., (0,085×0,140), Tip. da Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1915. Edição da mesma Parceria. Com Prefácio do Autor e um Apêndice. Conferências realizadas na Liga Naval Portuguesa, em 20 de Março e 1 de Maio de 1915).
- 178 **Pires** (António José) — (Cap. de Inf.^a, expedicionário a Moçambique) — "A Grande Guerra em Moçambique" — (Sub-título: "Publicação ilustrada, comemorativa do 6.º Aniversário do Armistício. Colaboração de alguns combatentes") — folh. 84 p. e 2 s. n., c. il., il. com retratos de oficiais expedicionários e 1 carta, (0,082×0,132), Tip. da Comp.^a Port.^a Editora, Porto, s. d. (1924). Edição do Autor.
(Além do Autor, colaboram neste livro: Cap. David Magno, Major Francisco Pedro Curado, Cap. Fernando Moreira de Sá e Dr. João Rodrigues Baptista, Promotor do T. M. T.)
- 179 **Saguier** (Teófilo) — "Falemos da Guerra (Estudo crítico)" — folh. 61 p., (0,078×0,107), Lisboa, 1920. Prefácio do Dr. Santos Gil.
- 180 **Sartori** (pseud.) — "Na Batalha do Lys. A visão do soldado. (Oferecido à Cruz Vermelha)" —

- 176 **Magalhães Lima** (Sebastião)—"Páginas da Guerra. Terras santas da liberdade. França imortal. Portugal heróico"—folh. 72 p., Soc. Tip. Editora, Lisboa, 1917. (Conferências realizadas no Teatro de San-Carlos e Ateneu Comercial de Lisboa e Teatro Águia de Ouro e Societé Amicale Franco-Portugaise do Porto).
- 177 **Mamede** (Jorge Pais d'Oliveira)—Coronel de Infantaria, Comandante do Bat. de Inf.^o 35 do C. E. P.)—"O Rato Cinzento. Contos e episódios da Grande Guerra"—337 p., (0,078×0,130), Tip. da Coimbra-Editora, Coimbra, 1925. Edição da Coimbra-Editora. Com uma carta-prefácio do Autor. (Contém 28 narrativas de guerra, 2 alocuções e 1 capítulo: Em tempo de paz).
- 178 **Meyer** (Paulo)—"O conflito das nações e a Paz Universal"—folh. 32 p., il., c. il., Sociedade Internacional de Tratados, Lisboa, 1920. (Tem 5.^a edição, 1923).
- 179 **Noronha** (Eduardo de)—(Tenente-Coronel do Corpo de Estado Maior)—"O vulcão da Europa. O Attila moderno. (História, compilação e narrativa dos acontecimentos da actual conflagração europeia, contendo grande cópia de gravuras)"—425 p., c. il., il. com numerosas gravuras de scenas e individualidades da guerra, Tipogr. da Empresa Literária e Tipográfica, Porto, 1915. Edição da Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, Lisboa. Com prefácio (Explicação) do Autor. (Contém 18 capítulos).
- 180 "Para a história do Corpo Expedicionário Português. Transcrição do diário lisbonense "O Mundo", de 9 de Fevereiro de 1914"—folh. 32 p., 8.^o, c. il., Macau, 1924.
- 181 **Pimenta** (Alfredo)—"A significação filosófica da Guerra Europeia. O imperialismo contemporâneo"—folh. 63 p., (0,085×0,140), Tip. da Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1915. Edição da mesma Parceria. Com Prefácio do Autor e um Apêndice. (Conferências realizadas na Liga Naval Portuguesa, em 20 de Março e 1 de Maio de 1915).
- 182 **Pires** (António José)—(Cap. de Inf.^o, expedicionário a Moçambique)—"A Grande Guerra em Moçambique"—(Sub-título: "Publicação ilustrada, comemorativa do 6.^o Aniversário do Armistício. Colaboração de alguns combatentes")—folh. 84 p. e 2 s. n., c. il., il. com retratos de oficiais expedicionários e 1 carta, (0,082×0,132), Tip. da Comp.^a Port.^a Editora, Porto, s. d. (1924). Edição do Autor.
- (Além do Autor, colaboram neste livro: Cap. David Magno, Major Francisco Pedro Curado, Cap. Fernando Moreira de Sá e Dr. João Rodrigues Baptista, Promotor do T. M. T.)
- 183 **Ribeiro de Carvalho**—"Maldita seja a Guerra..."—folh. 29 p., (0,085×0,115), c. il. por Alberto de Lacerda, Tipografia Americana, Lisboa, s. d. (1925). (É o vol. n.^o 11 da colecção "Novela Contemporânea" dirigida e editada por Jaime Lança. Contém 3 contos inéditos extraídos do livro com este título presões a publicar-se").
Estes 3 contos, ora apresentados como... amostra, são a coisa mais derrotista e anti-patriótica que conheço escrito à sombra da Grande Guerra.
- 184 **Saguer** (Teófilo)—"Falemos da Guerra (Estudo critico)"—folh. 61 p., (0,078×0,107), Lisboa, 1920. Prefácio do Dr. Santos Gil.
- 185 **Sartori** (pseud.)—"Na Batalha do Lys. A visão do soldado. (Oferecido à Cruz Vermelha)"—folh. 4 p., s. l., s. d. No fim: 9 de Abril de 1921. (Extrato de uma obra em preparação no género "Short-Stories").
- 186 **Sousa** (Fernando de)—"A Grande Guerra (Aspectos cristãos e patrióticos)"—335 p. e 1 s. n., Tip. do Anuário Comercial, Lisboa, 1918.
- 187 **Vieira** (Alzira)—"A missão da Mulher na hora presente"—folh. 16 p. e 1 s. n., (0,098×0,166), Minerva da Papelaria Tavares, Viseu, 1917. Edição da Cruzada das Mulheres Portuguesas (Sub-comissão de Tondela). (Contém: Alocução proferida em 30 de Abril de 1916, na Câmara Municipal de Tondela e Discurso proferido em 6 de Janeiro de 1917, na sessão solene em honra dos mobilizados do concelho de Tondela).
O produto liquido da venda destina-se à Sub-comissão de Tondela da C. M. P.

ANEXO A

- 188 **Conte de Penha Garcia**—"La Patrie Portugaise"—folh. 44 p., (0,081×0,142), l'primerie Atar, Genève, s. d. (1917).
(Conferência feita em Lausanne, em 12 de Maio de 1917, numa festa organizada pelo "Comité de Secours aux Militaires et Civils Portugais pri-sonniers de guerre").

(Continua)

JOSÉ BRANDÃO.

LITERATURA ESPANHOLA

FRANCISCO CAMBA

O renascimento da literatura galega iniciado no fim do século XIX pelas excelsas figuras de Rosália de Castro, Emilia Pardo Bazán e Curros Enríquez, vincou-se hoje com expressivos caracteres. Existe um grupo de escritores bem definidos, cada um com o seu estilo peculiar, com uma visão muito pessoal da vida e dos homens, mas ligados todos eles por uma comunidade de ideais de raça que é fácil distinguir. Dizia Pelunzilla: «lo que dá mayor vitalidad á España es esta aportación libre, independente del espíritu de sus regiones, el poder afirmativo que emana toda a obra enraizada á los temas del suelo natal y que eleva sus propositos hacia el cielo de onde recibiera la primera luz su autor». Neste sentido de afirmação espiritual e estético a Galicia é uma das regiões mais fecundas; os seus artistas, os seus escritores, vivem *emoções profundas*, como disse Miguel Cardí.

Francisco Camba é um dos mais afirmativos escritores galegos. Em Buenos-Ayres publica o seu primeiro livro *Os netos de Icaro*. De regresso, publica em Espanha o *Amigo Chirel*, novela de piedosa ironia, de melancólico sensualismo, duma saudável reminiscência das grandes criações naturalistas. Publica depois *La Revolución*, que recebeu o prémio da Real Academia Espanhola. A-propósito desta obra diz Filipe Merron: «... Es un libro extraño, pintoresco, de una amenidad funambulesca...» Publicou ainda *El vellocino de plata*, *El enigma*, *La noche mil y dos* e *El pecado de Jesus*—novela que sob uma aparente vulgaridade encobre um alto idealismo.

JORGE RAMOS.

PELAS BEIRAS

::: ARGANIL :::

CONTINUANDO no nosso propósito de tornarmos conhecidas todas as terras e povoações de Portugal, tem hoje lugar a importante vila de Arganil.

Situada no distrito de Coimbra, a 60 quilómetros desta linda cidade, fica entre os concelhos de Louzã, Penacova, Tábua, Oliveira-do-Hospital, Góis e Pampilhosa. Em extensão, é uma das maiores do distrito, sendo atravessada pela serra do Açor, contraforte da Serra-da-Estréla.

Numerosas ribeiras, tributárias do rio Alva, que é a artéria hidrográfica principal do concelho, constituem o sistema de irrigação do mesmo.

Arganil foi fundada pelos romanos, sob a designação de «Cidade dos Argos», tendo recebido foral, passando mais tarde para a Sé de Coimbra.

Data do tempo de D. Afonso V o título de «Conde de Arganil», então concedido ao bispo de Coimbra, D. João Galvão, como prémio dos serviços prestados na jornada de África, a Arzila e Tânger.

No século XI ali residiu San-Goldrof (mais tarde prior), no Instituto dos Cônegos Regulares do mosteiro de San-Pedro de Arganil.

Em 1088, Bernardo Pais e sua mulher doaram as suas propriedades ao Santo Varão, e pouco depois o conde D. Henrique e sua esposa D. Teresa tornaram o Prior e o Mosteiro senhores desta vila.

Diz-se que o Bispo de Coimbra, D. Miguel, atacado de sezões, se salvou postrando-se ante a sepultura do Santo Goldrof, que foi canonizado no ano 70 do século XII.

Em 1834 deixou de existir a colegiada que ali havia.

Arganil foi teatro de guerra, quando da terceira invasão francesa, comandada por Massena, tendo-se os seus soldados batido heróicamente, com os de Francoso e Almeida, contra o invasor. Esta vila também foi teatro da luta travada entre os Marçais e os Brandões.

Em Arganil foi educado Júlio Gomes da Silva Sanches, homem notável, que foi presidente da Câmara dos Deputados, ministro e secretário de Estado, e que veio para esta vila com 6 anos de idade e nela exerceu a advocacia.

Foi ainda em Pombeiro, neste concelho, que se educou o grande estadista José Dias Ferreira, um dos grandes juriconsultos portugueses, que foi Deputado e presidente do conselho de ministros e que a Arganil prestou relevantes serviços.

Porém Arganil deve muito, especialmente, a D. Maria Isabel de Melo F. Bulhões, condessa de Canas, que descendia da família dos Melos, originária desta vila. A condessa de

Canas residia em Coimbra na conhecida Quinta da Lapa dos Esteios e por sua morte legou à sua vila natal o seu palácio em Arganil, onde foi então edificado o Hospital e a Misericórdia, o primeiro dos quais tem uma mata anexa.

A população desta vila soube bem agradecer à sua bemfeitora, e assim existe no jardim do hospital o busto desta ilustre senhora sobre uma coluna de mármore. Em baixo há uma figura alusiva a uma mãe que ensina o seu filho a agradecer a esta benemérita.

Dela é também natural o ilustre escritor Dr. Veiga Simões.

Como templos notáveis encontramos os do Senhor da Ladeira, da igreja matriz, Senhor da Agonia, Misericórdia, Senhora do Monte Alto e a de San-Pedro, importante pelo estilo gótico e pela sua magnificência.

Diz a lenda que esta última capela foi construída pelos árabes numa só noite. Junto a ela se encontram vestígios dum grande edifício, que devia ser as ruínas da Aufrágia, cidade romana.

O clima é bom, especialmente no verão. A vegetação é abundante e aí se cultiva bem nabo, frutas, azelte e cereais, notavelmente o milho.

A sua população orça por 35:000 habitantes, aproximadamente. Devido à grave situação económica, daqui emigram muitos dos seus naturais, anualmente, para França, África e América-do-Norte.

O comércio é bastante desenvolvido, e a indústria não o é menos, havendo uma fábrica de cerâmica, uma de serração e outra em construção. Tem algumas escolas primárias.

Como vias de comunicação, tem estradas de macadame para Louzã, Coimbra, Góis, Tábua e um grande caminho de ferro em perspectiva que, saindo de Coimbra, passe por Louzã, Góis e Arganil, e continuará mais tarde pela Beira — talvez...

Pequenas aldeias, como Coja, com sua ponte sobre o Alva e um Paço admirável, e outros subúrbios, tornam a região de Arganil muito atraente.

A construção do caminho-de-ferro de Arganil, a luz eléctrica e outros melhoramentos modernos constituem as aspirações da sua laboriosa população.

O Monte Alto, com grandes chalés, largas avenidas, bons hotéis e águas canalizadas, dará de futuro a esta encantadora vila um aspecto imponentíssimo.

Berço de heróis que derramaram o seu sangue pelo engrandecimento da Pátria, bem merece que os poderes públicos lhe dispensem o devido auxílio.

M. SILVA.



DR. FRANCISCO TEÓFILO DE OLIVEIRA JÚNIOR, ilustre professor efectivo dos liceus e um dos novos mais erudtos das letras portuguesas, de quem publicaremos no próximo fascículo um brilhante estudo sobre...

... sobre Antole Franco

NOTAS E FACTOS FALCÃO TRIGOSO

Só no próximo fascículo nos poderemos referir à exposição deste considerado paisagista, aberta no *Salão Bobone* em 30 de Janeiro último.

Vem a propósito manifestarmos a nossa discordância perante o atentado de que foi vítima o expositor, nas vésperas do encerramento da sua exposição, parece-nos que em consequência de certas afirmações muito particulares — e, portanto, sempre disintiveis, — sobre Arte, com as quais abria o catálogo.

Também nos referiremos no próximo fascículo, entre outras, à brilhantíssima exposição realizada em Lisboa pelo professor da Escola de Belas Artes do Porto, sr. Acácio Lano.



D. BRANCA LOPES MARTINS, a ilustre escritora algarvia e professora efectiva do liceu feminino do Porto, que publicou recentemente um belo livro, na colecção da *Alma Nova*, intitulado «Contos para Crianças».



CRÓNICA

DOS

LIVROS



Foi Eça de Queirós um plagiador?, — por Cláudio Basto, edição de Maranus, Porto, 1924.

O sr. Cláudio Basto, que já tem trabalhos de literatura, de crítica, de filologia e de etnografia, e que tem também grande número de admiradores, acaba de publicar mais um volume muito curioso, intitulado *Foi Eça de Queirós um plagiador?* Este livro oferece-nos uma dupla vantagem: prova uma vez para sempre, com documentação abundante e bem escolhida, a probidade dum talentoso prosador e ao mesmo tempo ensina aos novos o processo de trabalho dos grandes escritores.

Eça não plagiou no sentido desprimoroso desta palavra. Eça procedeu como todos os génios da literatura. Henri Heine escreveu que nas letras como na vida toda a gente tem um pai. Não há escritores puramente originais. O valor deles consiste nisto: continuar o que os outros fizeram, nutrir-se com as obras que os outros deixaram, dilata-las, amplia-las, transforma-las com o fogo do seu temperamento. O talento, diz Flaubert, transmite-se por infusão.

Eça de Queirós precisava de um ensinamento, de uma informação e, como Goethe, procurava-a por toda a parte, vestindo-a com a beleza do seu estilo; tinha sede de inspiração e ia bebê-la às melhores fontes, penetrava o pensamento dos outros e transmitia-o com liberdade e de outra forma. Isto não é plágio; no fimdo será um pouco de imitação, tão necessária na arte de escrever.

Mas se percorrermos as Literaturas veremos a imitação completa muito diferentemente do que se adivinha no nosso melhor realista.

Os Romanos imitaram os Gregos; os séculos xv, xvi e xvii: seduziram-se pela beleza da Antiguidade.

Gil Vicente imitou João del Encina na sua primeira fase; Cristovam Falcão imitou Bernardim; Camões imitou Vergílio e Petrarca; Rodrigues Lobo teve influência camiliana no lirismo; Correia Garção imitou Horácio; António Dinis molda o seu *Hissape* no *Lutrin* de Boileau; Hercúloano robustece o seu talento nos romances de Scott e nas cartas de Tierry. Ninguém ousa censurar estes escritores por terem ido fortalecer a sua inteligência, a sua imaginação no labor dos outros. Eça também deve merecer a nossa maior admiração pelo seu processo de trabalho. E' o que elegante-o magistralmente demonstrou o sr. Cláudio Basto.

Os meus aplausos, pois, a esse erudito minhoto, que, embora longo das boas bibliotecas, vai prestando valiosos serviços às nossas letras.

JOSÉ GUERREIRO MURTA.

O Tejo, — por Ernesto Pereira. Lisboa, 1924. Edição do Autor. E' uma sincera apoteose às encantadoras margens do grande e glorioso rio que tem o nome da *plaque*. 26 páginas de descriptivo, critica, observação e fantasia exuberantes. Prosa ritmada, rica e cheia de movimento. Adivinha-se através dela um belo temperamento de escritor. O sr. Ednardo Pereira apresenta em parêntesis estes dois títulos, que desenvolve: (Meio-dia: No Castelo de Alnada) e (Cascais. Margens do Tejo. A bordo. Tardinha e noite).

A morte da Águia, — versos à memória de Sacadura Cabral, por Eduardo Salgueiro. Porto, 1924. Ed. do A.

Horas altas, horas do profunda emoção. Prece laudatória, tocada do heroísmo e comção patriótica.

«... Silêncio!... De joelhos!...» — começa assim o poeta, e nós ajoelhamos com ele, para ver singrar a Águia no infinito espaço da nossa Ansia, e para a ver tombar depois, dilacerada, no pélago imenso das nossas lágrimas.

Retalhos, — por Jorge das Neres Larcher. Lisboa, 1924. — O sr. capitão Neves Larcher é não só um distinto oficial do nosso exército, mas também um apreciado escritor de assuntos militares e patrióticos. Se os seus trabalhos *Monumentos de Portugal*, *Influência da Mulher na extinção da mendicidade* (tese), *A Instrução e a Educação*, *Livro sobre a Instrução Militar Preparatória*, *Cartilha patriótica* e *O Subalterno de Administração Militar em Campanha*, não o tivessem já imposto ao nosso muito aprêço e

simpatia, este curioso livrinho bastaria para tal. Retalhos compreende, além dum prefácio de D. Adelaide Cabete, os seguintes capítulos, aliás muito curiosamente tratados: *Mulheres Portuguesas* (17 biografias de mulheres que ficaram notáveis na nossa história pelo seu saber ou virtudes patrióticas), *Montegazza e o Amor dos Italianos* (Cotejamento entre aquele e o dos Portugueses), *Nas Praias de Portugal* (Quadro muito rápido do Passado e do Presente nas nossas praias), *A Grande Dor* (1 acto), e *Saudades de Amor que Matam* (conto). A apresentação gráfica, pouco estética, prejudica bastante o conjunto. Sentimos quo o autor não desenvolva mais os assuntos abordados.

Omne Est Nihil, — por Gastón Figueira. Paris, 1924. — Eis um ilustre e muito interessante poeta uruguaiano a quem as letras portuguesas não são indiferentes. As gentis palavras com que de Montevideo nos acaba de remeter o seu último livro, bastariam para autorizar-nos semelhante juízo.

Omne Est Nihil é o xiv volume duma luxuosa colecção sob o título *Hélios*, há anos iniciada e mantida pelo autor.

Gastón Figueira é um sequioso de beleza estética. Basta percorrer com a vista os títulos dos seus volumes. A sua poesia é toda psicológica, de descriptivos íntimos e intensos. A sua leitura embriaga e arrebatada, mas cansa. O poeta arrasta-nos insensivelmente pelas ingremes veredas das suas idealidades:

« Ah!... ¿Qué mano febril aprieta mi cerebro?... »

¿Qué ruido es éste que en la calle suena?... »

¿Alma mía! ¿qué buscas en este hondo limbo?... »

¡Oh!... ¡No meditar más!... Y ya que todo es nada, ya que trajiste al mundo este cansancio eterno, ¡duerme, déjate la inquietud marcha del tiempo, olvídate, arroja tu tortura al abismo del sueño!... »

M. M.

Revistas e outras publicações recebidas

Portugal, revista portuguesa quinzenal ilustrada, do Rio-de-Janeiro. Ano 2.º, n.ºs 32, 33, 34 e 35. Director Literário: *Ruy Chinnca*. Director-gerente: *Oliveira Guimarães*. Esta bela publicação foi a propulsora da esplêndida iniciativa «Casa de Portugal», no Brasil. Colaboração ótima e resenha gráfica curiosa.

La Pensée Latine, revista mensal de literatura, música e de teatro. Boulevard S.º Michel, 30, Paris (6.º). — Particularmente interessante para nós, por publicar mensalmente uma secção portuguesa, dirigida pelo nosso camarada de redacção dr. Pereira da Silva.

Lusitania, revista de Arte, Literatura e História. Porto. Director J. A. Landolt. — N.ºs 2 e 3. 1.º ano (4.ª série). Boa apresentação e es olhada colaboração da gente móça do Porto.

Raio de Sol, mensário ilustrado. Porto. — N.ºs 1 e 2 (1.º Ano). Pequeno órgão, muito útil e simpático, para a petizada das escolas.

Revista das Beiras, órgão da Associação dos Estudantes Beirões, Ano II, n.ºs 16 e 17, Lisboa. — Publicação académica muito bem redigida e profusamente ilustrada com fotografias das diversas regiões e localidades das Beiras. Director: *Pires de Matos*, redactor principal: *Ernesto Pereira*.

Scara Nova, Lisboa, n.ºs 40, 41 e 42. — Colaboração de Raúl Proença, Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Rodrigues Miguéis, Sarmiento de Beires, etc. Doutrina e critica.

Fôlha de Alte (número especial). Alte (Algarve). — Dentro as publicações regionais, a pequena fôlha sertaneja salientou-se com este número duma forma notável, tanto na colaboração como na parte gráfica. São trinta e tantas páginas colaboradas por alguns dos melhores nomes algarvios e minuciosamente envolvidas num linda capa de Bernardo Marques.

“REVISTA DO ALGARVE”

Embora nos falte hoje o espaço, por já estar completo o presente fascículo ao recebermos o 1.º número desta bela revista, não queremos deixar de saudá-la, na pessoa do seu ilustre director, António de Monsanto, como primor gráfico e literário, confiando em que todos os algarvios a saberão manter.



TEATRO · MÚSICA · CINEMAS



O "Teatro Novo". — "Orfeão Donastiarra". — Reposições e novidades

António Ferro, um dos escritores portugueses da nova geração que mais se tem imposto pelo seu inegável talento e pela sua audácia literária, não é apenas um excelente joalheiro de belas frases e inteligentes paradoxos, mas sim também um brilhante espírito de iniciativa e acção.

Critico e autor dramático já representado com ruído em Portugal e no Brasil, não nos surpreendeu por isso a notícia de estar agremiando elementos para a abertura duma nova casa de espectáculos, em Lisboa, com o nome de «Teatro Novo», — «uma boíte que contribua, a pouco-e-pouco, para a renovação do teatro português, pondo-o em paralelo com o teatro estrangeiro».

E' bastante louvável a iniciativa. Lisboa — e quem diz Lisboa diz Portugal — tem necessidade dum *teatro avançado*, onde sejam representados não só os nossos verdadeiros artistas da chamada escola modernista, mas também algumas das principais obras dramáticas dos modernistas estrangeiros.

Convém, no entanto, que a arte verdadeira e o bom senso se dêem as mãos, para que a nova empresa possa resistir ao ambiente de-certo despensivo em que terá de debater-se no princípio.

*

Já o consignou largamente a imprensa diária e nós não queremos deixar de consignar também o nosso reconhecimento à empresa do San-Luís, pela sua arrojada iniciativa de fazer vir a Lisboa o «Orfeão Donastiarra», de San Sebastian, incontestável glória da Espanha musical.

A esforçada empresa prestou assim um grande serviço a todos os nossos amadores de música, porque o orfeão de San Sebastian, além de ser um dos maiores e melhores agrupamentos corais que nos tem visitado é o primeiro que nos veio revelar a obra-prima

do grande mestre, por todos considerada como o «momento supremo da música pura» — a nova sinfonia de Bethoven.

Trouxe-nos também o referido orfeão, no cco das suas 160 vozes, um pouco da alma da Espanha, nalguns dos seus cantos populares regionais.

Bem hajam os que assim nos conseguiram proporcionar tão divinos instantes de beleza e de sonho!

TEATRO NACIONAL. — A encantadora peça «Vivette», tradução do sr. Dr. Vasco Borges, em que foram principais figuras femininas Ilda Stichini e Cremilda de Oliveira, trouxe ao Nacional verdadeiras noites de arte. Ilda sempre brilhante.

SAN-CARLOS. — Depois do «Ninho d'Águias», esplêndido trabalho de Carlos Salvagem, agora revisto e melhorado, em que Lucilia e Furico nos dão, no 2.º acto, uma das melhores provas de quanto valem, e Samuel Dinis definitivamente se afirma. «O sinal d'alarme», agora em scena, é a comédia parisiense representada em Portugal que maior número de representações contará, de-certo. Assunto por vezes escabroso, mas muito bem tratado. Desempenho de Furico, Lucilia Simões e Amélia Pereira, notáveis. Samuel Dinis e Joaquim Almada, óptimos.

SAN-LUÍS. — A estouvada garridice da eterna mocidade de Ausenda de Oliveira e a bela graça de Vasco de Santana, fazem dêste teatro um dos nossos palcos mais queridos. A opereta «O Rato de Hotel», que sucedeu à «Benamar», empolga pelos seus scenários e fina graça.

COLISEU DOS RECREIOS. — Números de circo muito apreciados.

Abre no pr. inverno, com a actriz Palmira Bastos, o teatro Ginnásio.

ERRATA: A páginas 123 do vol. II, linha 2, onde está *oriental* leia-se *ocidental*, e na linha 3, onde está *ocidental* leia-se *oriental*.

· A CRISE DO ENSINO · RESOLVIDA EM PORTUGAL

SÓ NÃO APRENDE QUEM NÃO QUERE

¿QUE CONHECIMENTOS TENDES?

— CURSOS COMERCIAIS —
RECORREI AO INSTITUTO NACIONAL
(Ler anúncio noutro lugar)

¿QUEREIS SER ARTISTA?

ESTUDAIS OS CURSOS DE DESENHO
PELO MÉTODO "A B C"

■ DESEJAI APERFEIÇOAR-VOS ■

em estudos sôbre caminhos-de-ferro, marinha, minas, química, arquitectura, cons'ruções, geometria, indústria hoteleira, trabalhos públicos, serviços hidráulicos, etc.? Dirijir correspondência à Escola de Engenharia Civil.

Ensino sempre por correspondência, todos os cursos em língua francesa, diplôma no fim dos cursos. Pagamento a prestações mensais. Pronorci-nam-se colocações aos alunos que os concluem. Certificados de estudos devidamente reconhecidos pelas altas esferas francesas e belgas. Prestam-se todas as informações. Pessoalmente trata-se todos os dias úteis das 16 às 18 e das 21 às 23. Para correspondência enviar 1 escudo para resposta detalhada.

NÃO PERCAIS TEMPO! NÃO DEMOREIS PARA AMANHÃ O QUE PODEIS FAZER HOJE!

Escrever para a delegação portuguesa destas Escolas

Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D — LISBOA

UM CONVITE!

A TODOS OS QUE SE INTERESSAM

PELO DESENHO



«Croquis» de um aluno

PELO desenho vós podeis instruir-vos e esquecer os dissabores diários, anotando com o lápis ou o pincel as impressões pessoais, discernindo os momentos felizes da vossa existência e fixando-os duma vez para sempre no vosso album de «croquis».

O curso A B C ensinar-vos-lhá imediatamente a fazer «croquis», desde a primeira lição, indicando-vos os princípios de desenho, pelo seu único método e ensino individual e pessoal. Vencereis assim as primeiras dificuldades e sereis rapidamente senhores do vosso lápis e do vosso pincel.

Os que receiam não desenhar convenientemente, se quiserem, se sentirem o desejo, se apreciarem as coisas artísticas, em breve terão a técnica do desenho. O que vos falta é um guia.

Consintam, pois, que o curso A B C vos mostre como aí chegam! Pedir todas as indicações sobre o funcionamento do Curso á

Associação Portuguesa dos Alunos do Curso «A B C» de Desenho

Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D. — LISBOA

Não há um dia que nós não saibamos de novos êxitos de alunos.

Extracto do «Bulletin Trimestrel de la Société des Artistes Antillais», acerca dum concurso para um novo selo:

«M. de Chambertrand (aluno do curso A B C), que foi o primeiro diplomado desse concurso, recebeu as felicitações do governador, na inauguração dos artistas das Antilhas e também a carta de que extractamos o seguinte:

«Folgo muitíssimo em transmitir-lhe as minhas sinceras felicitações, agradecendo-lhe igualmente o facto de ter trazido o concurso do vosso talento a esta festa!...»

Também podeis obter igual êxito e além disso tirar uma parte prática do desenho, applicando-o á illustração, á moda, á publicidade, á ornamentação, etc., etc.

Eliseu & Saraiva, Lim. da

ALFAIATES-MERCADORES

Fazendas Nacionais e Estrangeiras

Fatos em todos os géneros

: Sobretudos e Gabardines:

Óptimo acabamento — Máxima economia

RUA DA PRATA, 103-2.º — LISBOA

PREVIDÊNCIA

COMPANHIA DE SEGUROS
CONTRA
INCÊNDIOS E MARÍTIMOS

Sede em Lisboa: Rua do Ouro, 32-2.º

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

IN MEMORIAM DE
■ CAMILO ■

Direcção artística de

SAAVEDRA MACHADO

Editora: «Casa Ventura Abrantes»

Grosso volume: edição vulgar, 150\$00;
edição especial, 300\$00

10 % de desconto aos assinantes da ALMA NOVA
(Franco porte)

ALIANÇA COMERCIAL VIDREIRA, L. DA

TELEFONE NORTE 4:215

Sede, Escritório e Armazéns de Vendas

29-1.º, Calçada do Garcia, 31 e 31-A (ao Rossio) — LISBOA



Artigos de zinco e ferro esmaltado:
— Alguidares, baldes, tinas, gaso-
metros, etc.

Ferragens: — Camas, lavatórios, talhe-
res, etc.

Artigos de iluminação: — Candieiros,
bocais, torcidas e mais pertences.

Garrações: — empalhados de 1 a 30 li-
tros de capacidade.

Metais: — brancos, niquelados, latões,
tais como: candieiros, palmatórias,
bandejas, lâmpadas para álcool, etc.

Artigos de fantasia: — apropriados
para brindes: candieiros em separa-
do e em serviços, jarras, garrafas,
copos, estojos e outros objectos.

PREÇOS: SEMPRE AOS MELHORES DO MERCADO

■ Importações directas ■

EXPORTAÇÕES PARA TODO O CONTINENTE E ILHAS

(*acção ofensiva*). Rejundicar, e sendo possível neutralizar, antes da eclosão, os preparativos offensivos do inimigo, e contribuir para o rápido restabelecimento do equilibrio das forças em benefício da defesa (*acção defensiva*).

2.º — *Em todas as occasões*, incomodar e causar perdas ao inimigo, em harmonia com a importância dos objectivos e as disponibilidades em munições.

Esta *missão geral* traduz-se para as Baterias numa série de *missões particulares* que, dadas a natureza, resistência, distancia e características especiais dos objectivos e obstáculos que a Grande Guerra criou e desenvolverem, exigem não só a cooperação de todos os calibres no Campo de Batalha, e a acção de materiais de potencia e características muito diversas, como ainda, uma *mobildade de fogo* que lhe garanta uma *acção em massa* e *por surpresa* sobre objectivos de qualquer natureza, quer próximos quer distantes, e seja qual for o seu grau de protecção, quando essa diversidade de *missões particulares* que a Artelharria tem que desempenhar no Campo de Batalha, e que a obrigam a utilizar materiais de todos os calibres e de todas as potências, provocoem a sua diferenciação em 3 categorias principais:

BIBLIOTECA MILITAR

BIBLIOTECA MILITAR

O COMBATE MODERNO

**Breves notas
âcerca da missão,
emprêgo e
organização da
Artelharria de
Campo de Batalha**

Pelo Ten.-Coronel
J. J. FERREIRA DA SILVA
LISBOA

A *Artelharria ligera*, caracterizada pelo pequeno calibre (7,5 a 9), pequeno alcance (até 10 km.), tiro rapido, trajectoria tensa, fraca potencia e grande mobildade, tem por especial missão o *apoiio directo da Infantaria*, por meio de tiro sobre alvos animados, cursos de assalto, etc., podendo ainda atribuir-se-lhe outras missões, tais como a neutralização de baterias inimigas não protegidas ou fracamente protegidas, destruição de defensas accessorias, interdicações proximas, intercepção com granadas de gás, etc.

A *Artelharria pesada*, que por sua vez se subdivide em 3 categorias:

ARTELHARIA PESADA CURTA.
ARTELHARIA PESADA COMPRIDA.
ARTELHARIA PESADA DE GRANDE POTENCIA.

A *Artelharria pesada curta*, caracterizada da por alcances médios (10 a 15 km.), grande ou média potencia, trajectoria pouco tensa e grande mobildade, compreendendo *obuses* e *morteiros* de calibres entre 10 e 22 centi-

ARTELHARIA LIGERA.
ARTELHARIA PESADA.
ARTELHARIA DE TRINCHEIRA.

O COMBATE MODERNO

BIBLIOTECA MILITAR

A *acção em massa*, aliás já preconizada por Napoleão, mas por completo esquecida por Franceses e Alemães em 70, e muito pouco posta em prática nos primeiros períodos da *Grande Guerra*, garante efeitos morais e materiais rápidos, eficazes e por vezes decisivos, e consegue-se concentrando um grande número de bocas de fogo de todos os calibres e potências na mesma zona de terreno, e fazendo em seguida actuar com um máximo de rapidez e precisão a *massa das suas trajectórias*, sucessivamente, sobre objectivos bem determinados.

A *acção de surpresa* constitue, pode dizer-se, a condição primordial e essencial de garantia do successo, especialmente numa *acção ofensiva*, e consegue-se pela integral utilização da faculdade que hoje a Artelharria possui de poder tomar posição e combater a coberto das vistas, e até dos fogos, do inimigo, logo que as prescrições regulamentares sejam fielmente cumpridas, todas as precauções sejam judiciosamente tomadas, e se não esqueçam os mínimos detalhes de dissimulação.

Do que acabamos de expor, conclue-se evidentemente que a moderna Artelharria necessita ser dotada de 2 qualidades indispensáveis:

1.º — *Durante o combate*, abrir caminho à infantaria, destruindo ou neutralizando todos os obstáculos que se oponham à sua marcha, quer sejam tropas quer organizações do Campo de Batalha

alinhadas do actual *Regulamento Francês*:

Batalha pode sintetizar-se nas seguintes duas Guorras, a missão da Artilharia no Campo do Grande efeito, antes como depois da Grande evolução.

Com efeito, antes como depois da Grande evolução, e que tiveram que sofrer uma importante cessita dispor para desemponhar essa missão Grande Guerra, porém os meios do que não-que lho estava atribuída antes da missão moderna é absolutamente idêntica à *missão geral* da Artilharia no combate

Breves notas acerca da missão, emprêgo e organização da Artilharia do Campo de Batalha.

O COMBATE MODERNO

EDIÇÃO DA
"ALMA NOVA"
:: MCMXXV ::
COLEÇÃO
RESSURGIMENTO

Esta tem por especial missão a *contra-bateria* sobre objectivos que não podem ser batidos pelas categorias de Artilharia, quer pela sua distância quer pelo seu grau de protecção; *interdições* a grandes distâncias; *destruições* de objectivos importantes e

A Artilharia pesada de grande potência, caracterizada por grandes alcances (20 a 25 km.), grande poder destruidor garantido por projecteis de forte carga explosiva, traca velocidade de tiro, mobilidade variável com o sistema de transporte empregado, o compreendendo bocas de fogo curtas e *compridas*, de calibres superiores a 20 centímetros.

A Artilharia pesada comprida, caracterizada por grandes velocidades iniciais, média e grandes alcances (15 a 20 km.), grande mobilidade, compreendendo *pegas* de calibres entre 10 e 20 centímetros, o tendo por principal missão a *contra-bateria*, *interdição*, *concentração* de fogos, etc.

motros, e tendo por especial missão a *destruição* das organizações inimigas do Campo de Batalha, a *contra-bateria*, e eventualmente a *neutralização* o a *interdição*.

6 BIBLIOTECA MILITAR

7 O COMBATE MODERNO

longínquos (depósitos de munições, gases, obras de arte, etc.), ou de organizações particularmente sólidas do Campo de Batalha.

A *Artelharía de Trincheira* é uma *artelharía ligeira* cujos projecteis lhe fornecem uma potência comparável à da *artelharía média*. É caracterizada por fracos alcances (1:000 a 2:500 metros), grande ou média potência, trajectórias pouco tensas, pequena ou média velocidade de tiro, fraca mobilidade e grande rusticidade; compreendendo materiais muito curtos e de calibre médio (*morteiros* de 58^{mm}, 150^{mm} e 240^{mm} na artelharía francesa), o tendo por principal missão a *destruição* das organizações inimigas da 1.ª linha, o tiro com *granadas de gás*, o ainda, transportada em carros «à *chenilles*», o *acompanhamento da Infantaria*.

*

No *combate moderno*, para que a acção dos fogos da Artelharía atinja um máximo de eficácia é indispensável que os seus efeitos, tanto de ordem material como de ordem moral, sejam inesperados, rápidos o violentos, e êsse «desideratum» só pode alcançar-se, como dissemos, garantindo à artelharía a *acção em massa e por surprêsa*.

CHÁ

"GORREANA"

SABOROSO
ECONÓMICO
SAÚDEVEL

Peçam sempre chá "Gorreana"

JAIME HINTZE

PRODUTOR

Ribeira Grande — San-Miguel — AÇORES

Litografia

MATA

Trabalhos litográficos em todos os géneros.

Os mais baratos por serem os mais perfeitos.

FABRICO DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.^a

Cartas para todos os jogos, em cartão de linho transparente, couche e algodão.
Jogos da Glória, Assalto, Dominó, Loto, etc. Venda avulsa de rótulos para licores, xaropes, aguardentes, etc.

Escritório Central — R. da Madalena, 60 a 70 — Lisboa
TELEF. 3625 C.

Officinas — R. do Barão, 2 a 4, 4.º Sé (Edifício próprio)
TELEF. 6177 C.

A MELHOR OFICINA DO PAIZ

Pequenos anúncios — Úteis e económicos — Cada linha, 1 escudo

COMÉRCIO E INDÚSTRIA. Jornal mensal para propaganda do comércio e indústria nacionais. Assinatura anual, 10 escudos. Redacção e Administração: Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D. — LISBOA.

A CABA de aparecer o PORTUGAL QUIMICO. Único jornal químico português. Publica-se mensalmente. Assinatura anual, 10 escudos. Redacção e Administração: Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D. — LISBOA.

UM BOM NEGÓCIO. Com uma pequena quantia e dispondo algumas relações aliadas a uma boa propaganda, podeis auferir grandes lucros e mesmo um grande capital. Prospectos iludicativos em várias linguas. Escrever enviando selo para resposta a Comércio e Indústria. Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D. — LISBOA.

TODOS os escritores e amigos da literatura devem assinar *La Pen-sée Latine*. Publicação mensal. Única revista literária francesa com páginas em Português. Assinatura anual, 12 escudos. Aceita-se colaboração. Direcção da Secção Portuguesa: Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D. — LISBOA.

ACEITAM-SE assinaturas para todos os jornais e revistas regionais, literárias e científicas nacionais e estrangeiras. Prestam-se todos os informes. Enviar sempre porte. Na redacção do *Portugal Químico*, Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D. — LISBOA.

FOTOGRAFIA PORTUGAL. Se quer ter um bom retrato não deixe de ir a esta casa. Fotografias em todos os géneros. Fornecem-se ampliações. Luís d'Assumpção, Lim.^a — Calçada do Duque, 18 — LISBOA.

BIBLIOTECA LUSA (Edições Ressurgimento, em organização), com secções infantil, primária, secundária, superior, técnica e popular. Admitem-se colaboradores. Fornecem-se todos os detalhes na Redacção do *Portugal Químico*.

TROCA DE CORRESPONDÊNCIA. M.^{me} Villemot — 15, Rue St. Didier — à Langres (Ht.^e Marne), FRANÇA. Deseja trocar correspondência com senhora portuguesa ainda nova, para aperfeiçoamento mútuo de Português e Francês.

Faz a Barba?

Em casa ou no barbeiro, homens e rapazes, usem sempre o

PILOR VERITAS

(Marca registada)

Loção contra a fogueira e ardor causado pela navalha de barba.

Cicatrizante poderoso, que amacia, refresca e desinfecta a pele, evitando FOLICULITES, SICOSIS e outras infecções.

Com a sua aplicação pode fazer a barba todos os dias sem o menor incómodo.

DEPÓSITO

Mendes & Braga, Lim.^{da}
FARMACÊUTICOS

133, Rua do Mundo, 135 — LISBOA

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{da}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL - NORTE - 3538

INTE-RESSA-VOS

ANNUNCIAR NA
"ALMA NOVA"

PORQUE É A REVISTA PORTU-
GUESA

MAIS LIDA NO

PAÍS

A "ALMA NOVA" é lida nos Consulados, Legações e Associações comerciais de todos os países.
■ E' DO SEU PROGRAMA tornar conhecidos lá fora todos os nossos produtos de exportação ■

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA,"

(COLEÇÃO RESSURGIMENTO)

: Pedidos à C. João do Rio, 8-1.º — Lisboa :

Sangue d'Epopeia — <i>A Artilharia Portuguesa na Flandres</i> , por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1 vol. ilustr., broch., 5\$00; carton.	15\$00	A Educação Moral — <i>Pelos exercícios de redacção</i> , (com a metodologia deste ensino), por José GUERREIRO MURTA	4\$00
De Portugal à Flandres, id., broch.	1\$00	Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES	3\$50
Sinfonia Macabra — <i>Máximas da Kultur</i> , id., id. 1\$00	1\$00	O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SAABEDRA MACHADO: edição de luxo, formato grande e profusamente ilustrada (a entrar no prelo)	
Minha Pátria — <i>Poema em 3 livros e 3 jornadas</i> , id., id., 2.ª edição, broch., 3\$00; carton.	7\$50	Eça de Queirós — «Revelado por uma ilustre senhora de sua família» (D. C. D'EÇA DE MELO)	3\$00
Cantigas (2.ª edição), por REBÉLO DE BETTENCOURT, com prefácio de Luís Chaves. 1 vol. br.	2\$50	A carta, um acto em verso, por <i>Mateus Moreno</i> (no prelo)	
Odes de Anacreonte, por LUÍS CALADO NUNES	2\$50	Contos para crianças, por D. BRANCA LOPES MARTINS, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. <i>Maranus</i> — Porto)	3\$00
Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES. 1 vol. broch., com ils. de Rafael Bordalo	5\$00	A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. ils.	1\$00
O Inverosímil — <i>Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINHA DE NADAVALE</i> (CRUZ MAGALHÃES).	2\$00		

"ALMA NOVA" volumes I e II da 3.ª série, encad. 35\$00, broch. 2\$00

Em todas as remessas destes livros se faz o desconto de 20 % aos assinantes da *Alma Nova*

A EMPRESA EDITORA DA "ALMA NOVA" ENCARRREGA-SE DA COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E BROCHURA DE LIVROS E QUAISQUER PUBLICAÇÕES, A PREÇOS EXCEPCIONALMENTE CONVIDATIVOS

Também se executam encadernações em todos os géneros e fazem-se remessas de quaisquer livros, franco-porte

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO :: E CONTABILIDADE :: POR CORRESPONDÊNCIA

NO ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 257 matrículas. No ano seguinte o número dos alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devendo este a maioria das matrículas que se vão registando diariamente à propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto, mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vez maior, lastimando muitos o tempo que levaram a tomar a resolução de requisitar matrícula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interesse, depreciam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matrícula nos cursos de Escritação e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional — Largo Trindade Coelho, n.º 6 — LISBOA.

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua sede.

"ALMA NOVA" INTERESSA A TODOS OS PORTUGUESES.
OS VERDADEIROS PATRIOTAS DEVEM ASSINÁ-LA